

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS – MESTRADO**



DISSERTAÇÃO

Artefatos e “cArtografias”:

O Ensino da Arte e a Ressignificação do Ambiente

Jaison Couto de Souza

Pelotas, 2019

JAISON COUTO DE SOUZA

Artefatos e “cArtografias”:

O Ensino da Arte e a Resignificação do Ambiente

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - Mestrado do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes visuais.

Orientador:

Cláudio Tarouco de Azevedo

Pelotas, 2019

JAISON COUTO DE SOUZA

Artefatos e "cArtografias":

O Ensino da Arte e a Resignificação do Ambiente

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Artes Visuais, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Banca: 02/09/2019

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo (Orientador)
Pós-doutor em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

.....
Prof^ª. Dr^ª. Denise Marcos Bussoletti
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

.....
Prof. Dr^ª. Nádia da Cruz Senna
Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP)

**Aos meus pais,
Celso Fonseca de Souza
Alda Couto de Souza (in memoriam)**

RESUMO

SOUZA, Jaison Couto de. **Artefatos e “cArtografias”**: O Ensino da Arte e a Ressignificação do Ambiente. 2019. 172f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2019.

Esta dissertação é consequência de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas PPGAV/UFPel. Os dados produzidos resultam de ações pedagógicas e experiências estéticas vivenciadas a partir das aulas de Artes com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Prof. Armando das Neves, na cidade de São Lourenço do Sul/RS, situada na orla da Laguna dos Patos. O principal objetivo foi promover o cuidado com o meio ambiente e, com isto a produção de novos olhares e subjetividades. Trata-se de uma pesquisa-intervenção de cunho investigativo-pedagógico, artístico e socioambiental embasada na articulação entre o método cartográfico (Deleuze; Guattari) e a a/r/tografia (Dias), a qual denominei “cArtografias”. Nessa perspectiva apresento análises e reflexões com base na minha autobiografia, nas proposições que realizei com meus estudantes e nos artefatos artísticos por mim produzidos. São referências fundamentais a esta investigação o filósofo francês Félix Guattari e sua obra “As Três Ecologias”, bem como, o artista e professor Dr. Paulo Damé, a partir do “Artefato” que se configura como referencial artístico à pesquisa. A partir da produção artística autoral e de estratégias pedagógicas, desenvolvi uma dialética entre o professor e o artista que transpôs o espaço da sala de aula e do atelier e, além disso, promoveu tanto para mim, quanto para os estudantes, reflexões e uma compreensão mais ampla e crítica em relação a nossa realidade socioambiental.

PALAVRAS-CHAVE: Arte/educação; meio ambiente; “cArtografias”; microintervenção artística e pedagógica, arte contemporânea.

ABSTRACT

SOUZA, Jaison Couto de. **Artifacts and "cArtographies"**: The Teaching of Art and the Resignation of the Environment. 2019. 172p. Dissertation (Masters in Visual Arts) – Post-graduate Program in Visual Arts, Arts Center, Federal University of Pelotas, Pelotas-RS, 2019.

This dissertation is the result of a research developed in the Graduate Program in Visual Arts of the Federal University of Pelotas PPGAV / UFPel. The data produced result from pedagogical actions and aesthetic experiences experienced from the Arts classes with students of the Municipal School of Elementary Education (E.M.E.F.) Prof. Armando das Neves, in the city of São Lourenço do Sul / RS, located on the edge of the Patos Lagoon. The main objective was to promote care with the environment and, with this, the production of new looks and subjectivities. It is a research-intervention research-pedagogical, artistic and socio-environmental based on the articulation between the cartographic method (Deleuze; Guattari) and a / r / tography (Dias), which I called "ctotographies". From this perspective I present analyzes and reflections based on my autobiography, the propositions I made with my students and the artistic artifacts I have produced. The French philosopher Félix Guattari and his work "The Three Ecologies", as well as the artist and professor Dr. Paulo Damé, are fundamental references to this research, starting from the "Artifact" that is configured as an artistic reference to research. From the author's artistic production and pedagogical strategies, I developed a dialectic between the teacher and the artist that transposed the space of the classroom and the atelier and, in addition, promoted for me as for the students, reflections and a more understanding broad and critical in relation to our socio-environmental reality.

KEY-WORDS: Art / education; environment; "cArtographies"; artistic and pedagogical micro-intervention, contemporary art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: E.M.E.F. Armando das Neves, 2018. Fotografia Digital.....	13
Figura 2: Pescador tecendo a rede, 2018. Fotografia Digital.....	14
Figura 3: Lixo na Laguna dos Patos, 2018. Fotografia Digital.....	15
Figura 4: Lixo na Laguna dos Patos, 2018. Fotografia Digital.....	16
Figura 5: Coleta de pedras na orla da Laguna dos Patos, 2018. Fotografia Digital.....	21
Figura 6: Coleta de pedras na orla da Laguna dos Patos, 2018. Fotografia Digital.....	21
Figura 7: Aluna pintando os artefatos em aula, 2018. Fotografia Digital.....	23
Figura 8: Aluna pintando as pedras em aula. 2018. Fotografia Digital.....	24
Figura 9: Artefato. Paulo Damé, 2002. Catálogo Brasil Telecom.....	28
Figura 10: Produção em série, 2006. Fotografia Analógica.....	42
Figura 11: Artesanato em couro, 2006. Fotografia Analógica.....	43
Figura 12: Aula de desenho de observação, 2009. Fotografia Digital.....	46
Figura 13: Aula de desenho de observação, 2009. Fotografia Digital.....	47
Figura 14: Capa do Artefato, 2007. Fotografia Digital.....	48
Figura 15: Página interna do Artefato, 2007. Fotografia Digital.....	49
Figura 16: Página interna do Artefato, 2007. Fotografia Digital.....	49
Figura 17: Página interna do Artefato, 2007. Fotografia Digital.....	50
Figura 18: Colonas. Di Cavalcanti,1940. Google imagens. Fotografia Digital.....	52
Figura 19: Diloça, 2009. Revista Vip Pelotas. Fotografia Digital.....	52
Figura 20: As respigadeiras. Jean François Millet,1857. Google imagens.....	58
Figura 21: Artefatos e afetos. Cláudio Azevedo, 2018. Fotografia Digital.....	66
Figura 22: Artefatos e afetos. Daniel Moura, 2018. Fotografia Digital.....	67
Figura 23: Alunos, artefatos e afetos. 2018. Fotografia Digital.....	68

Figura 24: Mapa região Sul/RS. 2018. Google imagens.....	71
Figura 25: Pedras Matrizes, 2018. Fotografia Digital.....	72
Figura 26: Sacos de couro, 2018. Fotografia Digital.....	73
Figura 27: Mapa poético, 2018. Fotografia Digital.....	74
Figura 28: Mapa poético, 2018. Fotografia Digital.....	75
Figura 29: "RE", 2018. Fotografia Digital	78
Figura 30: "RE" Cartão postal, 2018. Fotografia Digital.....	80
Figura 31: "RE" Cartão postal, 2018. Fotografia Digital.....	83
Figura 32: "RE" Cartão postal, 2017. Fotografia Digital.....	85
Figura 33: Spyral Jetty. Robert Smithson, 1970. Google imagens.....	87
Figura 34: Acampamento no Rio Barroço, 2018. Fotografia Digital	87
Figura 35: Empilhamento de pedras no Rio Barroço, 2018. Fotografia Digital.....	89
Figura 36: Empilhamento de pedras no Rio Barroço, 2018. Fotografia Digital.....	93
Figura 37: Empilhamento de pedras no Rio Barroço, 2018. Fotografia Digital.....	93
Figura 38: Reminiscências. Daniel Moura, 2019. Fotografia Digital	97
Figura 39: Reminiscências (detalhe), 2019. Fotografia Digital	98
Figura 40: Vista aérea do bairro Navegantes, 2011. Defesa Civil	106
Figura 41: Revitalização da sala de artes, 2019. Fotografia Digital.....	111
Figura 42: Revitalização da sala de artes, 2018. Fotografia Digital.....	112
Figura 43: Revitalização do espaço escolar, 2019. Fotografia Digital	112
Figura 44: Revitalização do mobiliário, 2017. Fotografia Digital	113
Figura 45: Revitalização do espaço escolar, 2018. Fotografia Digital	113
Figura 46: Paisagem, 2015. Fotografia Digital	120
Figura 47: Pescador tecendo a rede, 2018. Fotografia Digital.....	121
Figura 48: Alunos em caminhada na orla da Laguna dos Patos, 2018. Fotografia Digital.....	123
Figura 49: Passeio na orla, 2018. Fotografia Digital	125
Figura 50: Flor do Mangue. Frans Krajcberg, 1970. Google imagens.....	130

Figura 51: Artefatos, 2018. Fotografia Digital	135
Figura 52: Intervenção na praia, 2018. Fotografia Digital.....	135
Figura 53: Intervenção na praia, 2018. Fotografia Digital	136
Figura 54: Intervenção na praia, 2018. Fotografia Digital	137
Figura 55: Passeio na orla da laguna, 2018. Fotografia Digital	141
Figura 56: Passeio na orla da laguna, 2018. Fotografia Digital	142
Figura 57: Passeio na orla da laguna, 2018. Fotografia Digital	143
Figura 58: Alunos EJA produzindo artefatos, 2018. Fotografia Digital.....	147
Figura 59: Aluno e seu artefato, 2018. Fotografia Digital.....	147
Figura 60: Aluno e seu artefato, 2018. Fotografia Digital.....	149
Figura 61: Microintervenção na praia, 2018. Fotografia Digital	152
Figura 62: Artefatos, afetos e alunos, 2018. Fotografia Digital	153
Figura 63: Estágio docência. Cláudio Azevedo, 2018. Fotografia Digital	156

SUMÁRIO

O CAMINHO DAS PEDRAS.....	11
1. Construindo um Olhar Sensível	33
2. Artefatos e “cArtografias” – Poéticas do Cotidiano.....	62
3. Percursos “cArtográficos” – Docência e Microintervenção Artística	102
NO MEIO DO CAMINHO	158
REFERÊNCIAS	168

O Caminho das Pedras

Nesta dissertação serão apresentadas as ações, bem como os resultados do projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGAV/UFPel, na linha de pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, concentração em "arte contemporânea". De cunho artístico, pedagógico e socioambiental, a investigação foi desenvolvida com estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental (E.M.E.F.) Prof. Armando das Neves (Figura 1), no município de São Lourenço do Sul/RS.

Devido a sua posição geográfica às margens da Laguna dos Patos, entre os anos de 1996 e 2002, a Escola Armando das Neves sediava a primeira escola de pesca do estado do Rio Grande do Sul, em virtude da importância econômica e cultural que o pescado representava para o município naquele momento. Segundo o historiador Edilberto Luiz Hammes (2010. p.320), eram oferecidas aos alunos, a partir do quinto ano do ensino fundamental,

disciplinas como: A Arte da Pesca, Tecnologia do Pescado, Mecânica e Construção Naval, entre outras relacionadas à pesca, navegação e legislação pesqueira.

A economia do município baseia-se na agricultura, pecuária e turismo, porém, o bairro Navegantes e a comunidade de pescadores denominada Z8, na qual a escola está inserida - localizada entre a encosta da Laguna dos Patos e o Arroio São Lourenço -, a atividade pesqueira artesanal ainda mantém-se como fonte de renda de algumas famílias. Neste sentido,

Até hoje, nessa zona, entre bonitas residências recentemente construídas, pode-se observar a permanência de numerosas modestas casas de pescadores que testemunham suas antigas tradições. Ali ainda se pode observar seus aspectos típicos, seus costumes e se apreciar a interessante atividade artesanal de tecerem suas próprias redes de pesca (HAMMES, 2010, p. 210).

Figura 1: E.M.E.F. Prof. Armando das Neves, 2018
Fonte: Arquivo pessoal.



Apesar do desenvolvimento urbano e arquitetônico que conferem ao bairro o caráter praiano, a maioria dos pescadores artesanais são moradores ribeirinhos, os quais a imagem fotográfica (Figura 2) evidencia de forma poética o enunciado do historiador local.



Figura 2: Pescador tecendo a rede, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

A escassez do pescado e a consequente decadência da atividade pesqueira e da renda advinda da pesca são fatores determinantes para a comunidade Z8, que nos dias de hoje mantém-se também, através da dinâmica imobiliária turística, oferecendo suas próprias residências aos visitantes nas temporadas de veraneio. Segundo Hammes (2010 p. 212), “a produção pesqueira sofreu redução nos últimos anos, devido à pesca predatória dentro do período da desova e pela utilização de redes de malha fina”. Tais ações, somadas às oscilações de salinidade e demais propriedades das águas estuárias, não propiciam extração constante e estável de pescado, provocando essa escassez com incidências imprevisíveis, decorrentes do desequilíbrio ecológico.

Assim pensando, é impossível dissociar as questões ambientais dos projetos pedagógicos que desenvolvo na escola, pois essas estão impregnadas em meu cotidiano, visto que, nos últimos sete anos atuo como arte/educador e

resido no bairro Navegantes, onde se congrega a comunidade de pescadores Z8, no referido município.

Desde então, foi possível perceber que há uma resistência por parte da comunidade local e dos visitantes acerca de práticas individuais e coletivas em relação ao consumo consciente dos recursos naturais, tomando como exemplo ações como a pesca predatória e o descarte indevido de resíduos no ambiente. O lixo depositado nas praias no entorno da escola evidencia a falta de práticas responsáveis pelo ambiente, como podemos observar nas figuras 3 e 4.



Figura 3: Lixo na orla da Laguna dos Patos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 4: Lixo na orla da Laguna dos Patos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Em face desta condição socioambiental se faz necessário uma reconstrução coletiva capaz de dar novos significados às subjetividades e ao cotidiano dessa comunidade (Navegantes/Z8), que tem sua origem cultural e econômica baseadas na pesca artesanal. Assim pensando,

Certamente seria inconcebível pretender retornar a fórmulas anteriores, correspondentes

a períodos nos quais, ao mesmo tempo, a densidade demográfica era mais fraca e a densidade das relações sociais mais fortes que hoje. A questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo. E não somente pelas intervenções "comunicacionais", mas também por mutações existenciais que dizem respeito à essência da subjetividade (GUATTARI, 2012, p. 16).

Entendo que essa renovação social requer conscientização e reorganização dos indivíduos a respeito de seu papel como integrantes do processo natural, bem como, da relevância das ações locais e de sua repercussão em escala global. As escolas são espaços propícios para os jovens aprofundarem seus conhecimentos em arte como instrumento de inserção social. Porém, vivenciamos diariamente na escola pública a baixa qualidade nos projetos na área da educação e da cultura e a carência de ações que fomentem o desenvolvimento sociocultural de comunidades de baixa renda inseridas em ecossistemas vulneráveis à ação humana, como por exemplo, o bioma pampa banhado pela Laguna dos Patos.

Diante da conjuntura social, ambiental e cultural dessa comunidade, propõe-se um projeto de microintervenção artística nas praias no entorno da escola. A esse respeito, o filósofo francês Félix Guattari (1985) sugere-nos ações coletivas microsociais e micropolíticas, em que o exercício da cidadania desenvolva-se a partir de novas modalidades de organizações da subjetividade, fundamentadas pelo desejo e em processos que se dão fora dos padrões impostos pela cultura e pelo sistema capitalista tradicional.

No ano de 2016, ao cursar a disciplina "Poéticas Audiovisuais: dispositivos ecosófos para a produção e ensino da Arte", ministrada pelo professor Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo no PPGAV - UFPel, foi possível desenvolver uma proposta para trabalhar nas aulas de artes da referida escola, uma atividade pedagógica de microintervenção artística que deu origem ao projeto de pesquisa desenvolvido.

O mesmo é fundamentado em ações coletivas solidárias por parte dos alunos e da comunidade local, bem como das pessoas que visitam a cidade de São Lourenço do Sul. Nesta perspectiva, o projeto de pesquisa traz à tona alguns questionamentos apontados na experiência vivida anteriormente, ao mesmo tempo em que abre caminhos a novas cartografias e possíveis desdobramentos.

O objetivo principal do projeto de microintervenção foi desenvolver entre os alunos práticas educativas reflexivas visando à ressignificação das subjetividades; analisando os processos e as relações entre os sujeitos participantes e a construção de novos significados sobre o meio ambiente por meio da leitura crítica e sensível da realidade, bem como das nossas ações sobre a mesma e a promoção de valores de cuidado. Além disso, o objetivo foi promover a produção artística dos envolvidos com as ações da pesquisa, inclusive a minha. Assim, é possível constituir um coletivo de sujeitos

autores, engajados e comprometidos em um projeto voltado à transformação dessa realidade socioambiental.

Os objetivos específicos são quatro: difundir entre a comunidade escolar e a população em geral, bem como os turistas, mensagens reiterando os cuidados necessários em relação ao descarte de resíduos nas praias e áreas naturais da cidade; produzir audiovisuais valendo-se dos aparelhos celulares dos alunos, na tentativa de dar novo significado a esse recurso tecnológico no âmbito escolar e nas aulas de artes; reiterar entre os alunos a necessidade de uma melhor relação consigo mesmo, com seus colegas e com os meios social, cultural e natural e, além disso, as metodologias abordadas subvertem os padrões normatizados de fazer pesquisa na área de artes, pois, buscam aproximações e novas formas de saber entre o fazer artístico e a docência em artes.

Assim expostos, os objetivos deste trabalho estão em consonância com a obra de Guattari "As Três Ecologias", na

medida em que buscam dar novos significados às ecologias ambiental, social (das relações sociais) e mental (da subjetividade humana). Segundo o filósofo (2012), os limites dos poderes técnico-científicos, a revolução da informática e da robótica, bem como as experiências genéticas e o advento da globalização, constituem um estado irreversível que requer reorientação e recomposição dos objetivos e dos métodos do conjunto social. "Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender a pensar "transversalmente" as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referência sociais e individuais" (GUATTARI, 2012, p.25).

Entendo que essa renovação social implica em rompermos com o pensamento simplificador e linear já instituído, propondo, de forma geral, engendrar novas ações individuais e práticas coletivas. Uma prática local transformadora é uma possibilidade de reverberação em outros âmbitos da vida cotidiana. Segundo Guattari,

A noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem “proveito” a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade. É o conjunto do futuro da pesquisa fundamental e da arte que está aqui em causa (2012. p.51).

Neste sentido, acredito que a escola é um lugar preponderante frente às necessidades de transformações socioambientais, sendo capaz, portanto, de transformar os sujeitos e recriar processos subjetivos e relacionais embasados em uma educação ética, poética, estética e política. A partir dessas premissas, problematizamos a relevância das ações socioambientais no âmbito do ensino de artes.

Novas solidariedades, práticas estéticas, práticas microssociais e micropolíticas são tendências contemporâneas voltadas às transformações subjetivas e sociais. Em que proporções projetos dessa natureza podem influenciar a resignificação das subjetividades e do cotidiano dos alunos? Qual é o significado dessas ações e interações

para os alunos participantes do projeto de microintervenção, no que tange a suas capacidades de sensibilização, reflexão e resignificação do cotidiano? Qual a relevância e a potencialidade desse projeto de microintervenção para a comunidade local e os visitantes usuários das praias em São Lourenço do Sul?

Em síntese, questionamos como promover o cuidado com o meio ambiente e, com isto a produção de novos olhares e subjetividades por meio de ações artísticas e pedagógicas?

Caminhar pela orla da laguna em contato com a natureza e propor aos alunos atividades ao ar livre, vai além de uma prática pedagógica; é uma atitude que desenvolvo em meu cotidiano no que tange à responsabilidade de habitar e atuar como arte/educador em uma área natural do ecossistema Laguna dos Patos.

Descobrir esses espaços naturais a partir destas caminhadas com os alunos permitiu-nos conhecer, reconhecer e mapear este território em constantes

transformações geográficas, arquitetônicas, ambientais e os impactos das ações humanas sobre o mesmo. As práticas artísticas a partir de caminhadas em grupos como forma de intervenção urbana são formas de perceber o mundo através dos caminhos percorridos, bem como, das experiências sensíveis e afetivas possíveis nestes deslocamentos. Neste sentido,

O que se quer indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas (CARERI, 2013, p.32).

O caminhar como prática estética abre caminhos à exploração espacial e a percepção sensível, em relação à arte, à vida e ao cotidiano, além de atribuir valores ético/estéticos às subjetividades, ao grupo, aos corpos e aos espaços e, não somente aos objetos.

Guattari nos diz: "parece-me essencial que se organizem assim novas práticas micropolíticas e

microsociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente" (2012, p. 35). Portanto, reconhecer o impacto humano sobre o espaço natural, usufruí-lo e manter sua integridade é um dos grandes desafios da sociedade contemporânea.

Nas aulas de artes foi necessário subverter os conteúdos programáticos a fim de aproximar os estudantes de sua realidade socioambiental, propondo atividades artísticas que os impulsionem como agentes ativos em seu ambiente, de forma a darem sentido à escola e à arte na contemporaneidade.

Levando em consideração a escassez de recursos disponíveis entre os alunos e os oferecidos pela escola, buscamos no próprio ambiente o material necessário para realização desse trabalho (Figuras 5 e 6). Pretendemos através da produção artística e de práticas colaborativas

envolver uma diversidade de sujeitos, extrapolando os muros da escola.



Figura 5: Coleta de pedras na orla da Laguna dos Patos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 6: Coleta de pedras na orla da Laguna dos Patos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Partindo desses pressupostos, desenvolvemos um plano de microintervenção artística, que se configura em três etapas. A primeira ação consistiu-se em uma saída de campo com os estudantes para coleta de pedras na orla da Laguna dos Patos. Logo após, retornamos para a sala de aula, onde pintamos essas pedras com mensagens sobre a necessidade de cuidar e preservar o ambiente local (Figuras 7 e 8). Por

último, e como parte dos resultados da proposta, fizemos a posterior devolução dos artefatos pintados ao local de origem.

As fases das ações foram registradas em audiovisuais valendo-se do aparelho celular dos alunos como possibilidade pedagógica, na tentativa de ressignificar o uso desse recurso nas aulas de artes.

Figura 7: Aluno pintando as pedras em aula, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.





Figura 8: Aluno pintando as pedras em aula, 2018..

Fonte: Arquivo pessoal.

Guattari é referência fundamental ao projeto de pesquisa, na medida em que, nos atenta para o considerável crescimento demográfico, para a forma desordenada de habitar os espaços naturais, e a crescente superficialidade entre as relações humanas. A esse respeito, o autor nos diz que: "Catastróficas ou não, as evoluções negativas são aceitas tais como são. Explicar esse perecimento das práxis

sociais pela morte das ideologias e pelo retorno dos valores universais me parece pouco satisfatório" (GUATTARI, 2012, p. 23-24).

A reflexão do autor nos possibilita entender também as dimensões do mercado e do consumo, bem como suas relações com nossos processos psíquicos, sociais, identitários, artísticos e ambientais. Ele destaca o império dominante do mercado, que coloca em um mesmo patamar de equivalência os bens materiais, os bens culturais e os bens naturais. Guattari sugere a criação de novos dispositivos de produção de subjetividade; novas práticas políticas, sociais e estéticas, além de uma nova prática de si em relação com o outro e com o ambiente, para a saída das maiores crises de nossa época.

O presente e o futuro da sociedade contemporânea encontram-se ameaçados pelas ações do próprio homem. "Os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração" (GUATTARI, 2012, p.7). Como alternativa a esses impasses, ele sugere a

Ecosofia como um modelo ético-político e estético de renovação das antigas formas de concepção do ser humano, da sociedade e do meio ambiente. De acordo com a Ecosofia, o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre o planeta, no contexto da aceleração das mutações técnico-científicas e do desenfreado crescimento demográfico. Na medida em que o planeta torna-se cada vez mais interdependente e frágil, os homens se distanciam entre si e de suas origens naturais. Somos seres sociais capazes de provocar alterações no meio em que vivemos, porém, ainda incapazes de desenvolvermos uma consciência coletiva votada à problemática ambiental. Neste sentido, tanto os indivíduos, quanto as instâncias executivas,

Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se concentram em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente numa perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo ecosofia – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, a das relações sociais e o da

subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões (GUATTARI, 2012, p. 8).

Acredito que para seguirmos adiante, precisamos reconhecer e compreender que, em meio a uma diversidade de culturas e formas de vida, somos habitantes em um planeta com um destino comum, que requer que operemos uma autêntica revolução ética, social, política e cultural reorientando os sentidos de produção de bens materiais e imateriais. Na área da educação, a Ecosofia aplica-se com a finalidade de incitar os estudantes a observarem e compreenderem o mundo como parte integrante dele, estimulando-os a ações e intervenções que projetem mudanças subjetivas e sociais e soluções coletivas aos impasses ambientais, tanto em esfera local como global.

Guattari parte do princípio de que o sujeito só existe no momento em que pensa e apreende a si mesmo e põe-se a compreender o outro. Assim pensando, a transição em direção a uma relação mais saudável entre os homens e seu meio, acontecerá no momento em que todos nós tenhamos

capacidades em perceber, reconhecer e agir frente aos impasses subjetivos, éticos, sociais, ambientais, políticos etc.

As relações da humanidade com o socius, com a psique e com a natureza, tendem com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão das nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de fato de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em seu conjunto (GUATTARI, 2012, p.23).

Nesta perspectiva, necessitamos encontrar caminhos para harmonizar a natureza, a diversidade, o exercício da liberdade e a responsabilidade com o bem comum. Todo indivíduo, família, organização e comunidade tem um papel vital a desempenhar. Assim pensando, busco aliar ao longo da formação acadêmica a arte/educação e a educação ambiental em ações sociais direcionadas ao sentimento coletivo de solidariedade e de amor à vida e à natureza.

Paulo Freire (1996), em "A Pedagogia da autonomia" nos diz que, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção, visto que possuímos a

capacidade de aprender não apenas para nos adaptar ao mundo, mas sobretudo para transformar a realidade a fim de nele intervir e recriá-lo.

Ainda que seja possível falar de afastamentos epistemológicos entre Freire e Guattari, considera-se aqui a aproximação em prol da tomada de consciência e transformação social. Assim pensando, nós educadores somos desafiados a encontrar soluções criativas aos impasses sociais provocados pela lógica do capital e do consumo. Essa nova condição em que estamos imersos propõe revermos como a arte-educação pode contribuir com os diversos setores da sociedade a respeito de interesses comuns, ressignificando também, no imaginário social, a função da arte na escola e na sociedade.

Neste sentido, a professora Dra. Rosa Iavelberg (2003), nos diz que a arte é essencial à formação dos jovens, pois através dela os estudantes aliam conhecimento estético à postura ética pela própria natureza intrínseca nos produtos

artísticos, quando produzidos com liberdade, sensibilidade e consciência crítica. Além disso, ela defende a ideia de que a arte é uma área do conhecimento cujos produtos, quando socializados junto à comunidade, a aproximam da escola por tratar de temas constitutivos da formação de seus membros, criando espaços de abertura à participação da comunidade na escola.

As relações entre escola, arte, sociedade e ecologia estão de acordo com o professor e filósofo João Francisco Duarte Jr., a partir da educação dos sentidos, na qual ele defende a ideia de um saber detido pelo nosso corpo. Denominada educação sensível, esta forma instintiva de perceber e de se relacionar com o mundo,

constitui o conhecimento mais fundamental de que dispomos e sobre o qual todos os outros, por mais abstratos que sejam, são construídos. [...] Nosso corpo sabe o mundo antes de que a mente possa transformá-lo em signos representativos de coisas situações e relações. (DUARTE JR., 2010, p.110).

Duarte Jr. alerta-nos também, sobre uma degradação da corporeidade desencadeada pelos processos de distanciamento entre os homens e a natureza. "Separação essa que, sem dúvida, culmina nos danos que lhe causamos pela exploração desenfreada, como se dela não fôssemos dependentes" (2010, p.115).

O "Artefato" (Figura 9) do artista e professor do Centro de Artes/UFPel Dr. Paulo Renato Viégas Damé, é memória latente no projeto de microintervenção, no que tange à materialidade e à intencionalidade da obra. O catálogo "arte para todos" (2002) menciona que em sua criação, o artista gravou a palavra "água" em uma pedra colhida em um rio, e após fotografá-la devolveu-a ao seu leito, contando com a possibilidade de que outra pessoa a encontrasse e lhe atribuísse outros valores e sentidos.

Damé realiza intervenções artísticas com o propósito de causar dúvidas ao espectador, levantando questionamentos e sugerindo a elaboração de novos

sentidos e significados para as formas de ver a si mesmo, o outro o mundo e a arte contemporânea.



Figura 9: Artefato, Paulo Damé, 2002.
Fonte: Catálogo Brasil Telecom.

Tive o privilégio de ser seu aluno na graduação acadêmica e, naquele momento foi possível constatar que o professor Damé desenvolvia em suas aulas, propostas pedagógicas embasadas em metodologias colaborativas. Tais encontros tinham como objetivo gerar convivência e transformar o atelier em um espaço de contato e colaboração mútua, de modo que os alunos vivenciassem

uma experiência significativa através da arte, por meio de convívios, afetos, trocas e construção coletiva de saberes.

Assim pensando, a metodologia do projeto de pesquisa em andamento é fundada em processos de produção de conhecimentos e de subjetividades, e por tratar-se de uma pesquisa-intervenção, o método da cartografia é imprescindível na medida em que, se propõe um plano de microintervencções artísticas e o acompanhamento desses percursos embasado na realidade cultural e socioambiental de uma comunidade. Partindo das Pistas do Método da Cartografia,

O método, assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas. Restam sempre pistas metodológicas e a direção ético-política que avalia os efeitos da experiência (do conhecer, do pesquisar, do clinicar, etc.) para daí extrair os desvios necessários ao processo de criação (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.30-31).

Entendo que a cartografia como método de pesquisa não se dá por regras prontas ou pré-estabelecidas; não se

refere ao método como estatuto ou procedimento de pesquisa. Neste caso, engendra estratégias de análise crítica através de ações artísticas de cunho socioambiental e do olhar sensível que acompanha e descreve as relações e as trajetórias entre eu/outro, indivíduo/grupo, sujeito/objeto, local/global.

O ponto de apoio é a experiência entendida como um saber fazer, isto é, um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o "caminho" metodológico (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.18).

Através de pesquisas de campo com os atores participantes, buscamos pistas para orientar o percurso, as hipóteses e as potencialidades para os fazeres e saberes imanentes ao plano de microintervenção.

Além disso, trago neste trabalho a produção artística por mim desenvolvida no período do curso de Mestrado em Artes Visuais e as reflexões desse "fazer-saber", pois, foi

impossível neste tempo, desvincular a vida pessoal da pesquisa, da produção e da docência em artes.

A *a/r/tography*, metodologia específica à pesquisa em artes, desenvolvida na Stanford University, nos Estados Unidos tem como eixo principal o alinhamento da docência e da produção artística, evocando e provocando saberes que os formatos tradicionais da pesquisa científica não conseguem dar conta.

O professor Belidson Dias, Doutor em Estudos Curriculares em Arte/educação – Artes Visuais, no artigo *Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes* (2008, p.6), nos diz que a partir deste método, busca-se a arte como elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas. Entre os referenciais teóricos da artografia citados por Dias, estão Elliot Eisner, Michel Foucault, Félix Guattari, Gilles Delleuze, John Dewey.

Nesta perspectiva, devido à comunhão entre os referenciais teóricos, bem como, na essência de um saber e de um fazer fundado na educação em artes e na experiência

estética, o método cartográfico combina-se à artografia para qualificar a produção e análise de dados na pesquisa, que pessoalmente chamo de "cArtografias".

Experimental, conhecer, produzir arte e saberes através da pesquisa/intervenção no âmbito das práticas educativas e sociais é, neste trabalho, o potencial para a ressignificação das subjetividades e do cotidiano da comunidade escolar Armando das Neves, do bairro Navegantes e da cidade de São Lourenço do Sul.

Apesar da posição geográfica privilegiada, a escola em estudo é pouco incisiva nas questões ambientais, visto que, não são desenvolvidos em seu projeto político-pedagógico trabalhos que sigam nessa direção. Tanto a comunidade local quanto o poder público pouco têm se mobilizado para que se efetive a conscientização e a transformação cultural necessária em relação aos cuidados com o ambiente em que a escola está inserida. As áreas habitadas crescem a olhos vistos e, na mesma proporção, aumentam os problemas ambientais, como os depósitos de

lixo em áreas naturais, a descarga de esgotos e resíduos de agrotóxicos das lavouras nos mananciais, a caça e a pesca predatória e a retirada da vegetação nativa. "Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana" (GUATTARI, 2012. p. 27).

Assim pensando, acredito que a partir dessas experiências, tanto eu quanto os alunos e demais sujeitos envolvidos nesses processos, teremos capacidade de dar novos significados à realidade dessa comunidade, a partir de um olhar sensível e modos de constituição de subjetividades que valorizem os contextos de vida e preconizem a preservação do meio ambiente.

Essas ações podem contribuir para o agenciamento de novas experiências e, potencialmente, são capazes de qualificar as relações com o outro e o contexto de vida do grupo, valendo-se do projeto de microintervenção artística como um agente de subjetivação para essa ressignificação.

Enfim, apresento as ações do projeto de pesquisa a partir dessa dissertação que estrutura-se da seguinte maneira: uma introdução, três capítulos, as considerações finais, bem como, referências bibliográficas.

O primeiro capítulo, intitulado *Construindo um olhar sensível*, tem caráter autobiográfico, na qual descrevo minha trajetória pessoal desde a infância até o ingresso no Curso de Mestrado em Artes Visuais. Rememoro questões familiares, escolares, profissionais e em sociedade relativas aos temas elencados nesse projeto de pesquisa, que são: arte, educação e meio ambiente.

No Segundo capítulo, que tem por título *Artefatos e "cArtografias" – poéticas do cotidiano*, apresento a artografia como a metodologia que abre caminhos à própria produção artística, bem como, as reflexões destes trabalhos e suas relações com a ecosofia e o percurso cartográfico desenvolvido no projeto de pesquisa.

Apresento cinco trabalhos que marcam minha trajetória "cArtográfica" no decorrer do Curso de Mestrado. Os trabalhos artísticos compreendem fotografias, cartões postais, pinturas, instalações e objetos de arte os quais atribuo às micropolíticas socioambientais, por expressarem com sensibilidade questões urgentes à sociedade contemporânea.

O terceiro capítulo traz minhas práticas pedagógicas e as relação que estabeleci com a Escola Armando das Neves nos sete anos que atuo como arte/educador no município de São Lourenço do Sul.

O capítulo tem por título: *Percursos "cArtográficos" – docência e microintervenção artística*. Nele percorro o projeto de pesquisa, indicando os principais conhecimentos teóricos que sustentam minhas práticas "cArtográficas" e ecosóficas no âmbito da educação escolar. Relato às ações do projeto de microintervenção artística desenvolvida com os estudantes e seus desdobramentos.

Apresento as reflexões e os resultados das práticas pedagógicas, bem como, às contribuições para a construção de afetos, saberes e os cuidados necessários ao meio natural que estamos inseridos, visto que, tais ações pedagógicas, artísticas e socioambientais contribuíram para a formação subjetiva e reformulação das identidades a partir de uma compreensão mais ampla e crítica da nossa realidade.

1. Construindo um Olhar Sensível

Deixar fluir o pensamento através da escrita e engendrar uma espécie de autobiografia para delinear e exteriorizar alguns processos subjetivos torna-se imprescindível nesta circunstância. Descrever uma trajetória de vida e os meandros intrínsecos neste percurso se faz necessário para que eu possa ver melhor a mim mesmo, de forma a ordenar o pensamento e atribuir significados a esta caminhada.

Ao dissertar sobre o projeto de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas PPGAV/UFPel, rememoro pensamentos, vivências e afetos com a intenção de cartografar uma história de vida e a relação de amor que mantenho com a natureza, com a educação e com a arte. Para compor esta escrita foi imprescindível voltar no tempo e resgatar lembranças adormecidas, as quais me constituíram como indivíduo e trouxeram-me aos lugares em que hoje estou e ao estilo de

vida que adotei, bem como, evocar a docência em artes e os questionamentos que me atravessam em relação à subjetividade humana, às relações sociais e o meio ambiente.

A partir da obra, *As três ecologias* de Félix Guattari foi possível perceber que o autor ressalta a importância de se observar e pensar sobre a atual crise de valores, do pensamento, de identidades, das relações e do conhecimento como produtos subjetivos do modelo da sociedade contemporânea, fundamentada no consumo e pelo capitalismo globalizado. Creio que por esse motivo, Guattari relacione tais crises subjetivas e sociais à atual crise ambiental instaurada, pelo fato do “ser humano” ser a origem desta crise sem precedentes.

Descreverei experiências pessoais e práticas coletivas desenvolvidas em família, que seguiram intuitivamente a proposta ecosófica de Guattari; a partir da formação cidadã como sujeito, bem como da participação política, criativa e construtiva em sociedade. A consciência ambiental

vivenciada desde criança e a formação de um “novo homem” fundada em curiosidades e em experiências ético/estéticas, alavancou uma trajetória afetiva, criativa, potente e sensível aos encontros possíveis na educação e na arte.

Esse processo de construção pessoal reporta-me à longínquas lembranças, que trazem em si uma história de vida e, que emerge a partir de memórias, vivências, leituras, desejos, paixões, felicidades, tristezas, decepções, solidão e silêncio. Buscar na própria história os processos de construção subjetiva, ética, estética, espiritual, moral, profissional e social remete-me ao seio familiar; aos afetos, imagens, cheiros, toques, sabores, sons: ao sensível.

Para Duarte Jr. (2010), a “educação sensível” seria uma forma de saber anterior ao conhecimento inteligível. Para ele, trata-se de um saber ligado ao corpo, que não passa pelo intelecto e está vinculado aos nossos cinco sentidos. Segundo o autor, vale entender que,

O saber sensível, pelo qual se sabe o mundo no modo sensório-perceptivo, foi chamado pelos gregos de *aisthesis*, ou estesia, em português. Consiste no mais primordial conhecimento, ajustando e equilibrando nossa ação física sobre a realidade por meio de uma harmoniosa e preciosa integração de informações levada a cabo pelos nervos, neurônios, músculos, substâncias químicas e correntes elétricas que constituem o corpo humano (DUARTE JR., 2010, pg. 111).

Ao cartografar o processo pessoal de construção de um olhar sensível e a trajetória de uma vida com arte, trago à tona vivências e ações em que as interações com o outro e as dimensões do sensível embasaram essas práticas e seus significados, como por exemplo, a constituição de nossa família.

Meus pais, Celso e Alda, naturais de Canguçu RS, casaram-se adultos após os trinta anos de idade e esta maturidade foi preponderante tanto em minha formação, quanto na formação de minha irmã Taise. Um misto de sensibilidade e sensatez, aliados à confiança e esperança em dias melhores, faziam da atitude de meus pais o alicerce para

a produção de subjetividades, pois formávamos uma pequena família, que vivia dignamente com os ganhos de meu pai, que desempenhava o ofício de sapateiro naquela época.

Para Guattari (2012), a subjetividade humana é produzida coletivamente, não como resultado da soma das subjetividades individuais, mas sim, a partir de agenciamentos coletivos que formam os universos existenciais. Para ele, a subjetivação, pode ser entendida como um agente de reconstituição da concepção do ser humano em relação a si mesmo, perante a coletividade e sobre nosso planeta. Em nossa família, a afetividade e a busca por crescimento e emancipação pessoal; o trabalho e a reinvenção cotidiana dos modos de existência, constituíram nossos processos de produção de subjetividades.

Na década dos anos 1980 vivenciamos uma pobreza digna, limpa, educada, feliz e amorosa. Em nenhum momento tivemos fome e, jamais experienciamos em nosso lar algum tipo de violência doméstica, visto que, tenho na

figura de meu pai, um homem íntegro e trabalhador; que foi e ainda é meu maior incentivador aos estudos, até por que, teve brevemente essa oportunidade em sua infância e, precocemente foi interrompida devido às obrigações na atividade agrícola e ao desprovimento familiar para mantê-lo na escola.

Da mesma forma, minha mãe não teve instrução escolar por muitos anos de sua vida, visto que, ficou órfã na infância e tal condição a levou por caminhos que passavam longe da escola. Teve a infância marcada pela fatalidade, incerteza e hostilidade e, devido à falta de instruções e referências afetivas, cresceu à margem da hesitação.

Católica de uma fé inabalável buscou e conquistou oportunidades para mim e minha irmã, pois almejava qualidade de vida e qualificação profissional para suprir essa carência de escolarização e de condição humana que foram determinantes em sua vida e na vida de meu pai. Sua religiosidade e a proximidade com as irmãs franciscanas residentes em Canguçu, no Colégio Franciscano Nossa

Senhora Aparecida, favoreceu nosso ingresso a este educandário, no qual concluímos o ensino fundamental auxiliados por bolsas de estudos. Os princípios franciscanos aliados a qualidade do ensino oferecido pela escola despertaram-me o interesse pelas questões humanas e pela natureza. O sistema político vigente em nosso país naquele momento era a ditadura militar e, nesta perspectiva, a escola era reconhecida pelo rigor das normas estabelecidas, pela firmeza no processo de ensino e aprendizagem e pela intolerância com questões relacionadas à indisciplina.

Foi neste lugar que aprendi muitas coisas sobre e para a vida. É possível identificar que neste momento aflora minha percepção para o mundo, à solidariedade, ao bem comum, aos cuidados com a natureza, o interesse pelo conhecimento, a descoberta da arte e a possibilidade de contribuir na aprendizagem do outro e com ele também aprender. Apesar da tradição quase centenária em educação e uma estrutura física eminente e impecável, o colégio mantinha princípios de caridade, solidariedade e austeridade

e, esses mesmos princípios norteavam nossa família apesar de orientações religiosas distintas. Transitei livremente entre a doutrina católica e a anglicana, visto que, familiares paternos tradicionalmente, há duas gerações, professam os preceitos anglicanos.

Fui uma criança participativa nas atividades escolares, principalmente às artísticas ou ligadas à expressão corporal. Banda marcial, teatro, coral, grupo de dança e as artes visuais foram neste período minhas revelações; este universo me fascina desde então. As brincadeiras comumente estavam impregnadas das artes que iam desde a produção de brinquedos e objetos estéticos a partir dos resíduos da sapataria de meu pai, até as apresentações ao público nos eventos escolares e de âmbito municipal.

Eram recorrentes na infância, as brincadeiras relacionadas à escola e ao ato de lecionar. Lembro claramente, ainda na década dos anos 1980, a primeira experiência atuando em uma sala de aula, auxiliando nas tarefas escolares dos alunos internos no Abrigo de Menores

de Canguçu, instituição filantrópica cuja mantenedora era a Igreja Anglicana. Cabe ressaltar que, foi nesta mesma escola que meu pai teve a formação primária.

Pelo fato de ter nascido e crescido em uma cidade do interior, com uma atmosfera rural, vivenciava frequentemente atividades em contato com a natureza. Acampamentos às margens dos rios da região e modos alternativos de existência constituíram o caráter naturalista que nutro desde então. A construção de cabanas e brinquedos a partir de recursos naturais, artefatos de caça, pesca e subsistência, alimentação alternativa, medicação natural e orientação geográfica eram umas das atividades que desenvolvíamos entre família, sob a orientação de meu pai, que além de organizado é extremamente habilidoso e autodidata sobre as questões da terra.

Estar em contado com a natureza, respeitá-la e admirá-la, foi e ainda é um momento de encontro entre eu e meu pai. A gratidão e o respeito que nutrimos pela terra e pela natureza fortalece nossos laços e proporciona

momentos de troca de experiências e afetos. Nas casas em que residimos, cultivávamos hortas e jardins que proporcionaram inúmeras experiências estéticas e uma produção orgânica de qualidade e em quantidade que excediam o consumo familiar em determinadas safras. Plantar e colher foram lições que ele me transmitiu com muito amor. Valorizar a terra e tudo o que dela vem, com certeza, advém de uma formação primária, transcendental; uma religião. Digo religião, no sentido etimológico da palavra, ao relacionar esta formação a uma (re)união e ao caráter sagrado que lhe atribuo.

Para melhor pensar e ilustrar esta relação, Epicuro, filósofo grego nascido em (341 a.C.) estabeleceu sua escola em um jardim em Atenas e, talvez tenha sido o primeiro pensador a elaborar uma filosofia que fosse, ao mesmo tempo, visão de mundo e forma de vida. Para ele, não haveria nenhuma dimensão inteligível, pois o elemento físico constituía toda a realidade. Não existiria nada além da natureza que experimentamos pelos cinco sentidos. A

filosofia de Epicuro evidencia a auto-suficiência, no sentido de que os indivíduos devem preparar-se para a possibilidade de ter e viver com pouco, bem como, na escassez dos recursos naturais. Ele destaca a importância do cultivo dos alimentos e de conhecimentos em relação aos cuidados e manejos da terra. Este pensamento ético e filosófico gira em torno de um valor central, a prudência; fator determinante para o equilíbrio entre a saúde física e mental e, conseqüentemente, a felicidade dos indivíduos.

Voltando a história de minha família, nossa primeira casa própria era de madeira, aconchegante, distante de tudo e de todos. Um lugar lindo situado no limiar entre a zona rural e urbana, coberto por plantações de milho, matas, campos, cascatas e uma diversidade de animais silvestres.

Acordávamos diariamente com o cantar dos pássaros e dos galos e aos mugidos das vacas da vizinhança. Cachorro, gato, galinha, porquinho da índia, codornas e peixes foram os animais de estimação daquela época. A vida simples e o

contato com a natureza foram constantes em meu cotidiano; as brincadeiras criativas e a liberdade que este lugar proporcionava, permitiram-me descobrir e contemplar a vida com suavidade, leveza e sensibilidade.

Correr livremente e brincar todos os dias nessa “periferia rural” marcou uma infância que cresceu a partir do precário aporte tecnológico analógico, em que a única TV da casa era em preto e branco e sintonizava apenas dois canais. Neste tempo, estudava auxiliado por livros e por outras pessoas, pois precisava mostrar resultados escolares positivos para salvaguardar a bolsa estudantil no colégio de qualidade, além disso, era fundamental ter uma conduta reta na escola e na sociedade, com duras penas caso a quebra destas condições.

As recordações que tenho da infância são as melhores que poderia ter, visto que, fui um menino feliz, educado, engajado, dedicado, sensível e como prova disso, trago até hoje entre meus amigos, algumas daquelas crianças com

quem convivi e nos constituímos subjetivamente, afetivamente, espiritualmente, socialmente... Fui e ainda sou um sujeito acessível e amistoso, visto que, construo relações e laços de amizade com certa facilidade, assim como, me adapto facilmente a situações, lugares e pessoas. Trazer as amigadas de infância até os dias de hoje é para mim motivo de orgulho e gratidão, pois foram relações alicerçadas em sentimentos puros e atitudes espontâneas que cresceram e fortaleceram durante o percurso e sustentam-se com o passar do tempo. Meus pais foram imprescindíveis nesses processos de engajamento social na medida em que, mantinham relações de amizade, respeito e credibilidade com boa parte da comunidade canguçuense.

Com suas origens no campo, minha mãe foi uma das pessoas mais simples que conheci. Desapegada de vaidades e modismos, foi uma mulher à frente de seu tempo que lutou muito para construir nossa família em uma sociedade que, desde então, já padronizava e dividia os sujeitos, não por seu

caráter e qualidade de vida mas, pela quantidade e consumo de bens. Economia doméstica e formas de reaproveitamento de materiais; atitudes ecológicas de consumo da água e de energia e outras formas inteligentes de vida eram constantes no cotidiano de minha mãe.

Minha “velha” era uma casa cheia! Nossa casa era uma festa com música, dança, comida e gente. Gente de todo tipo, de todas as classes sociais, credos, cores, gêneros e idades. O respeito e a compaixão ao outro e, jamais queixar-se das situações, por mais adversas que fossem, são as impressões de amor à vida que mais me marcaram em sua existência.

É um privilégio conviver, aprender e espelhar-se em sujeitos que estão ou estiveram ao seu lado, compartilhando histórias de vidas de forma sensível e comprometida com o outro e com o mundo. Viver, e não simplesmente sobreviver ou existir. Sempre me foi permitido sonhar e ser feliz, pois construimos paulatinamente entre família, amizade e

cumplicidade que davam abertura ao viver intensamente, com liberdade e responsabilidade.

Cada conquista era motivo de orgulho para todos na família, pois somente nós conhecíamos o longo e árduo caminho até então percorrido, bem como, a caminhada diária necessária para chegar ao colégio, à sapataria, ao centro da cidade, aos colegas, à “civilização”. As adversidades eram superadas a cada dia e, a vida seguia leve, feliz e próspera.

De sapateiro, meu pai passa a fabricar botas, utensílios e acessórios de couro para a indumentária gaúcha. Descortina-se um novo mundo e abre-se um leque de possibilidades frente a esse mercado peculiar, porém, tradicional e constituinte de nossa cultura. Trabalhar o couro de forma artesanal tornava-se a atividade principal ou secundária dos quatro membros de nossa família.

Cresce a produção e o comércio e, conseqüentemente, aumentam as responsabilidades, as exigências, as oportunidades e as obrigações. Sinais do capitalismo!

Com o passar dos anos é visível o resultado dos processos subjetivos e sociais da família. Alguns anos de trabalho dedicado, privação e determinação projetam nossas vidas a um patamar mais confortável e digno, que demanda proporcionalmente responsabilidade e maturidade para administrar esse novo processo e o desafio de mantermo-nos íntegros, saudáveis e felizes como nos tempos de outrora.

Na adolescência, desporto na produção manual e mecanizada dos artefatos de couro e já não conseguimos dar conta às demandas do mercado, visto a escassez de mão de obra especializada para trabalhar com esta matéria prima. Com o passar do tempo o trabalho e a produção intensificam-se e, desta forma, uma microempresa de indústria e comércio no ramo calçadista está constituída.

A alta qualidade nos produtos em couro bovino legítimo era a marca registrada da empresa. A dedicação, pontualidade, competência e a exímia técnica para lidar com

o couro, fez de meu pai um prestigiado profissional em seu ramo de atuação e cidadão reconhecido pela comunidade canguçuense e região.

No auge do empreendimento, a produção em série (Figura 10) e a mecanização me inquietavam e, de alguma forma, restringiam minha criação artística e meus processos pessoais relacionados à estética e a arte. Neste momento dispunha de um ateliê equipado e recursos suficientes para uma produção que me proporcionasse além de sustento, uma abertura subjetiva para a criação, a invenção, a produção artesanal e artística. Desde muito cedo, concomitante à indústria, produzia peças artesanais (Figura 11) a partir do couro e dos resíduos da produção de meu pai, da mesma forma como brincava na infância.



Figura 10: Produção em série, 2006.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 11: Artesanatos em couro, 2006.

Fonte: Arquivo pessoal.

A liberdade de expressão e, tanto a prática quanto a técnica adquirida me conduziram a uma produção artesanal de acabamento impecável, aceita e comercializada até mesmo fora do país. Bolsas, porta chimarrão, agendas, cintos e acessórios diversos compunham a linha de produtos que alavancaram essa produção artesanal, que imprimia em sua estética os traços da cultura gaúcha.

Porém esta fase trouxe uma autonomia um tanto antagônica, na medida em que, desviou-me do conhecimento e do ensino formal. Naquele momento pensava ser suficiente manter confortável qualidade de vida por conta destas frentes de trabalho em que atuava.

Passadas duas décadas nossa principal matéria prima, o couro, torna-se um produto de alto valor mercadológico visto a redução de seu beneficiamento perante às questões ambientais, que apontavam ao alto grau de poluição dos rios e córregos em virtude do seu curtimento químico. Ficou quase inviável manufacturar a partir desta matéria prima que, tornou-se cada vez mais cara e rara, bem como, ao bombardeio de produtos sintéticos importados que assumem o mercado porém, em nosso caso, não apresentavam qualidades plásticas para suprir tal produção. Para transpor esta crise na produção e ainda manter a manufatura, foi necessário delimitarmos a linha de produtos próprios e comercializar produtos outros nesta mesma área.

A partir deste momento, não me sentia tão seguro neste ramo de atividade. O lugar que me proporcionava abertura e inspiração torna-se sinônimo de aprisionamento e desolamento. É preciso mudanças, pois tudo o que parecia tão confortável e seguro, muda de repente e se faz necessário, mais uma vez, atitude para ressignificar o cotidiano.

A virada do milênio abala as estruturas da sociedade contemporânea e as novas mídias tecnológicas avançam ditando novos parâmetros sociais, subjetivos e ecológicos. O mercado e o consumo de bens e serviços, o mundo globalizado, a cultura visual e o multiculturalismo colocam-nos a (re)pensar sobre as práticas individuais e coletivas, e desperta-me a consciência de busca por crescimento intelectual, um retorno ao mundo através de novos/velhos caminhos: através do conhecimento.

No ano de 2007, aos trinta e três anos de idade, ingressei na Universidade Federal de Pelotas, no curso de Artes Visuais – Licenciatura. Conscientemente, não era um

desejo cursar Artes Visuais, nem tão pouco, ser professor. Embarquei nessa viagem mais por escape de uma situação, do que por uma predeterminação. Ainda que sempre mantivesse paixão pelas artes, aprofundar-me nestes assuntos me parecia uma ideia agradável. Porém, a docência não me estimulava da mesma forma.

Escolhi a licenciatura pelo fato de não desenvolver naquele momento, uma poética artística pessoal para formar-me um bacharel em arte, e por acreditar que desempenharia um bom papel como professor pela proatividade e facilidade em comunicação que predisponho.

Os anos de 2007 e 2008 são marcados por viagens quase que diárias entre as cidades de Canguçu e Pelotas. Apesar da rotina cansativa, estava encantado pelo universo da arte e do conhecimento. A beleza da paisagem deste ir e vir e a viagem na companhia de amigos estimulavam essa etapa, também marcada por esperas, dificuldades, intempéries, desencontros...

Foram os anos mais intensos de minha vida. Neste período conheci as pessoas mais interessantes destes últimos anos. Aprendi lições e conceitos que fundamentaram não somente as produções artísticas e as práticas docentes, mas também minha vida pessoal. Dividi espaços, momentos, emoções, conhecimentos e experiências com uma infinidade de seres que me acompanham até hoje e outros tantos que jamais encontrei. Fui imensamente feliz na medida em que pude contribuir na formação de alguns, assim como, jamais esquecerei àqueles que me acolheram e proporcionaram uma abertura de visão para o mundo e para o outro, contribuindo em minha formação acadêmica, pessoal e profissional.

Formávamos uma turma especial de mútua ajuda, onde todos eram importantes e tinham valor único. Apesar das diferentes trajetórias, carregavam consigo a utopia ou a esperança por um mundo mais justo, amoroso, solidário e feliz. Desde o início, houve identificação e entrosamento entre o grupo, e desta forma foi possível transitar em meio

às artes e a educação através de experiências e trocas significativas que, com certeza, consolidaram a carreira profissional e a vida pessoal de cada um de nós.

O primeiro ano da graduação foi relevante, visto que, neste período, tive o privilégio de aprender com professores excepcionais. Jamais pensei que poderia encontrar no outro, em um professor; respostas a questionamentos íntimos de forma tangível. Reconhecer o outro e reconhecer-se no outro - encontros de almas e pensamentos afins e outras conexões que não acontecem ao acaso. Neste sentido,

Fique atento: experimentar afetos sinaliza a enunciação de outras formas de agir a partir dos modos de expressão que vamos percorrendo. Quando afetados pelas audições e visões, gostos e cheiros, toques de vidas que nos forçam a pesquisar na historicidade de um tempo que acontece, percebemos que nossas questões são feitas de vidas. Assim, exercitamos uma ética e expandimos nosso conhecer nas relações de uma vida de todos em nós, de uma vida de si com todos (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012, p.27).

Nessa abertura e acolhimento que é possível reconhecer em alguns professores; naqueles que colaboram no percurso mas, acima de tudo, nos proporcionam outras formas de agir. Àquelas pessoas que conseguiram ir além dos espaços das salas de aula e dos conteúdos programáticos; aqueles que construíram e constroem diariamente laços sensíveis de afeto com seus alunos e conseguem perceber além do evidente, criando possibilidades do novo, projeções e agenciamentos cada vez mais potentes.

Nesta concepção me reporto a alguns professores deste período, por terem contribuído sensivelmente na constituição do professor que hoje sou. Pessoas que ajudaram a ver melhor a mim mesmo e o outro e as possibilidades que a educação e a arte proporcionam em criar e recriar a vida e nossos processos subjetivos.

Eu e a professora Dra. Nádya Senna nos identificamos à primeira vista e, a partir daquele dia, mantenho admiração por sua pessoa e seu modo de ensinar a arte. Fui seu aluno

durante dois anos e bolsista por alguns semestres. Monitorava sob sua coordenação, um projeto de extensão que oferecia aos alunos da UFPel e à comunidade em geral, cursos de desenho de observação tanto de natureza morta, quanto de modelo vivo como podemos observar nas figuras 12 e 13.



Figura 12: Aula de desenho de observação, 2009.

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 13: Aula de desenho de observação, 2009.

Fonte: Arquivo pessoal

Para cada um dos cursos eram oferecidos módulos de dez aulas. Sob sua orientação, aprofundei conhecimentos sobre o corpo humano e suas representações através de um vasto repertório de linguagens e técnicas mas, sobretudo, sobre a prática docente. No momento em que me vejo na sala de aula, em uma universidade federal, com vinte alunos colocados em seus cavaletes, e um modelo nu esperando

que eu determinasse sua posição e o tempo que transcorreria o trabalho dele e destes alunos, percebo a responsabilidade e a confiança depositada em minha pessoa por esta professora tão generosa.

Desenvolvemos diversos projetos de ensino, pesquisa e extensão. Posso afirmar também, que além das práticas educativas e artísticas, construímos uma amizade alicerçada em confiança, trabalho e dedicação. Sou meio Nádya Senna no jeito de ser professor. Em 2015 nos reencontramos ao cursar como aluno especial a disciplina, *O desenho do corpo, o corpo que desenha*, no curso de Mestrado em Artes Visuais - PPGAV/ UFPel. O pedagogo, poeta e filósofo Rubem Alves (2004) em sua obra "Ao professor com o meu carinho" faz uma analogia entre o ato de cozinhar e o ato de ensinar, que pode ilustrar essa relação, quando diz que os banquetes não se iniciam com a comida que se serve, mas sim, com a fome.

A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome[...] Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afetos com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affecare*, quer dizer "ir atrás". O afeto é o movimento da alma em busca do objeto de sua fome. É o eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado (ALVES, 2004, p.52).

Além de tudo, o afeto dos "beijinhos e carinhos" fizeram e fazem parte desta história e, para ir além, essa poética citação de Rubem Alves, tive o privilégio de retirá-la do livro que fui carinhosamente presenteado pela professora Nádia, na ocasião da formatura da graduação.

Entre essas lembranças, trago o primeiro trabalho artístico produzido na Licenciatura de Artes Visuais, uma proposta "quente" da professora Dra. Denise Bussolletti, nas aulas de *Fundamentos Psicológicos da Educação*. O trabalho em questão trata de um livro poético que também tem como título "artefato", na qual cataloguei alguns experimentos com

materiais e técnicas que estava conhecendo naquele momento, entre recortes, poemas, pensamentos, lembranças e significados (Figuras 14 a 17).

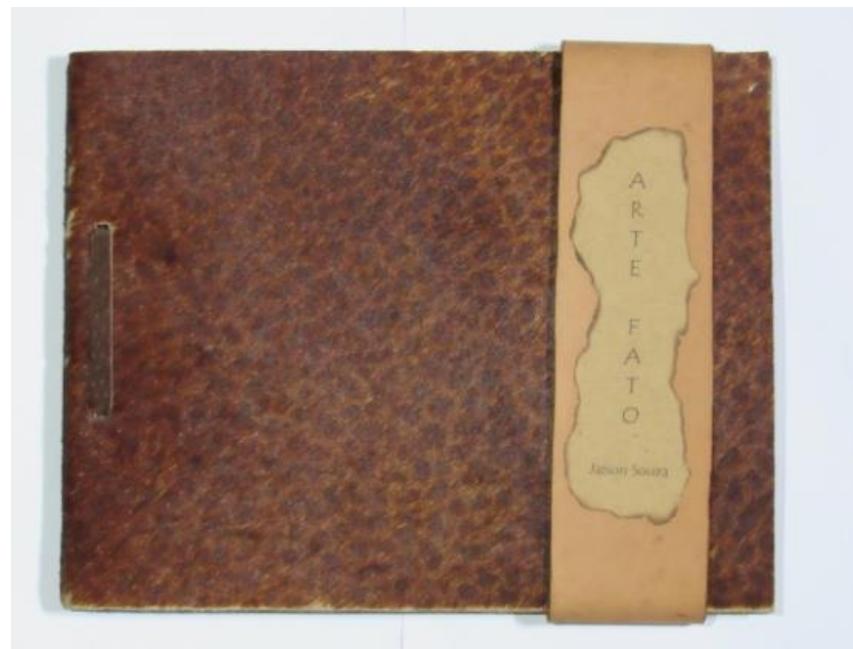


Figura 14: Capa do artefato, 2007.

Fonte: Arquivo pessoal



Figura 15: Página interna do Artefato, 2007.
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 16: Página interna do Artefato, 2007.
Fonte: Arquivo pessoal

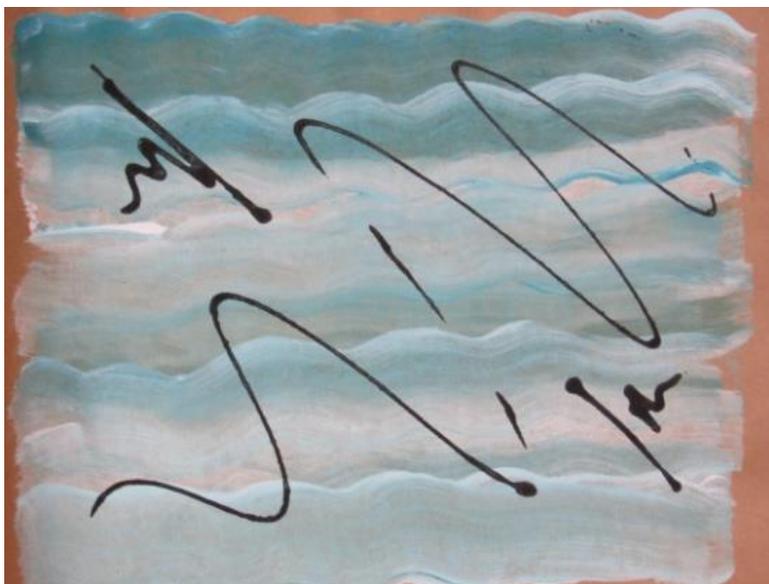


Figura 17: Página interna do Artefato, 2007.

Fonte: Arquivo pessoal

Neste artefato pude trazer ao conhecimento dos colegas, um pouco do meu trabalho com o couro e um tanto da minha personalidade a partir daquelas imagens, visto que, foi um trabalho de apresentação. De estreia nas artes! Gerado, produzido e apresentado no período de uma semana.

Cabe lembrar, que a palavra “artefato” intitula tanto este trabalho, quanto a obra do professor Damé que é

referência à pesquisa, bem como, é o título dos objetos artísticos que produzimos neste projeto de pesquisa.

Além do “artefato”, referencial artístico ao projeto de pesquisa em curso, rememoro o ateliê de cerâmica, coordenado pelo professor Dr. Paulo Renato Viégas Damé, como um local de encontros e de construção de significados e subjetividades neste período. Digo local de encontros, pelo caráter social e colaborativo proposto para este espaço, até porquê, estas memórias, metodologias e a obra do professor Damé, são referências a esta pesquisa desenvolvida no PPGAV/UFPel.

No ano de 2009, volto das férias com o coração dilacerado pela morte de minha mãe. Essa perda levou-me a morar só em Pelotas, em minha tão sonhada casa, porém, naquele momento, sem chão, sem teto, sem eira nem beira; somente eu e minha dor. A única alegria em nossa família naquele momento era meu sobrinho Pietro que nascera há alguns meses antes.

A dor e a mudança de cidade foram um marco na minha formação subjetiva e social. Foi então que, ao voltar às aulas, conheci o ateliê de cerâmica, que compunha o currículo da Licenciatura em Artes Visuais como disciplina obrigatória. Pensar em arte, fazer arte, encontrar pessoas e estreitar laços de amizade foram as maneiras que encontrei para amenizar o vazio da perda.

Hoje é fácil falar sobre esse assunto, pois os sentimentos se transformaram e, essa ausência se tornou uma forma de amor indizível, inexplicável. Sem dúvidas, foi no ateliê de cerâmica que pude chorar e lambe minhas feridas e, na pessoa do professor Damé e de alguns colegas encontrei conforto e esperança para prosseguir.

As questões ambientais desde então, eram constantes em meus questionamentos e me atravessavam nas aulas, as quais me entregara em plenitude na busca de consciência, conhecimento, emancipação e construção subjetiva e social. Partindo destes pressupostos, foi possível desenvolver na disciplina *Estudo de materiais e técnicas*, sob orientação da

professora Dra. Maria de Lourdes Reyes, um trabalho artístico que consistia em uma releitura de obra de arte do acervo do MARGS (Museu de Arte do Rio Grande do Sul), de Porto Alegre, em exposição no MALG (Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo), em Pelotas. A obra de arte por mim escolhida foi a pintura a óleo intitulada *Colonas*, de autoria do artista modernista Emiliano Di Cavalcanti, conforme a figura 18.



Figura 18: Colonas. Di Cavalcanti, 1940.
Fonte: Google imagens.

A linguagem empregada para esta releitura foi a *ToyArt*, também designada *Urban Vinyl*, uma tendência de arte contemporânea, que tratava de criar e personalizar bonecos artísticos colecionáveis. Confeccionada a partir de uma base de resíduos recicláveis e acabada somente com papel e técnicas aplicáveis a este material, busquei nos

detalhes e na finalização, um trabalho expressivo, de qualidade técnica e estética.

Assim, nasceu a *Diloca* (Figura 19), uma boneca negra, com cabelos louros, usando fones de ouvidos, contrapondo as “colonas” contemporâneas e os desafios dos jovens residentes em áreas rurais e as interferências urbanas sobre eles.



Figura 19: *Diloca*. Jaison Souza, 2009.
Fonte: Revista VIP Pelotas.

Dona Diloca era uma senhora popular em Canguçu, visto que, marcou minha memória afetiva na infância. De nascimento Anarolina Nunes, negra, solteira, descendente de escravos, tinha por hábito usar peruca loura e caracterizar-se impecavelmente nos eventos populares e em datas comemorativas, além de sua personalidade extrovertida. Não me contive em titular a obra, devido às coincidências estéticas, bem como, com as sílabas das iniciais do nome do artista Di Cavalcanti.

O que seria apenas um trabalho avaliativo de tal disciplina no semestre, transformou-se em um projeto de pesquisa e extensão que, desdobrou-se em outras duas exposições na UFPel, sendo uma delas no MALG em alusão ao aniversário de 40 anos da UFPel. A partir da repercussão em relação à obra, inscrevo-a em um salão de jovens talentos em Artes Visuais promovido pelo sistema SESI, com exposição na Biblioteca Pública Pelotense, na qual o trabalho é premiado e aprovado para a etapa estadual, que culmina

em uma grande mostra de arte na Usina do Gasômetro em Porto Alegre.

Nesta perspectiva, o estágio a ser realizado e a pesquisa para a conclusão de curso sob a orientação da professora Maria de Lourdes trariam enfim, temas constitutivos da minha formação pessoal e questões pulsantes em meu cotidiano, com possibilidades de ressignificação tanto da produção artística quanto da prática pedagógica.

Apesar da escassez de escolas disponíveis para a realização de estágios acadêmicos naquele momento, há sempre àquelas escolas que se abrem a esta atividade mas, por algum motivo, não têm a adesão dos universitários. Um desses casos é o da E.M.E.F. Almirante Raphael Brusque, localizada na colônia de pescadores Z3. Seu distanciamento do centro da cidade e o difícil acesso à comunidade impediam que estas ações acontecessem por lá. Porém, aceitei mais esse desafio, visto que, aspirava muito mais do

que um estágio, buscava outros campos de ação, maneiras inusitadas de pensar e produzir educação e arte; propunha um trabalho que provavelmente, somente na colônia de pescadores Z3 poderia suceder-se.

A pesquisa desenvolvida abarcou algumas linguagens artísticas, e tinha como objetivo principal a conscientização dos alunos daquela comunidade em relação ao descarte de resíduos recicláveis e reaproveitáveis no meio natural. A animação Wall-e produzido pela Disney-Pixar, acabara de ser lançada e trouxe através de uma linguagem lúdica, claras noções referentes aos processos de reciclagem do lixo e os impasses ambientais em nosso planeta. A partir da fruição desta animação, catamos resíduos recicláveis na orla da praia e, a partir deles, desenvolvemos brinquedos com bases nos princípios da *Toy Art*.

Desde então, meus processos subjetivos aproximam as práticas docentes às questões relacionadas aos cuidados com o espaço natural e, ao conhecer a colônia Z3 e

desenvolver o trabalho artístico e pedagógico com àquelas crianças, juntamente ao ecossistema Laguna dos Patos, encontro enfim, meu eu em plenitude.

Os percursos desta formação, as múltiplas experiências curriculares e extracurriculares vivenciadas no campo da arte e da educação, os meandros percorridos fundamentados em um desejo e a entrega ao trabalho geraram resultados dignos, transformação subjetiva, crescimento pessoal e prospecção profissional. Encerrava-se um ciclo, circunscrevia-se uma trajetória que marcaria minha vida adulta e seria um rito de passagem às novas experiências que logo empreenderia.

Dando prosseguimento à pesquisa acadêmica, no ano de 2011 ingresso no Programa de Pós-Graduação em Artes – Especialização em Ensino e Percursos Poéticos PPGAV/UFPel. Sob orientação da professora Dra. Claudia de Mattos Brandão desenvolvemos um trabalho intitulado: “Práticas Docentes na Contemporaneidade: uma reflexão com

professores de artes sobre meio ambiente, multiculturalismo e cultura visual”. Questões relacionadas ao meio ambiente, cultura visual e multiculturalismo foram os temas abordados no intuito de investigar entre alguns professores de artes na cidade de Pelotas, se essas tendências contemporâneas estavam ou não sendo abordadas, e de que forma, em suas práticas docentes.

Delineou-se naquele momento, a partir dos diferentes percursos e realidades das professoras entrevistadas, que as escolas onde atuavam eram pouco incisivas nas questões ambientais, visto que, nenhuma delas desenvolvia trabalhos que contemplassem essas questões em seus Projetos Político Pedagógicos.

Concomitantemente ao curso de especialização em Artes Visuais, prestava concursos públicos nas cidades da região, bem como, em municípios gaúchos com potencial natural que favorecesse a prática docente e os projetos que desenvolvo em artes e, ao mesmo tempo, proporcionasse

qualidade de vida. Dentre essas cidades as quais fui aprovado em concursos públicos, São Lourenço do Sul, Três Coroas e Gramado eram as que mais me despertavam o interesse.

Entretanto, a nomeação como professor de artes deu-se, primeiramente, na cidade de São Lourenço do Sul e, ao localizar a E.M.E.F. Prof. Armando das Neves às margens da Laguna dos Patos, não hesitei na escolha. Logo me estabeleci em uma pequena casa, localizada no quarteirão da Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, bem como, da sede da Associação de Pescadores da Colônia Z8, há dez minutos de caminhada até a escola.

Retornar a esta cidade como morador e professor de artes, remeteu-me mais uma vez ao passado, aos tempos de infância e adolescência em que veraneávamos em família na Pérola da Lagoa.

Proporcionou-me recordar vivências distantes e felizes por manterem-se ainda, algumas características de outrora e,

ao mesmo tempo, perceber que, em um breve espaço de tempo, muitas coisas tinham acontecido por ali: até mesmo a paisagem natural, que era tão singular, havia sofrido severas modificações devido à enxurrada que devastou parte da cidade no ano de 2011. Fazia pouco mais de um ano deste acontecimento a minha chegada por aqui. Ainda estavam recentes no imaginário e na paisagem local, cenas de devastação, tragédia e fatalidade.

São Lourenço do Sul e a região sul do Rio Grande do Sul possuem um rico e vasto patrimônio natural com particularidades e organismos vivos próprios do ecossistema formado por campos, serras e banhados da Costa Doce, bem como os rios afluentes à Laguna dos Patos.

A ocupação desordenada destes espaços e a exploração dos recursos naturais colocam em vulnerabilidade a qualidade e o tempo de vida destes recursos. O mercado e o consumo desenfreados geram a falsa sensação de poder na sociedade contemporânea e, são

proporcionais ao descarte de lixo na natureza e aos danos à saúde e à qualidade de vida. Tais fatores deve-se à ineficiência do sistema vigente, bem como, pela falta de atitudes responsáveis tanto individuais, quanto coletivas.

Repensar o "ser" e o "ter" deveria ir para além das questões de poder. Porém, requer conscientização de que o fator ambiental encontra-se em desequilíbrio e precisamos agir urgentemente, visto que, estamos falando de nossas vidas aqui e agora e não apenas em um futuro distante. O descarte direto ou indireto de resíduos em rios, lagoas e mares é alarmante e ameaçam a vida em nosso planeta.

Desconsiderando demais problemas ambientais e tomando o lixo descartado nas vias públicas como um problema isolado e, justamente por ser o que é, o lixo, o resto, o rejeito da sociedade, é urgente repensarmos nossas relações com os objetos e nossas responsabilidades face seu consumo e descarte. Levar em consideração que nossas atitudes são as únicas responsáveis por nos encontrarmos

neste estado calamitoso em relação à própria vida que se encaminha ao caos, provocado pela vaidade e prepotência humana que insiste em avançar sem controle e escrúpulos.

A economia baseada no consumo desenfreado de alguns e na indigência e calamidade de outros, torna cada vez mais distante as possibilidades de regeneração da humanidade tanto em questões subjetivas, físicas, sociais e ecológicas. Os distanciamentos entre os indivíduos que estão próximos intensificam-se e os gestos solidários tornaram-se cada vez mais distantes também. A vida cotidiana atribulada, o trabalho, os compromissos, o tempo escasso, as horas dedicadas ao mundo on-line e outras tantas demandas diárias nos distanciam de nossos autênticos devires e, o ser em grupo e as formas de constituições humanas tanto subjetivas, quanto sociais estão se deteriorando. Para Fuganti,

Para pensar o devir é preciso livrar-se de alguns contrassensos. O devir não designa um estado de insuficiência. Não é uma falta de ser. Ele não carece ser outro para tornar-se real. Nem por imitação (copiar o outro), nem por identificação (ser outro), tampouco por transposição de relação (fazer com outro). Devir é tornar-se diferente de si. É potência de acontecer, diferindo de si sem jamais confundir-se com o estado resultante dessa mudança (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN., 2012, p. 75).

Esta potência criadora de mudança está em nós, porém, a individualidade, a escassez de tempo e a ineficiência dos modos operativos e tecnológicos contemporâneos para que se efetivem transformações nas formas de pensar e agir, perpassam por todas as esferas da sociedade. Distinguir a vida, o trabalho e os bens materiais entre o público e o privado é um distúrbio coletivo que vem putrefazendo os setores políticos em esfera global, bem como, corrompendo cidadãos ao sistema capitalista afetado. As organizações que deveriam administrar e prover condições de justiça social, desenvolvem estratégias de controle às classes desfavorecidas, de maneira a descartá-los

do contexto social, da mesma forma como descartam seu lixo. Somos testemunhas de um desvio da humanidade que comumente chamam de retrocesso, mas, que em minha concepção mostra-se como uma calamidade social que antecede períodos ainda menos favoráveis.

No entanto, é justamente a partir dessas provocações que despontam a necessidade em prosseguir pesquisando temas que me afetam desde então e, que estão de certa forma, impregnados em meu cotidiano.

Ao relacionar minhas práticas pedagógicas às questões ambientais, aos brinquedos que produzia a partir dos resíduos da produção da sapataria de meu pai, à economia doméstica de minha mãe, ao projeto de pesquisa em andamento, remeto-me aos Catadores da Cultura Visual, do pensador e educador espanhol Fernando Hernandez, bem como, a obra romântica de Jean François Millet, *As respigadeiras* (Figura 20) que me foram apresentados pela professora Dra. Úrsula Silva.

A partir dessas referências é possível enfatizar as relações que estabeleço com o (re)duzir, (re)aproveitar, (re)ciclar, (re)ver, (re)ssignificar e outros tantos “res” que propõem-se como escapula aos impasses subjetivos, sociais e ambientais e, problematizam o projeto de pesquisa em desenvolvimento.



Figura 20: *As respigadeiras*. Jen François Millet, 1857.

Fonte: Google imagens.

O termo "catar" é utilizado no trabalho, visto que, dentre as atividades externas que desenvolvemos nas aulas de artes, a coleta de materiais na orla da praia é uma das mais recorrentes. Catamos elementos naturais e recicláveis para compor objetos artísticos, bem como, coletamos o lixo para dar um descarte adequado a ele.

Respigar, uma atividade agrícola extinta na Europa consistia em (re)colher após a colheita. As grandes lavouras permitiam, após sua colheita, que pessoas desprovidas de alimentos catassem as sobras da atividade agrícola comercial, de modo a não desperdiçar àqueles produtos consumíveis que não apresentavam qualidade e aparência próprias ao comércio. Desta forma, o trabalho das camponesas, *As respigadeiras* de Millet, parecem ter tanto para ele, quanto para mim, o mesmo sentido cerimonial.

Segundo Gombrich (2012), Millet é o pioneiro e considerado um artista revolucionário ao pintar uma cena da vida cotidiana de camponeses trabalhando no campo. Essa

quebra de paradigmas em sua temática evidencia a sensibilidade do artista em retratar e produzir significados a partir de sua arte ainda em nossos dias.

Assim, as suas três camponesas assumiram uma dignidade mais natural e mais convincente do que a dos heróis acadêmicos. O arranjo que parece casual à primeira vista, corrobora essa impressão de tranqüilo equilíbrio. Há um ritmo calculado no movimento e na distribuição das figuras que confere estabilidade ao todo e nos faz sentir que o pintor considerava o trabalho da colheita uma cena de solene significado (GOMBRICH, 2012, p.511).

A partir da ideia de ressignificação, de reconstrução e releitura da realidade, é que, em nossos dias, no curso de Mestrado em Artes Visuais, essas questões me atravessam, são retomadas e levam-me a aprimorá-las a partir de fundamentações teóricas, filosóficas e artísticas, além da orientação responsável, afetiva e sensível do professor Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo.

O atual projeto de pesquisa teve origem no ano de 2016, ao cursar como aluno especial a disciplina de *Poéticas*

Audiovisuais: dispositivos ecosóficis para a produção e o ensino da arte, oferecido por este programa de pós-graduação ministrada pelo professor Cláudio. Aprofundar os estudos a partir da filosofia de Félix Guattari em sua obra "As três ecologias" proporcionou-me fundamentar e orientar ações que já desenvolvia em minha prática docente em artes, a partir de microintervenções estéticas, micropolíticas e socioambientais.

Fazer da prática docente uma obra de arte, como propunha a professora Dra. Luciana Loponte no III SIEA – Seminário Internacional Ensino da Arte, me parece possível, na medida em que desenvolvemos uma ética e poética pessoal que transcende as barreiras do senso comum e consegue aprofundar-se de forma construtiva e afetuosa nas questões as quais nos propomos, tanto em relação à arte, quanto na arte da docência.

Trazer ao conhecimento público esta trajetória de vida com arte e a construção de um professor/artista e os temas

que mais o inquietam e, ao mesmo tempo o impulsionam a prosseguir em busca de possibilidades em conciliar a educação à arte para além da sala de aula, de forma a proporcionar aos estudantes conhecimentos e vivências que promovam sua emancipação subjetiva e social, tendo como pano de fundo, uma paisagem natural de beleza ímpar, a Laguna dos Patos.

Propor ações pedagógicas e artísticas de cunho socioambiental é na atualidade uma filosofia de vida e o tema que se faz presente em meu cotidiano particular, profissional e acadêmico. É vital poder desenvolver a prática docente e, ao mesmo tempo cuidar e promover entre uma série de jovens, possibilidades de também compartilharem um olhar sensível e de transformarem-se em agentes ativos frente a este recurso natural ameaçado pela ação humana.

É um privilégio poder fazer do ofício de arte/educador, da própria produção artística e da pesquisa em artes uma potência frente às necessidades de cuidados a

este ecossistema, bem como contribuir nas relações dos alunos com este espaço que lhes é próprio, porém, distante em relação às inúmeras questões globais (sociais, políticas, éticas, estéticas, ecológicas, econômicas...) que ainda não estão em seus entendimentos.

2. Artefatos e “cArtografias” – Poéticas do Cotidiano

Conduzir a pesquisa acadêmica em artes pelo viés do pensamento ecosófico, difundido por Guattari, abriu caminhos a uma produção artística permeada de significados, bem como, uma renovação à práxis na docência em artes, ambas nutrindo reflexões e ações à pesquisa no campo do ensino da arte e da educação estética, portanto,

[...] é concebível, em compensação que a nova referência ecosófica indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto a reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. Trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma ressingularização individual e/ou coletiva (GUATTARI, 2012, p.15).

A reinvenção de mim mesmo através da arte perpassa pela revisão das práticas cotidianas em um sentido amplo que, particularmente, busco através de um alinhamento dos campos pessoal, profissional e a pesquisa em artes. Tornar públicos objetos de arte relacionados ao projeto de pesquisa ampliou a reflexão sobre a própria produção artística e seu

contexto na contemporaneidade, bem como, as possibilidades de ressignificação do cotidiano e da prática docente.

Poetizar através das palavras não é próprio de minha natureza e, na atual conjuntura social, política e ambiental em nosso país, essa prática limita-se ainda mais; as artes visuais são o instrumento revelador dessa poética pessoal em relação à vida e a natureza humana. A poesia é presença constante em meu cotidiano artístico, porém, é por intermédio de composições da música popular brasileira que melhor estabeleço essa conexão poética que influencia e reverbera no ato da criação artística.

O universo musical de nossa família é marcado pela diversidade de influências por conta do repertório distinto de meus pais, que empreendia desde as orquestras filarmônicas e os grandes clássicos, perpassava às canções tropicalistas e populares, bem como as músicas nativistas gaúchas. Dentre os artistas que musicaram nossas histórias em família, entre

outros que integram minha coletânea pessoal, destaco os poetas: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Tom Jobim, Belchior, Rita Lee, Cazuzza, Renato Russo, Cássia Eller, Lenine, Zeca Baleiro, Humberto Gessinger, Chico Science...

Na ocasião da banca de qualificação do projeto de pesquisa, as professoras Dra. Denise Bussoletti e Dra. Nádia Senna apontaram a a/r/tografia como um método de pesquisa imprescindível ao trabalho em desenvolvimento, em contraponto ao modelo acadêmico tradicional de redação, bem como, ao formato e apresentação estética adotados naquele momento, por não conferirem ao material às especificidades de um trabalho artístico.

A partir de suas contribuições, foi possível verificar processos afins e correlacionados entre o método cartográfico e a a/r/tografia, na medida em que rompem com metodologias hegemônicas estabelecidas pela pesquisa em arte/educação. "O convite ao leitor, nestas metodologias é diferente ao apelo da pesquisa tradicional, pois está

baseada no conceito de que o sentido não é encontrado, mas construído e de que o ato da interpretação construtiva é um evento criativo" (DIAS, 2008, p.4).

O acolhimento da artografia pela cartografia vai além da afinidade em referenciais teóricos entre os métodos, pois abarcam um processo de pesquisa aberto que dialoga com a produção do artista e a prática docente do professor.

Segundo Dias (2008), através da artografia espera-se transfigurar os modos estabelecidos de se fazer pesquisa e produzir conhecimento na área de artes, ao aceitar e evidenciar a incerteza, a imaginação, a ilusão, a introspecção e, até mesmo falhas e erros, de forma a promover múltiplos níveis de envolvimento, que são simultaneamente cognitivos e emocionais. "Como nós desenvolvemos inter-relações entre nosso fazer artístico e nossa compreensão do conhecimento é a questão crucial da a/r/tography" (2008, p. 6).

Para Passos, Kastrup e Escóssia (2015, p.17), cartografar pressupõe "discutir a inseparabilidade entre

conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir: toda pesquisa é intervenção”. A partir do pensamento dos autores, é possível observar que os métodos de pesquisa dão conta de um processo criativo e de vivificação, e não de procedimentos que, em contrapartida, almejam resultados, provações e respostas. Desta forma, “ao colocar a criatividade à frente do processo de ensino e aprendizagem, a a/r/tography gera inesperados *insights*, incentivando nossas maneiras de pensar, engajar e interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor” (DIAS, 2008, p.5).

Nesta perspectiva, redimensiono o projeto de pesquisa ao trazer à tona a própria produção artística, que compreende desenhos, pinturas, fotografias, vídeos, instalações, cartões postais, entre outros objetos de arte. São trabalhos pensados e elaborados a partir das ações e dos desdobramentos obtidos através do projeto de pesquisa e do processo pedagógico de intervenção artística

desenvolvido com os alunos da Escola Armando das Neves em São Lourenço do Sul.

Caminhar pela orla da praia, coletar pedras, pintá-las e devolvê-las ao seu local de origem é uma prática artística criada para suprir a carência em materiais didáticos específicos à arte, mas, além disso, propõe-se resgatar entre os alunos suas capacidades de reconhecerem-se e atuarem como integrantes e responsáveis pelo meio ambiente, através de ações sensíveis, didáticas e culturais.

“Artefatos e afetos” (2018) nasceu da necessidade em apresentar o trabalho de microintervenção artística desenvolvido na escola em galerias e espaços expositivos de arte. A primeira exposição coletiva do trabalho deu-se no III Encontro Internacional de Sociopoética e abordagens afins, sediado pela UFPI – Universidade Federal do Piauí, em Teresina/PI. O encontro teve como temática: Potências do corpo na invenção de si e de mundos com/entre

diversidades/diferenças: Metodologias sensíveis e inventivas na formação em educação, saúde e arte.

Na ocasião, o trabalho (Figura 21) não dispunha de um formato com caráter expositivo, pois até o momento, eram artefatos pensados apenas como objetos pedagógicos; peças integrantes de uma intervenção artística. Porém, a dinâmica inclusiva do evento, acolheu o trabalho em sua forma original, de modo a proporcionar sua reestruturação para exposições futuras. A montagem do trabalho ficou por conta do Professor Cláudio, incentivador pessoal à criação, articulação e exposição das obras nos circuitos de arte e educação.



Figura 21: Artefatos e afetos, 2018.

Fonte: Cláudio Tarouco de Azevedo.

Expor o trabalho nesses espaços abriu caminhos à reflexão e a ressignificação, tanto da obra, quanto do projeto de pesquisa a partir das experiências estéticas compartilhadas durante as mostras entre colegas, professores e o público em geral. Neste sentido, a obra insere-se no contexto da produção contemporânea das artes visuais, pois vai além do objeto proposto; sugere sensibilização, interpretações e provocações. Em um olhar

mais atento, o espectador poderá perceber que a potência poética do trabalho manifesta-se preponderantemente em seu processo de produção e não apenas em seu resultado final.

Imersão no ambiente, olhar sensível, captura fugaz, coleta responsável e montagem minuciosa caracterizam a obra produzida a partir de técnicas diversas, em dimensões 10 cm x 10 cm x 2 cm, cada uma das dezesseis peças que constituem o conjunto em exposição (Figura 22).



Figura 22: Artefatos e afetos, 2018.

Fonte: Daniel Moura.

As pequenas peças trazem imagens da paisagem lourenciana evidenciando seus elementos naturais peculiares, tais como as aves, as figueiras, as pedras e o junco, enunciando de forma didática e sensível as questões ambientais abordadas no projeto de microintervenção em pesquisa.

Ao invés da produção no atelier, as peças foram pintadas em sala de aula enquanto os alunos também produziam seus artefatos. Penso que a atitude de criar, produzir e expor os objetos de arte e, posteriormente oferecer essas peças, principalmente aos alunos, alavancou as possibilidades estéticas e o processo criativo em seus trabalhos, bem como, intensificou a produção e ampliaram-se as estratégias de ação, revitalizando e ressignificando o próprio projeto de microintervenção artística. Desta forma pude constatar que, cartografar “consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p.10,11).

Artefatos e afetos é uma obra de arte aberta elaborada para além do espaço expositivo, visto que, originalmente foi composta por cento e vinte peças, as quais compartilhei com alunos (Figura 23), familiares, amigos, colegas, professores e colaboradores sensíveis ao projeto.



Figura 23: Alunos, artefatos e afetos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Compartilho sonhos, experiências e projetos de vida com os jovens através de um processo criativo de produção

artística, no intuito de que essas ações reverberem também, em suas relações interpessoais, no estreitamento da afetividade com seus familiares, nas possibilidades em projetarem e executarem seus projetos pessoais potencializados pelo princípio de “transformar para conhecer, e não de conhecer para transformar a realidade” (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2015, p.18).

O trabalho integrou a exposição alusiva ao 7º SPMVAV - Seminário de Pesquisa do Mestrado em Artes Visuais/UFPel, que trouxe em seu tema as práticas artísticas e o ensino da arte em tempos de resistência. Foi uma experiência para além da exposição artística, visto que, o evento ampliou o debate e fortaleceu a pesquisa no campo das artes.

Neste sentido, foi possível contribuir na organização e realização do evento atuando em várias frentes, porém, promover a apresentação e a mediação das discussões em um dos grupos de trabalho foi a experiência que mais enriqueceu minha formação durante o evento.

O trabalho integrou também a exposição coletiva “Olhares Ecosóficos”, composta pelos artistas/pesquisadores do GPAES - Grupo de Pesquisa Arte, Ecologia e Saúde, realizada entre os dias 04 de junho a 05 de julho de 2019, no Espaço Incomum – Galeria de Arte da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sob a coordenação do professor Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo.

[...]

Outro significativo trabalho artístico produzido nesta etapa de formação representa meus territórios existenciais através de um mapa poético.

Traçar mapas é uma prática antiga na história da humanidade, pois, antes da invenção da escrita, os homens já faziam o uso de mapas para orientarem-se em seus deslocamentos e demarcarem territórios.

A primeira experiência pessoal que tive com mapas, deu-se em Canguçu, minha terra natal, aos doze anos de

idade; ocasião em que ganhei um pequeno atlas geográfico escolar de meus pais. Este instrumento proporcionou-me inúmeras viagens em territórios imaginários e inusitadas experiências estéticas, visto que, guardo carinhosamente, tanto o atlas quanto suas memórias até nossos dias. Passear naquele pequeno e, ao mesmo tempo imenso mundo me fascinava; estudar e brincar fundia-se na curiosidade e criatividade que o material suscitava.

Nos últimos anos, vivo intensamente em trânsito entre as cidades de São Lourenço do Sul onde resido e trabalho, Pelotas na qual mantenho vínculo quase ininterrupto com a UFPel desde o ano de 2007 e, Canguçu minha querência e de minha família, cenário onde transcorreram as histórias de infância e juventude aqui contadas.

Esses territórios compõem minha história de vida pois, cotidianamente transito entre eles não apenas fisicamente; estão impregnados em meu corpo e na minha alma, são constituintes de meus sentidos, personalidade, cultura, tendências, formação...

Os deslocamentos constantes entre essas cidades, através do precário meio de transporte coletivo disponível, ajudou-me a pensar e repensar a respeito do meu potencial criativo e no aprimoramento de uma poética pessoal que pudesse dar sentido à representação artística desse território. Nesta perspectiva,

O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual o sujeito se sente "em casa". O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p.323).

Seguindo o pensamento dos autores, os territórios existenciais não se referem ao território como um ponto demarcado, estático e delimitado. Trata-se de uma dimensão espaço/temporal de vivificação processual e qualitativa sujeita a modificações, desvios e, até mesmo recriações devido suas relações com outros territórios existenciais.

Por meio de poéticas artísticas busquei representar territórios que, politicamente são divididos por linhas imaginárias e fronteiras geográficas, porém, unificados pelas pessoas, suas relações, os fluxos e as experiências daí desencadeadas através de signos, cores, referências culturais, arquitetura e demais elementos que compõem esses lugares.

É um processo de vivificação entre a arte, linguagens e conhecimentos através da relação íntima do artista com seu entorno, atravessado por deslocamentos, de modo a responder com a própria obra, esse ambiente que cotidianamente reverbera na pesquisa, na docência em artes e, sobretudo, na vida pessoal.

Apesar das peculiaridades, as cidades têm diversos aspectos culturais em comum devido sua proximidade geográfica, sem falar na paisagem diversificada dos banhados formados pela Laguna dos Patos, planícies e serras, que compõem o bioma pampa.

Através da representação cartográfica dessas cidades, procurei mapear visualmente esses lugares para

compreender suas formas e limites, de modo a mensurar as distâncias, fluxos, ligações e as possibilidades de representação artística deste território.

Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul se visualizadas a partir de um mapa geográfico, desenham um triângulo através das principais linhas que as conectam (Figura 24). O cartógrafo, a partir de suas percepções, emoções e sensações provocadas nos deslocamentos, amplia o repertório imagético para criar e recriar, tanto mapas mentais, quanto mapas poéticos a partir dos lugares e paisagens construídas nesses deslocamentos.

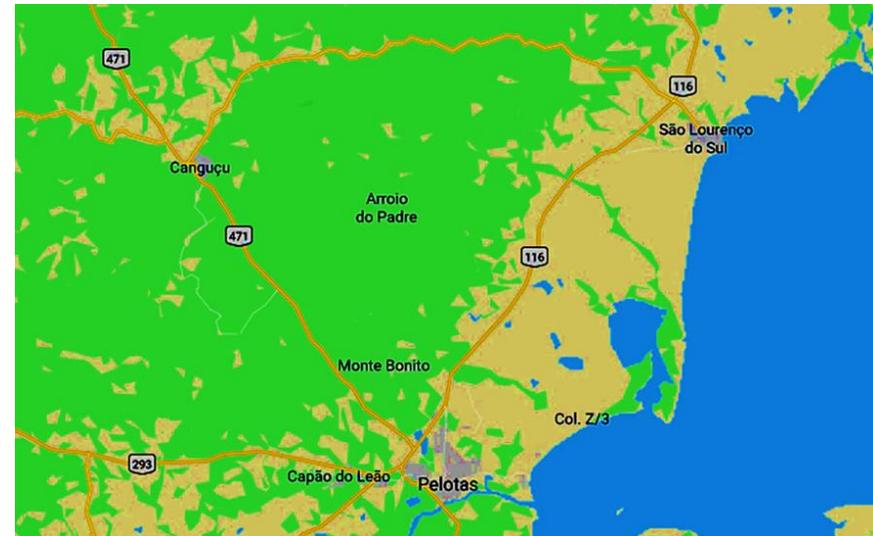


Figura 24: Mapa Região Sul/RS, 2018.

Fonte: Google Mapas.

Portanto, a construção do mapa poético potencializa-se e desenvolve-se em um processo literalmente cartográfico que se dá a partir de experimentações, tanto no campo das ideias, quanto dos materiais, no intuito de representar meus territórios existenciais em um objeto de arte contemporânea.

A materialidade dos artefatos e as metodologias experimentadas no projeto de pesquisa permeiam o processo criativo do trabalho proposto, na medida em que deambulo entre esses espaços interligados que se parecem

ao mesmo tempo distantes e próximos; particulares e alheios. Neste sentido, pensando a criação artística pelo viés da pesquisa em artes, o praticante da artografia, “vive num mundo de intervalos, tempo/espço, em espaços liminares, terceiros espaços, entre-lugares. Busca vários espaços, desde aqueles que nem são isso nem aquilo, àqueles que são isso e aquilo ao mesmo tempo”. (DIAS, 2008, p. 7).

Nessa perspectiva, a construção de um mapa poético reportou-me a longínquas lembranças que trazem em si uma história de vida e, que emerge a partir de objetos, memórias e vivências. Buscar na própria história os processos de construção subjetiva e estética, remeteu-me à infância; ao dedinho passeando pelo pequeno atlas geográfico, na qual poetizava o mundo em aventuras por territórios imaginários.

Enfim, para representar esse território coletei uma pedra em cada uma das cidades durante meus deslocamentos. Atribui para cada um desses artefatos características que simbolicamente compõem meus

territórios existenciais, tais como, questões subjetivas, geográficas, históricas, sociais e ecológicas.

Neste trabalho, os municípios Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul são “pedras matrizes” (Figura 25), coletadas em tempos e espaços distintos que se encontram e compõem de forma poética e artística, além de lugares de trânsito; lugares de afeto, referência, construção e acolhimento.



Figura 25: Pedras matrizes, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Para recompor meus pequenos mapas de outrora, trouxe a técnica da *litogravura* como referência para a execução do objeto de arte. As pedras que coletei, utilizei como matrizes de gravuras. Pintei-as com as cores daqueles mapas que imaginariamente passeava na infância e, gravei-as em uma pele de couro compondo a imagem a partir de manchas de tinta e alguns contornos para caracterizar o mapa.

O uso do couro é imanente em meus processos criativos, na medida em que tal materialidade é constituinte de minhas memórias poéticas e por ser a matéria prima predominante na produção artística por mim desenvolvida.

Por fim, produzi sacos de couro (Figura 26) para proteger e transportar as pedras matrizes, visto que, elas também podem compor o trabalho em suas diversas possibilidades e formas de apresentação.



Figura 26: Sacos de couro, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.

A partir de memórias e deslocamentos busquei ressignificar à técnica da *litogravura*, de modo a desviá-la de seu contexto tradicional, como por exemplo, seu procedimento, suporte e materiais.

Esteticamente o mapa produzido apresenta ramificações como os vasos de uma corrente sanguínea e, até mesmo, com as raízes de uma árvore. Deleuze e Guattari,

na obra Mil Platôs, fazem uma analogia entre o rizoma e os mapas que, de uma forma particular, adéqua-se à proposta artística em questão.

[...] o mapa é aberto, conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como ação política, uma meditação (1995, p.21).

Nesta perspectiva, construí o mapa poético sem identificar territórios, espaços, direções e deslocamentos. Cabe ao receptor, estabelecer as relações entre a imagem gravada no couro e as pedras que encontrei pelo caminho (Figura 27).



Figura 27: Mapa poético, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal

Os mapas são na atualidade, objetos de pesquisa e de reinvenção pela arte contemporânea. Apropriar-se dos mapas como elemento para produção artística é, em meu entendimento, traçar territórios de encontros com nós mesmos.

A partir dessa temática proposta e orientada pela professora Dra. Renata Requião, desenvolvida na disciplina *Percursos, narrativas e descrições: Mapas poéticos*

intensificaram-se minhas relações com as cidades as quais transito, de forma que, passei a perceber ainda mais seus espaços e a melhor identificar os elementos que as compõem. Desta forma, desenhei e redesenhei mapas mentais para uma melhor compreensão em relação aos níveis de percepção das cidades e dos percursos entre elas e, assim, atribuí outros sentidos tanto às cidades, quanto aos deslocamentos.

Durante o tempo despendido nesses traslados observo a exploração da terra por monoculturas, bem como, as cidades, campos, rios e a própria laguna tomadas por lixo de toda espécie. Vivencio diariamente a superficialidade das relações sociais entre outras questões em que a ausência de uma educação sensível é fator determinante. As motivações que geram tais deslocamentos entre as cidades levam-me a valorizar ainda mais o trabalho que desenvolvo e a relevância dos professores na sociedade contemporânea.

Unir materiais como o couro e as pedras (Figura 28) neste trabalho, é lembrar a infância e a juventude e trazer

à tona questões subjetivas adormecidas, que abrem caminho à redescoberta dos espaços, seus fluxos, suas materialidades e a potencialidade para a criação artística que eles suscitam.



Figura 28: Mapa poético, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal

O propósito desta experiência estética é evidenciar meus territórios existenciais a partir de artefatos e as referências das paisagens que construo a partir de

deslocamentos. “É sempre a ideia de paisagem e a de sua construção que dão uma forma, um enquadramento, medidas a nossas percepções – distância, orientação, pontos de vista, situação, escala” (CAUQUELIN, 2007, p. 10 -11).

[...]

A criação artística pensada e produzida a partir de deslocamentos e cartografias foi uma constante no período do curso de Mestrado em Artes Visuais. A arte proporcionou-me inúmeras possibilidades de criação e reinvenção de mim mesmo, na medida em que, coloquei-me ainda mais perceptivo à observação e à contemplação durante deslocamentos, principalmente nas caminhadas por esses lugares. Assim pensando,

O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e de seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado – e o variar das percepções que ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais

tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares (CARERI, 2013, p.51).

Apesar da bagagem histórica e cultural que trago das cidades de Canguçu e Pelotas, houve fácil integração à comunidade de São Lourenço do Sul, bem como, ao seu ambiente natural que acolhe, inspira e revigora e, faz deste território o meu lugar.

Nos últimos anos pude transitar por seus espaços, descobrir, redescobrir e construir lugares juntamente com meus alunos. Caminhar e construir lugares implica em transformações simbólicas dos territórios a partir de “uma ação que não é a transformação física de um território, mas um atravessamento dele, um frequentá-lo sem a necessidade de deixar rastros permanentes” (CARERI, 2013, p.123).

Desta forma, através da fotografia, exercito meu olhar e compartilho esse lugar e as paisagens que construo diariamente. O contato direto com a Laguna dos Patos e o ato criativo e perceptivo desencadeado nessas deambulações produzem lugares de afetos a partir de uma pedagogia

específica do ver. Para Byung-Chul Han (2015, p.51), “aprender a ver significa habituar o olho ao descanso, à paciência, ao deixar-se aproximar-se de si, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento”.

Partindo desse pensamento, durante as caminhadas capturo cenas do cotidiano a partir de registros fotográficos que compõem um arquivo de imagens deste espaço natural e dos seres que nele habitam. São imagens de um tempo e espaço que considero significativos e, que somente a técnica fotográfica poderia revelar a partir de suas especificidades, visto que,

No caso da fotografia, é capaz de ressaltar aspectos do original que escapam ao olho e são apenas passíveis de serem apreendidos por uma objetiva que se desloque livremente a fim de obter diversos ângulos de visão; graças a métodos como a ampliação ou a desaceleração, pode-se atingir a realidades ignoradas pela visão natural. Ao mesmo tempo, a técnica pode levar a reprodução de situações onde o próprio original jamais seria encontrado (BENJAMIN, 1975, p.13).

A crítica feita por Benjamin coloca o potencial fotográfico por meio das múltiplas realidades que a câmera pode oferecer, por outro lado evidencia que a técnica pode ser tão reprodutora a ponto de jamais encontrarmos o original. O instante capturado e eternizado em uma imagem fotográfica significa uma cena original e autêntica, podendo ser efêmera; uma imagem que dificilmente se repetirá naquele mesmo ângulo e enquadramento e, jamais será capturada por outra lente, pois, “o que caracteriza a autenticidade de uma coisa é tudo aquilo que ela contém e é originalmente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico” (BENJAMIN, 1975, p.14).

A partir do pensamento de Walter Benjamin (1975) a respeito das múltiplas realidades que o aparato fotográfico pode nos ofertar, proponho a produção, reprodução e disseminação de uma série de cartões postais composta por paisagens cotidianas e lugares de afeto que construí em São Lourenço do Sul; pontos de vista que o olho humano não

consegue acessar não fosse pelo advento fotográfico. Nesta perspectiva,

Reproduzem-se cada vez mais obras de arte, que foram feitas justamente para serem reproduzidas. Da chapa fotográfica pode-se tirar um grande número de provas; seria absurdo indagar qual delas é a autêntica. Mas desde que o critério de autenticidade não é mais aplicável à produção artística, toda a função da arte fica subvertida. Em lugar de se basear sobre o ritual, ela se funda, doravante, sobre uma outra forma de práxis: a política (BENJAMIN, 1975, p.17).

Trazer essas imagens a público pelo viés de uma práxis política socioambiental é imprescindível neste momento em que causas ambientais e humanitárias estão cada vez mais vulneráveis em nosso país e no mundo. Repensar atitudes, respigar materiais e rever prioridades são questões micropolíticas que adoto através de ações pessoais cotidianas, nas proposições artísticas e na prática docente. Compartilhar a série de postais intitulada "RE" (Figura 29), fotografadas entre os anos 2017 e 2018 é uma prática artística contemporânea e micropolítica que objetiva

redirecionar e sensibilizar os olhares e, conseqüentemente, reiterar a ideia de ressignificação do cotidiano.



Figura 29: "RE", 2018.

Fonte: Arquivo pessoal

Além de trazer registros de cenas cotidianas, o conjunto de postais evidencia questões pessoais que são potencializadas em contato com tal paisagem e, provocam-me sensações, as quais impulsionam uma produção artística sensível e ativista ao mesmo tempo. Tal produção dialoga com o cotidiano e busca reativar também, nos receptores dessas imagens, questões subjetivas, sociais e culturais que insistem em distanciar-nos do nosso meio natural.

"RE" 2018, (Figura 30) é um artefato produzido para a intervenção artística, que após fotografado foi deixado na orla da lagoa, seguindo os métodos vivenciados nas

intervenções desenvolvidas com os alunos, bem como, relendo e reverenciando a obra “artefato” do artista e professor Dr. Paulo Damé, figura 9.



Figura 30: "RE" Cartão Postal, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.

Ressignificar o cotidiano e o ambiente natural através de um dispositivo de compartilhamento acessível e popular, que fuja das redes e mídias sociais tradicionais já saturadas, é prioridade neste trabalho produzido de forma artesanal que revisita e ressignifica também, a arte postal.

A arte postal, difundida em alguns continentes na década de 1970, buscava uma rede de relações entre artistas e o público em geral. Paulo Bruscky é o artista pioneiro na arte postal no Brasil e, sua atuação sustentava a ideia de prática cotidiana, solidária e colaborativa, porém, com caráter subversivo e revolucionário. Neste sentido,

A Arte Correio (Mail Art) Arte por Correspondência, Arte a Domicílio ou qualquer outra denominação que receba não é mais um "ismo", e sim a saída mais viável que existia para a arte nos últimos anos e as razões são simples: antiburguesa, anticomercial, anti-sistema, etc (BRUSCKY in FERREIRA, 2006, p.274).

A arte postal surge a partir da vontade de expandir os limites da arte e questionar o seu alcance, bem como, suas relações entre os espectadores e os meios oficiais de difusão e expansão.

Compartilhar de forma original as paisagens construídas nas caminhadas é essencial no momento atual em que vivenciamos a degradação dos espaços naturais em escala assustadora e fatal. Segundo Anne Cauquelin, nosso planeta requer urgente atenção de todos os seres humanos, visto que, o meio ambiente físico na atualidade encontra-se,

Desolado, degradado, poluído, sobrecarregado, ele clama por socorro imediato, saneamento e reabilitação. Como esse meio ambiente deplorável se apresenta sob a forma de paisagem igualmente desoladas, assistimos a uma identificação entre meio ambiente e paisagem (2007, p. 9).

Segundo as colocações da autora sobre o meio ambiente e a paisagem, ela complementa dizendo;

Parece então, que a proposição segundo qual a noção de paisagem e sua realidade percebida

são justamente uma invenção, um objeto cultural patentado, cuja função própria é reassegurar permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço, é, na atualidade, fortemente evocada e preside a todas as tentativas de “repensar” o planeta como eco-sócio-sistema (CAUQUELIN, 2007, p.12).

Repensar o planeta a partir de ações socioambientais requer que reinventemos cotidianamente nossas paisagens a partir de ações concretas e sob um outro sistema, que preconize novas formas de existência. Parece-me evidente neste ponto da pesquisa, que todas as ideias ecológicas estudadas, são atravessadas pelo pensamento ecosófico de Félix Guattari.

Compartilhar cartões postais apresentando a paisagem lourenciana vem ao encontro da proposta ecosófica e das metodologias (artografia e cartografia) vivenciadas nos processos da pesquisa, além de apresentar a peculiar beleza natural local, como por exemplo, a infinitude

do horizonte e a transparência da laguna numa manhã azul de primavera (Figura 31).



Figura 31: "RE" Cartão Postal, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.

Abordar temas socioambientais através da arte postal busca apresentar uma narrativa visual da cidade e a linha tênue que compõe com o ambiente natural, visto que, as cenas retratadas nos postais, apesar das características naturais, foram captadas em ambiente urbano.

O ambiente em questão apresenta recursos naturais que favorecem a fauna diversificada, evidenciando uma cadeia de espécies endêmicas e migratórias de aves e pássaros na região. A diversidade de pássaros provocou-me a necessidade de registrar suas espécies, cores, tamanhos e, desta forma, o ato de capturar essas imagens proporcionou-me experiências que extrapolam a imagem estática da fotografia, por exemplo, questões espaço/temporais como a espera, paciência, dedicação, persistência.

Tais condições impulsionaram-me a um olhar além de sensível; atento, refinado e sutil, capaz de revelar por intermédio dessas imagens, detalhes da realidade que nos fogem à visão natural. O pouso da andorinha (Figura 32)

integra o conjunto de imagens que poeticamente apresentam as paisagens construídas em meus deslocamentos na orla da Laguna dos Patos. Apresentar lugares de afeto por intermédio de imagens e, usufruir tanto das paisagens cotidianas, quanto das imagens fotográficas como instrumento educativo, social e micropolítico em prol da causa ambiental é, na atualidade, a mola propulsora para meus processos cartográficos e artográficos.



Figura 32: "RE" Cartão Postal, 2017.

Fonte: Arquivo pessoal.

Reformular as “cArtografias” cotidianas pelo viés ecosófico, compartilhar percepções e paisagens através da imagem fotográfica, integrar o espaço natural e realizar essas ações é fundamental em meu cotidiano, visto que, a partir da invenção e compartilhamento dessas paisagens estabeleço laços afetivos profundos com o meio ambiente.

[...]

A crise socioambiental vivenciada na contemporaneidade exige, cada vez mais, reflexões e ações voltadas a estas questões. Neste sentido, busco através da produção artística e de experiências estéticas, compartilhar ações em que o lugar e o objeto da arte são a própria natureza e seus elementos. Em meu entendimento, tais ações e intervenções artísticas a partir de elementos e em contextos naturais, consideram a atual crise ambiental através de um fazer artístico sensível e crítico a esta questão.

Cartógrafo e praticante da artografia transito entre estudos relacionados à própria produção artística e poéticas

de representação, apropriação e intervenção no ambiente natural por outros artistas e suas relações entre a pesquisa e à docência em artes.

Trago como exemplo a *Land Art*, movimento em que obra, artista e espectador partilhavam o meio natural a partir da “arte da natureza” ou ainda “arte do território”; denominações feitas ao movimento artístico que nasceu nos Estados Unidos no final da década dos anos 1960. Na maioria dos casos, as obras eram efêmeras e resultavam em registros fotográficos e/ou audiovisuais.

Robert Smithson (1938-1973), escultor e artista experimental norte americano, produziu na década dos anos 1960 a maior parte de seus trabalhos em estilo minimalista, porém, na década de 1970, ele destaca-se na *Land Art*, a partir da obra *Spiral Jetty* (Figura 33), uma escultura em forma espiral construída a partir de pedras basálticas e terra, medindo 1500 metros de comprimento e largura de 15 metros, localizada no lago salgado de Great Salt Lake, no estado de Uta, oeste americano.



Figura 33: Spiral Jetty, Robert Smithson, 1970.

Fonte: Google imagens

Neste tipo de expressão o artista intervê diretamente na paisagem, criando formas e respeitando o processo natural de transformação do ambiente. Na obra, Smithson faz seu manifesto em relação à degradação ambiental e uma crítica sobre a irreversibilidade dos processos de perda de energia dos elementos, dos espaços e dos ambientes, tendo como exemplo, a catástrofe do lago contaminado. Penso que, mediante intervenções artísticas na paisagem, a intenção dos artistas na *Land Art*, era promover entre os

espectadores, reflexões e questionamentos sobre os lugares da arte e as ações do homem sobre a natureza.

Entre familiares e amigos, há muitas décadas visitamos e acampamos as margens de um rio chamado Barrocão (Figura 34), no limiar entre os municípios de Canguçu e Piratini. Seu leito é estreito, porém com uma imensa margem forrada com seixos rolados; testemunhas da ação da natureza e das águas que ali correm.



Figura 34: Acampamento no Rio Barrocão, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Na infância, por inúmeras vezes brinquei nas margens deste rio, onde passava horas escolhendo pedras até encontrar aquela perfeita para ser atirada e ricochetear várias vezes na superfície da água, de modo que a pedra o transpusesse.

Ao retornar aquele rio e, senti-lo novamente em sua imensidão de pedras e profusão de cores e sons, subjetivamente despertou-me um processo perceptivo, sensível e criativo.

A partir das experiências vividas no passado e os atravessamentos ecosóficos e dos elementos naturais os quais permeiam a produção artística, apresento um objeto de arte concebido através de uma microintervenção artística vivenciada entre amigos em contexto natural (Figura 35), que reportou-me a *Land Art*, bem como, a outras concepções artísticas e holísticas relacionadas à ação de empilhamento e equilíbrio de pedras.

Figura 35: Empilhamento de pedras no Rio Barrocão, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



A ação artística de empilhamento e equilíbrio de pedras é também, uma prática ascendente nos jardins *zen budistas*, na medida em que eles buscavam e ainda buscam, a partir dessa técnica, criar ordem a partir do caos aparente na natureza. Ao fazerem isso, os budistas realçam a harmonia e o equilíbrio do seu lugar no mundo, visto que, eles consideram a ação uma forma leve, saudável, equilibrada e feliz de viver.

Assim pensando, a atividade não foi elaborada para que fosse assistida; a obra teve como finalidade a própria realização. A experiência deu-se a partir de um processo casual, na qual sentado na orla do rio fui construindo “esculturas”, ou qualquer outra denominação que possa atribuir a este trabalho, a partir de pedras equilibradas entre si.

O trabalho toma dimensão e, quando percebo, os amigos Márcia e seu filho Gregório que me acompanhavam na ocasião, envolvem-se na atividade de modo que propõem

soluções estéticas e de equilíbrio para as pedras e integram-se a atmosfera poética da obra.

Desta forma, vivenciamos um processo criativo que formou uma instalação que integrou-se a nós, à água e aos demais elementos que compunham aquela paisagem em um lindo dia de verão. Segundo Nicolas Bourriaud, “A obra de arte interessa a Guattari apenas na medida em que não é uma imagem passivamente representativa, ou seja, um produto” (2009, p.138). Neste sentido, sobre as práticas artísticas relacionais contemporâneas, o autor nos diz que,

Pois, “a única finalidade aceitável das atividades humanas”, escreve Guattari, “é a produção de subjetividade que auto-enriqueça continuamente sua relação com o mundo”. Definição que se aplica idealmente às práticas dos artistas contemporâneos: ao criar e colocar em cena dispositivos de existência que incluem métodos de trabalho e modos de ser, em vez dos objetos concretos que até agora delimitavam o campo da arte, eles utilizam o tempo como material. A forma predomina sobre a coisa, os fluxos, sobre as categorias: a produção de gestos prevalece sobre a produção das coisas materiais (BOURRIAUD, 2009, p. 145).

Assim pensando, a atividade pode abarcar também, obras com caráter de evento, assim como os *happenings*, visto que, nelas um pequeno grupo de pessoas engaja-se na realização de ações, sem ter como objetivo o compartilhamento do momento da execução ou um objeto de arte propriamente dito.

No início da atividade, que mais parecia um ritual, questionei-me a respeito de, estar ou não produzindo arte a partir de tais ações e, pude constatar através da Educação do Não-Artista que:

Não arte é qualquer coisa que, embora ainda não aceita como arte, tenha atraído a atenção de um artista com essa possibilidade em mente. [...] Os proponentes da não-arte, de acordo com esta descrição, são aqueles que, consistentemente ou uma vez ou outra, escolhem trabalhar fora da palidez dos estabelecimentos de arte – quer dizer, em suas cabeças ou em seu domínio natural diário (KAPROW, 1976, p. 216).

Como artista, por vezes, distancio-me dos espaços da arte, porém, a arte é intrínseca ao artista, visto que, em meus

percursos deixo marcas através de signos e objetos de arte que suscitam questionamentos em relação à própria arte e aos espaços públicos naturais e seu usufruto.

A arte permitiu-me recriar e reinventar o cotidiano, os espaços, os percursos, meu trabalho, desvelando através de suas singularidades as diversas formas de ver e viver o mundo contemporâneo. Apesar de abordar a obra de arte a partir do contexto do museu, Cristina Freire levanta questões sobre espaço e tempo em relação às obras de arte,

Além dessas características relativas ao espaço, o elemento temporal é também colocado em pauta, isto é, o caráter efêmero das instalações nega perenidade à obra. No limite, o que esses trabalhos propõem é uma indagação profunda acerca do estatuto do objeto da arte no tempo e no espaço (1999, p. 92).

Essa indagação em relação ao objeto de arte fora do contexto artístico gera questões que também podem ser relacionadas a uma proposta conceitual, pois depende de outro meio, neste caso, a fotografia, para a sua validação e até mesmo para a sua perenidade.

A partir da fotografia, a imagem da obra torna-se representativa e documental, pois preserva a obra recortando-a do espaço original e transferindo-a para outra realidade. Porém, a efemeridade do trabalho em questão e o caráter singular do espaço natural impossibilitam que a fotografia registre a obra em sua plenitude, visto que, a fotografia pode atender questões a respeito da documentação, mas jamais substitui a experiência real, nem tão pouco, consegue reconstruir a cena e o objeto de arte em sua complexidade. Considerando a fotografia um dispositivo componente essencial ao trabalho em questão, podemos notar algumas semelhanças às obras da *land art*, pois,

[...] para a *land art*, a fotografia tem papel de testemunho, tornando projetos realizados em lugares longínquos acessíveis ao público. Como exemplo paradigmático podemos citar o *Spiral Jetty*, de Robert Smithson (EUA 1928 – 1973), obra em que um imenso espiral de pedras avança sobre o deserto de Utah, EUA. Apesar de sido visto *in loco* por muito poucos, tornou-se um ícone para a arte dos anos 70, através da sua imagem fotográfica, reproduzida à

exaustão. [...] Assim, a fotografia, como elemento integrante do projeto não se limita a uma existência a posteriori, ela integra o próprio processo de elaboração do trabalho (FREIRE, 1999, ps. 95-96).

Pensando com Cristina Freire, a fotografia é imprescindível para a maioria das atividades artísticas contemporâneas, pois, trata-se de um dispositivo eficaz para registro, representação, reprodução e compartilhamento da imagem, possibilitando a ligação entre o espectador e a obra. Nesta perspectiva, apresento algumas imagens fotográficas da intervenção artística desenvolvida; imagens documentais do contexto panorâmico do trabalho (Figuras 36 e 37).



Figura 36: Empilhamento de Pedras no Rio Barroirão, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 37: Empilhamento de Pedras no Rio Barroirão, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.

Além de outros questionamentos, a experiência estética levou-me à reflexão em relação à legitimidade e ao espaço da arte contemporânea. Porém, o encontro com a natureza proporcionou-me momentos de prazer através de poéticas artísticas capazes de conferir novos significados para o meio natural e ao fazer artístico mas, sobretudo, ao

inventar paisagens e, a partir delas, perceber a potência criadora que a natureza concede aos que a ela integram-se.

Por sua vez, a paisagem não tem a mínima necessidade de legitimação. Ela parece se bastar em si mesma, em sua perfeição natural. Tudo se passa como se estabelecesse uma transparência entre a "natureza" e nós, sem intermediário. A paisagem seria transparente àquilo que apresenta. Teríamos, graças à paisagem, um olhar "verdadeiro" sobre as propriedades da natureza, que o conhecimento científico, por exemplo, deveríamos pensar muito tempo para perceber e conceituar (CAUQUELIN, 2007, p.121).

Desta forma construímos e reinventamos olhares e paisagens através de poéticas artísticas produzidas a partir de materiais encontrados nos lugares onde as obras foram executadas. Logo que terminadas, deixo as obras para trás, no intuito de que outras pessoas as encontrem e lhes atribuam valores e sentidos. Os trabalhos ficam apenas na memória dos participantes e nos registros fotográficos e, é exatamente esta a intenção. Nesta perspectiva,

Obras de arte, consagradas ou não, apenas ganham significação na medida em que podem ser vinculadas à vida e às experiências efetivamente vividas pelas pessoas. E tais experiências precisam ser estimuladas e desenvolvidas, num modo sobretudo sensível, antes de intelectual (DUARTE JR., 2010, p.186).

Independente da definição ou classificação dessa ação artística (*zen budista*, instalação, escultura, *happening*, não-arte...), a ação constitui uma obra de arte permeada por significados que advém da reconstrução de paisagens internas e externas.

As pedras são elementos naturais imprescindíveis a esta pesquisa em arte/educação e aos processos de criação e produção artística, pois ambos reverberam cotidianamente na vida pessoal e na docência. Produzir arte através deste elemento natural, que, apesar de suas qualidades como frieza e dureza, conferem à materialidade suavidade e, até mesmo, leveza através de uma diversidade de trabalhos artísticos sensíveis à causa ambiental, como os empilhamentos, mapas, fotografias e pinturas.

[...]

Em algumas apresentações do projeto de pesquisa em eventos e seminários desencadearam questionamentos e provocações acerca da possível existência de substâncias tóxicas nas tintas utilizadas na pintura dos artefatos as quais devolvemos à orla da Laguna dos Patos.

Considerando a dimensão pedagógica e a abrangência da microintervenção artística, as consequências do uso da tinta PVA (acetato de polivinilo) aplicada no processo de pintura dos artefatos são irrisórios ao ambiente, tanto pelo uso em pequena quantidade, quanto por sua composição química.

Sou consciente de que toda atividade industrial provoca danos ambientais e, a produção de tintas é uma dessas atividades altamente impactantes. Porém, tendo em vista a necessidade de conscientização socioambiental perante a poluição e quantidade de resíduos humanos nas

praias ao entorno da escola, parece-me irrelevante pensar nos artefatos artísticos como objetos poluentes ou tóxicos ao meio natural.

No entanto, tais provocações impulsionaram-me à pesquisa e, foi no encontro com a natureza que pude experimentar pigmentos naturais que pudessem de alguma forma, contemplar tais observações.

Também em caminhada e contemplação às margens do rio Barroço, vivenciei mais um desdobramento que enriqueceu o projeto de pesquisa; na ocasião desenvolvi uma série de desenhos/pinturas nas quais os processos de criação artística deram-se, a partir de pigmentos naturais de origem mineral e suportes disponíveis no ambiente natural. Na perspectiva da produção artística contemporânea,

Trabalho que, se é feito sem que o saibamos para as coisas da vida cotidiana, exige uma atenção especial quando se trata do domínio da arte, na medida em que as produções artísticas estão destacadas de nossos interesses vitais, da urgência de nossas necessidades, e formam uma

esfera quase autônoma (CAUQUELIN, 2005, p. 11).

Neste sentido, a experiência estética não teve a intenção de redimensionar o projeto de pesquisa através da investigação relacionada a materiais e técnicas, porém, ampliou os processos de criação e produção artística em ambientes alternativos, a partir de elementos naturais e com caráter interventivo.

No percurso da caminhada, instintivamente descobri dentre as inúmeras pedras que compõem o leito do rio, quais poderiam suprir tais necessidades plásticas relacionadas à pintura. Entre texturas e cores, foi possível extrair uma vasta palheta, que compreendia uma escala de cinzas, bem como, tons terrosos que variavam do amarelo ao vermelho, além do preto obtido a partir do carvão vegetal.

Sobre um pedaço de madeira, também encontrado às margens do rio, a experiência com pigmentos desdobra-se em potência criativa através da imersão no espaço e na entrega ao fazer artístico.

A natureza em sua forma original e primitiva remeteu-me a tempos/espacos outros, talvez pela materialidade da obra, pela representação geométrica, bem como, através do contexto da criação; a aparente escassez e a real abundância de recursos naturais disponíveis no ambiente, fatores que aguçaram o devir animal e apuraram o devir artista. Neste sentido, a ação artística evidencia o indivíduo e o artista em constante construção e reconstrução, visto que,

Todo ser é sempre meio. Não um começo, nem um fim. Meio extremo de afirmar a diferença, de diferenciar o que difere, de fazer que nos tornemos cada vez mais diferentes do que somos e distantes do que éramos; mais plurais por singularidade, mais singular por comunidade de ser, fazendo coexistir, vibrar e ressoar em nós o que diferenciemos cada vez mais não apenas dos outros, mas sobretudo de nós mesmos (FUGANTI in FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIM, 2012, p. 76).

Reencontrar-se consigo mesmo, com a história e com a ancestralidade através de um processo artístico entre pedras coloridas em um lugar a ermo, foi para além de uma

pesquisa em relação a pigmentos naturais. Uma experiência estética e holística que demandou uma coleta atenciosa de materiais e a produção artística de forma rudimentar às margens do rio, perto do fogo, em uma atmosfera primitiva.

A ação artística gerou uma série de fotografias e, a partir delas elaborei um conjunto de seis imagens, com alguns recortes do trabalho e cenas panorâmicas da obra em seu local de produção e destino, que objetiva apresentar a criação intitulada "Reminiscências" 2018 (Figuras 38 e 39). Este trabalho, juntamente com a obra "artefatos e afetos" compõe o acervo em exposição na mostra itinerante "Olhares Ecosóficos" com curadoria do Professor Cláudio.



Figura 38: Reminiscências, 2019.

Fonte: Daniel Moura.

Figura 39: Reminiscências, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.



A forma de apresentação do trabalho exigiu atenção especial, pois não encontrava maneiras para expressar a aura do momento, do lugar, da produção, nem tão pouco, do objeto de arte e seu conceito. Talvez o dispositivo audiovisual tivesse dado conta de um registro mais amplo e, conseqüentemente, empreender na apresentação do trabalho.

De acordo com Cristina Freire a arte conceitual nas décadas de 1960 e 1970 buscava enfatizar a obra de arte em sua concepção e no processo de realização em detrimento do resultado final, com ênfase no conceito e no processo, ao contrário dos princípios que norteiam o que seja uma obra de arte. “Em vez de permanência, a transitoriedade, a unicidade se esvai frente à reprodutibilidade; contra a autonomia, a contextualização; a autoria se esfacela frente às poéticas de apropriação; a função intelectual é determinada na recepção” (FREIRE, 2006, p. 8 e 9).

Neste sentido, a arte não é a reprodução da realidade. Caso contrário, a fotografia daria conta de representa-la em

sua integridade. De caráter contemplativo, experimental e criativo, a ação interventiva (re)produz outro objeto de arte, graças à fotografia e sua propriedade de registro; por eternizar momentos de encontro com a natureza e as manifestações artísticas que deles decorrem, além de tentar assegurar em si singularidades do projeto estético, poético, político do artista. Segundo Philippe Dubois,

[...] as relações entre fotografia e arte contemporânea tornam-se de uma complexidade intelectual e formal bastante grande, mas sempre singular. Não existe nem regra a priori, nem preeminência de princípio de uma sobre a outra (DUBOIS, 1993, p. 279).

O autor complementa nos dizendo que,

É evidente que num primeiro tempo a fotografia pode intervir em tais práticas como simples meio de arquivagem, de suporte de registro documentário do trabalho do artista in situ, ainda mais porque esse trabalho se efetua na maioria das vezes num lugar (e às vezes num tempo) único, isolado, cortado de tudo e mais ou menos inacessível, em suma, um local e um trabalho que, sem a fotografia, permaneceriam quase desconhecidos, letra morta para todo o público (DUBOIS, 1993, p.283).

O ponto de vista do fotógrafo pode levar a imagem fotográfica ao status artístico, para além do registro. Na arte contemporânea, dispositivos imagéticos, como por exemplo, a fotografia são produtores de uma experiência que se dão no processo de interação entre o sujeito e o dispositivo, a partir da experimentação da obra e novos modos de produção de sentido.

O foco inicial estava em investigar pigmentos naturais para pintar os artefatos que devolvemos à Laguna dos Patos, porém, os desvios apontados pelas “cArtográficos”, desvelaram potencialidades intrínsecas ao pesquisador/artista/professor. Segundo Belidson Dias,

Estas metodologias de pesquisa em artes, que contemplam formas alternativas da representação visual, criam espaços dentro e em torno dos dados de pesquisa a partir das quais coisas novas podem continuamente irromper (2008, p.4).

O processo abre caminhos em direção a uma arte ainda mais limpa, ecosófica e subjetiva, na medida em que,

integro-me ao meio natural e permito uma conexão com seus sinais, elementos e energias.

Empreender na pesquisa possibilitou-me vivenciar o processo artístico ao descobrir e experienciar de modo elementar, diversas tonalidades de cores obtidas através de pedras e de fontes naturais alternativas. Além disso, a ação resultou em uma série de imagens fotográficas, que permitiu apresentar os resultados do processo artístico e da experiência poética.

Através das ações, obtive dados consistentes em relação às possibilidades de produzir tintas artesanais com baixo custo econômico, de maneira sustentável sem afetar o bem estar humano e do ambiente. Porém, percebi que as propriedades efêmeras dos materiais encontrados, em sua forma bruta, não suprem a necessidade de durabilidade das inscrições e pinturas nos artefatos em ambientes externos sobre a ação das intempéries.

Apesar de não conseguir ressignificar os pigmentos das pinturas dos artefatos da microintervenção artística, a

ação abriu caminhos a um trabalho significativo por seu caráter primitivo, subjetivo e reflexivo e as interferências e entrelaçamentos que marcam o sujeito, o artista, o pesquisador e o professor atravessado por tempos, espaços e culturas.

*3. Percursos “cArtográficos”
- Docência e microintervenção artística*

O interesse pessoal que deu origem a esta pesquisa vincula-se a dois fatores principais, um deles é a busca por aprimoramento da prática docente em artes, no intuito de melhor atender as especificidades dos estudantes da Escola Armando das Neves em São Lourenço do Sul, localizada na orla da Laguna dos Patos; o outro é dar sentido à existência a partir da reinvenção de mim mesmo, através da própria produção artística e de práticas ecosófica e, a partir desses enunciados, angariar contribuições à pesquisa no campo do ensino da arte e da educação estética.

Renovar a docência em artes pelo viés da ecosofia e de micropolíticas socioambientais tornou a prática intelectualmente enriquecedora, pessoalmente estimulante e relevante no cotidiano dos alunos, contribuindo para o desenvolvimento de suas capacidades de compreensão, contemplação e valorização do contexto natural em que vivemos.

Desde a década de 1990, discute-se em nosso país sobre a implantação de temáticas socioambientais no

currículo do ensino formal por intermédio da educação ambiental. A lei 9.795/99 compreende a educação ambiental como um processo em que o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos e atitudes voltadas para a conservação e sustentabilidade do meio ambiente nos diferentes âmbitos e contextos.

A lei não prevê um componente curricular próprio, porém, essa temática deve estar presente de forma articulada e transdisciplinar em todos os níveis e modalidades de ensino. Nesta perspectiva, é vital a criação de estratégias pedagógicas pelas demais áreas do conhecimento que favoreçam a interação entre professores, estudantes e o meio ambiente, de maneira que todos os atores percebam-se e constituam-se parte da mesma realidade socioambiental.

Deste modo, o objeto de pesquisa constitui-se a partir da necessidade de interação entre os indivíduos e da reconstrução de suas relações com a natureza através de uma dinâmica no plano da experiência, subvertendo os padrões normatizados e pré-estabelecidos de pesquisar,

Neste sentido, conhecer a realidade é acompanhar seu processo de constituição, o que não pode se realizar sem uma imersão no plano da experiência. Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com este objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho. Esse é o caminho da pesquisa intervenção (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015, p.31).

Ao imergir na realidade da escola em pesquisa, dos sujeitos que a constituem e de seu entorno, revejo e reformulo conceitos metodológicos adquiridos no decorrer da formação acadêmica e construídos a partir da prática docente. Desta forma, estabeleço uma dialética que envolve a realidade pesquisada e tais conceitos, na medida em que, dão sustentação à pesquisa intervenção e impulsionam-me a um mergulho no plano da experiência, de modo a construir o objeto de pesquisa em conjunto com os educandos, constituindo-nos sujeitos de conhecimento.

Subentende-se que, a partir da pesquisa intervenção na área de artes podemos tecer saberes e ampliar atitudes micropolíticas, tanto por parte do

professor/artista/pesquisador, quanto pelos participantes do estudo em relação à realidade pesquisada através de poéticas e microintervenções artísticas. Esse modo de pesquisar permite ouvir o outro, conviver com o diferente e com os diversos acontecimentos do cotidiano, pois atua diretamente no campo da pesquisa.

A posição geográfica da Escola Armando das Neves favorece o trabalho em educação ambiental que, apesar de complexo e amplo é essencial, na medida em que, precisamos promover entre os jovens, a compreensão da inter-relação entre os indivíduos e as esferas social, ecológica, econômica e política da sociedade, de modo a constituírem-se cidadãos sensíveis à realidade e capazes de intervirem efetivamente para a melhoria da qualidade de vida no meio em que vivem.

Assim pensando, as metodologias para um trabalho que proporcione educação artística, afetiva, crítica e socioambiental e, que alcance os objetivos de mudanças de comportamentos coletivos por meio de valores humanos

solidários ao ambiente, alinham-se às três vertentes ecológicas disseminadas por Guattari. Neste sentido, encaminho a prática pedagógica em artes contemporizando o pensamento de Duarte Jr., quando ele reforça a ideia de que,

Antes de se discutirem obras de arte consagradas e se aprenderem técnicas artísticas, um treino da sensibilidade parece fundamental, o qual precisa acontecer em relação à realidade mais palpável desses alunos, ou seja, aquelas que têm ao seu redor, em termos de prédios e instalações, constitutivo de seu meio ambiente imediato. Reflexão que evoca a questão da ecologia e da educação ambiental, a qual, sem dúvida, tem também seu lugar como componente da educação do sensível. O que traz à lembrança a já citada obra de Guattari, em que o filósofo considera devamos tomar o tema da ecologia através de três vertentes, quais sejam: a ecologia pessoal (a forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo), a ecologia social (compreendendo o âmbito das relações humanas, que se dá principalmente no interior do perímetro das cidades modernas) e, por fim, a ecologia natural (que coloca os homens e suas relações de cidadania e de produção em relação à natureza (DUARTE JR., 2010, p. 188).

Ao evidenciarmos nossas relações de cidadania; produção, consumo e descarte de bens com o meio natural, evidenciamos também, a crise humanitária e socioambiental que acarreta consequências irreversíveis ao planeta, como por exemplo, às mudanças climáticas originadas pelo desmatamento, poluição das águas e do ar, extinção da biodiversidade, extração mineral entre outras ações humanas de dimensões globais que são de conhecimento público, como por exemplo, os crimes ambientais relacionadas à exploração mineral no estado das Minas Gerais, nas cidades de Mariana e Brumadinho.

Mesmo com a legislação ambiental vigente e o acesso a informações, são mínimas as mudanças ocorridas nos valores e comportamentos das populações em relação a esta tomada de consciência e atitudes ecológicas. Prova disto são os sucessivos crimes socioambientais e suas consequências diretas incorporadas às realidades dos indivíduos em nosso país e no mundo.

Através de um olhar estrangeiro sobre a realidade socioambiental do município de São Lourenço do Sul, sou instigado a percepções e cenas cotidianas que, provocam-me repulsa e me impulsionam a ações micropolíticas contrárias a essa realidade.

Nesta perspectiva, é notória a grande quantidade de resíduos acumulados pela orla da laguna e às margens dos arroios que margeiam a cidade. Percebe-se também, que periodicamente parte da comunidade lourenciana descarta entulho doméstico em via pública de forma indiscriminada e, esse comportamento coletivo de descaso ao ambiente remete à perda de seus pertences, na ocasião da enxurrada que devastou parte da cidade no ano de 2011.

Segundo nota oficial da Defesa Civil do Estado do Rio Grande do Sul, o episódio vitimou fatalmente oito moradores, bem como desabrigou mais de trezentas famílias na zona urbana do município. A imagem a seguir (Figura 40) evidencia a calamidade da comunidade do bairro

Navegantes, nas imediações da escola Armando das Neves, na ocasião da enxurrada.



Figura 40: Vista aérea do bairro Navegantes, 2011.

Fonte: Defesa Civil RS.

Além dos problemas socioambientais inerentes aos moradores do município, deve-se levar em consideração o descaso de alguns turistas com o meio natural em virtude do desuso das lixeiras e o destino inadequado do lixo nas áreas das praias. Deve-se considerar também que, o município de São Lourenço do Sul em temporada de veraneio aumenta

sua população em quase cem por cento, porém, os serviços e recursos nas áreas de saneamento e infraestrutura não crescem na mesma proporção.

Não há uma percepção coletiva pela comunidade local e pela sociedade como um todo, em relação à educação como fator elementar para reverter a atual crise socioambiental que vivenciamos, conciliando o turismo ao desenvolvimento econômico e aos cuidados necessários ao meio natural.

Desde minha chegada ao município no ano de 2012, trabalho na Escola Armando das Neves, porém, neste tempo tive a oportunidade de lecionar em outras três escolas e, pude perceber que nenhuma delas desenvolvia projetos socioambientais em que os alunos estivessem diretamente em contato com a laguna, além de ações recreativas ou voltadas à coleta de lixo, no dia cinco de junho, alusivo ao meio ambiente.

A sociedade de consumo alimentada pela mídia manipuladora está mais interessada em formar consumidores

alienados do que cidadãos conscientes do seu papel em seus grupos e na sociedade. As consequências das influências midiáticas e das condutas consumistas estão explícitas na sociedade atual; movida pelo prazer imediato, desperdício, obsolescência, sedentarismo e falta de consciência ambiental.

Nesta perspectiva, não consigo fazer do “meu momento” - que é na sala de aula entre os alunos - falas, discussões, atividades ou projetos que fujam das questões socioambientais. É impossível viver em um lugar pitoresco; em um cartão postal do Rio Grande do Sul, quiçá do Brasil, perceber as ameaças e problemáticas deste frágil ecossistema, e não colocar-me a serviço dele.

“O princípio particular à ecologia ambiental é o de que tudo é possível, tanto as piores catástrofes quanto às evoluções flexíveis. Cada vez mais, os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas” (GUATTARI, 2012, p. 52). Entendo que, as “evoluções flexíveis” as quais Guattari se refere quando tratamos de educação e das questões ambientais por intermédio da arte, estão diretamente

relacionadas à educação sensível e de micropolíticas preventivas e contrárias ao modelo capitalista devastador instituído.

Na atualidade, não é mais possível promovermos a educação baseada na transmissão dos conteúdos sem valorizar as diversas culturas, as experiências pregressas e os conhecimentos dos estudantes; é vital que o professor vislumbre novas concepções de ensino e aprendizagem, além de reconhecer a afetividade e a amorosidade como atitudes inerentes ao ato de educar. Para Paulo Freire a educação é um ato de amor, portanto,

Essa abertura de querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de forma igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa essa abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (1996, p.159).

A relação professor/aluno atravessada pela afetividade e pelo diálogo oportuniza a educação como prática de

liberdade e humanização, desenvolvendo entre os educandos afetos, potencialidades, conhecimentos e capacidades de assumirem seus papéis na escola e na sociedade.

O ato educativo torna-se motivador quando desenvolvemos estratégias de valorização dos alunos e dos espaços educativos, visto que, enfrentamos no cotidiano escolar, entre outros déficits, o descaso das autoridades competentes em relação à estrutura física das escolas públicas em todo país.

Segundo o site da Câmara dos Deputados Federais que oferece acesso à informação ao público em geral, os atuais cortes no orçamento para a educação em todos os níveis de ensino, bem como, a contenção nas bolsas de estudos para pesquisas científicas apontam uma crise sem precedentes na área, tendo em vista o contingenciamento de 5,8 bilhões de reais em investimentos pelo MEC - Ministério da Educação e Cultura na área da educação, imposto por decreto presidencial alegando critérios operacionais, técnicos e isonômicos.

Apesar dessa triste realidade, devemos considerar que o desempenho dos alunos e a qualidade do processo de aprendizagem estão diretamente relacionados a um conjunto de fatores, tais como infraestrutura, segurança e espaços condizentes à ação pedagógica.

No caso da Escola Armando das Neves, além de reorientarmos os moldes da educação de maneira que desencadeie debates e reflexões sobre o ambiente natural ao seu entorno; repensamos e reconstruímos diariamente um ambiente escolar adequado às necessidades de acolhimento, acessibilidade e usufruto tanto dos alunos, quanto dos professores e profissionais da educação que nela atuam.

Na atualidade, é imprescindível questionamentos e ações em relação ao estado de abandono em que estão submetidos os espaços educativos. A partir dessa realidade, percebo que esta indagação e indignação pairam não somente em meus pensamentos:

Como foi que tais edificações se transformaram nisso que aí está, nessas escolas gritantemente

feias, mal-ajambradas, pintadas de cores desarmoniosas e que, dificilmente, podem se construir num espaço amável e prazeroso para quem nele circula? Tais discussões que, aparentemente, podem soar como menores, parecem, no entanto, fundamentais à nossa questão aqui, na exata proporção em que os sentidos humanos são educados primordialmente pela estimulação que lhes chega do entorno, do lugar de onde se vive e no qual se descobrem os múltiplos aspectos sensoriais de nossa existência (DUARTE JR., 2010, p. 29).

Revitalizar o espaço escolar tornou-se uma atividade primordial desde minha chegada à escola, visto que, questões estéticas e estímulos sensoriais eram precários e as instalações condizentes com a descrição feita pelo autor, no que diz respeito à estrutura e salubridade. Cuidar e reativar esteticamente os espaços da escola tornou-se uma atividade comum entre eu e os alunos, na medida em que, a partir dessas aulas de artes, além de vivenciarmos a experiência artística, atribuímos valores outros ao espaço escolar e, conseqüentemente, cuidado ao usufruí-lo. Neste sentido,

A escola, em sua estrutura e aparência, deveria ser um agente, ainda que inconsciente em sua

aplicação, da educação estética. [...] Por melhores que sejam a localização e construção da escola, ainda restam elementos mais tangíveis que, juntos constituem a atmosfera da escola. [...] É por estes meios que a escola pode revelar sua individualidade, e, por este motivo, as crianças sempre deveriam cooperar na criação de seu próprio ambiente (READ, 2001, p. 330, 331).

As intervenções estéticas no espaço escolar em conjunto com os estudantes, também buscam potencializar o ensino/aprendizagem a partir do trabalho em equipe e evidenciar que, com nossas próprias forças e ferramentas somos capazes de atuarmos na reorganização e reinvenção da escola pública e, juntos protagonizarmos as transformações necessárias para que detenhamos o modelo educacional que desejamos e a estrutura física que somos dignos.

Devemos considerar a escola como um espaço de convivência e socialização dos estudantes e professores com o meio ambiente, visto que, a aprendizagem se dá a partir da

colaboração entre os sujeitos e a interação desses com o meio.

Com o intuito de harmonizar os espaços internos da escola, busquei através da relação direta da comunidade com o ambiente natural e nas paisagens construídas durante este tempo, inspiração para ressignificar esses espaços.

Destaco a sensível e intensa sinergia com a direção do educandário, em especial à professora Terusca Martins Barbosa¹, pois acreditamos e trabalhamos pela construção de uma escola limpa, funcional, esteticamente agradável e articulada com a comunidade e seus saberes. Porém, a manutenção e conservação da integridade desses espaços por onde circulam diversas pessoas todos os dias, torna-se o grande desafio.

Transformar o espaço cotidiano, como a sala de aula, pátios, corredores em espaços poéticos é uma cena relevante na escola na contemporaneidade, mas, é necessário que

¹ Terusca Martins Barbosa atua como Vice-Diretora e Orientadora Educacional na E.M.E.F. Prof. Armando das Neves – Pedagogia (ULBRA) e Psicopedagogia (PORTAL Faculdades).

todos os envolvidos no processo educativo estejam empenhados com o bem comum; comprometidos e dispostos ao árduo trabalho transformador dentro e fora da sala de aula, pois devemos considerar um aumento significativo no número de alunos em nossa escola, bem como, a diminuição dos recursos e no quadro de funcionários principalmente na área de infraestrutura, como por exemplo, os que atuam na limpeza e manutenção.

Do trabalho de revitalização do espaço escolar, destaco a transformação de algumas peças do mobiliário, a pintura nos muros internos e externos da área esportiva e de convivência dos alunos, bem como, o atelier de artes que estamos criando e recriando desde o ano de 2015.

As imagens (Figuras 41 a 45) apresentam o trabalho dos alunos em momentos de descontração, criatividade e produção artística; vivenciando afetos e reconstruindo suas relações com a escola, colegas e professores.



Figura 41: Revitalização da sala de artes, 2019.

Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 42: Revitalização da sala de artes, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 43: Revitalização do espaço escolar, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 44: Revitalização do mobiliário, 2017.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 45: Revitalização do espaço escolar, 2019.
Fonte: Arquivo pessoal.

O trabalho de revitalização do espaço escolar é constante em nosso cotidiano, visto que, tal processo vai para além de uma aula de educação artística; trata-se de um processo criativo que harmoniza atividades aliadas a conceitos espaciais, imaginativos, lógicos, inventivos, estéticos e utilitários.

Os estudantes reconhecem a importância do seu trabalho, bem como, a responsabilidade que assumem a partir desses trabalhos que demandam tempo e dedicação, além de cuidados para sua manutenção. Sobre a revitalização do espaço escolar um dos alunos do sétimo ano diz que,

Para mim, a importância dessas aulas é a interação em grupo, por exemplo, a pintura do muro foi muito legal, além de dar cor ao muro, doamos tempo e também doamos felicidade para a escola. Aulas assim são descontraídas, nossa escola precisa dessa pluralidade de cores. Não podemos denegrir a escola de maneira nenhuma.

Ainda sobre a revitalização, uma das estudantes nos diz que,

Eu acho que a arte na escola é muito importante para todos. Para nós aprender a cuidar e compreender melhor sobre a realidade da escola. E é um jeito de nós agradecer à escola e os professores e, principalmente os que cuidam e fazem de tudo para esta escola ficar mais limpa. A arte na escola nos faz bem, ao ar livre, brincadeiras e tudo mais. Um jeito de ajudar quem precisa é fazer de tudo para nossa escola ficar melhor e de um jeito nosso.

Porém, a educação em artes no contexto da sociedade capitalista contemporânea vem perdendo espaço, na medida em que, entre tantas outras deficiências, a escola pública não dispõe de recursos materiais suficientes para desenvolver projetos que instiguem a curiosidade e o interesse dos jovens, bem como, não consegue acompanhar o desenvolvimento tecnológico contemporâneo, detentor da atenção da maioria dos estudantes.

Construir estratégias criativas para a ação e reflexão educativa em artes a partir do pensamento ecosófico pode agregar significados à formação dos alunos e valores ambientais ao cotidiano escolar.

Neste sentido, foi imprescindível subverter algumas ações na docência em artes, como por exemplo, explorar o espaço ao entorno da escola, conciliando experiências estéticas através de micropolíticas socioambientais ao trabalho pedagógico que venho desenvolvendo. “É exatamente na articulação da subjetividade em seu nascente, do *socius* em seu estado mutante, do meio ambiente no

ponto que pode ser reinventado, que está em jogo a saída das crises maiores de nossa época” (GUATTARI, 2012, p.55).

Aliar princípios éticos e estéticos ao contexto da educação artística através de microintervenções e micropolíticas socioambientais abre caminhos e novas formas de sensibilizar, perceber, compreender, criticar, refletir, produzir, construir, fruir e conhecer. Direcionar o olhar dos alunos à causa ambiental e, de forma criativa empreender na sensibilização de sujeitos para além do espaço escolar através de microintervenções artísticas, aproximou a arte, os alunos e a comunidade, abrindo espaço ao pensamento crítico, ao debate construtivo e à conscientização coletiva em relação aos cuidados com o meio ambiente. Nesta perspectiva,

Investir-se numa educação do sensível significa não somente o desenvolvimento de pessoas mais plenas e inteiras em seu contato (pessoal e profissional) com o mundo, mas também a criação daquelas bases humanas sobre as quais poder-se-á erigir novos parâmetros de conhecimento, sejam eles chamados de

transdisciplinares ou holísticos. E ainda a educação do sensível deverá de maneira reflexa, implicar numa educação mais sensível em si própria, isto é, menos interessada na quantidade de informação a ser transmitida do que na qualidade de formação daqueles a ela submetidos (DUARTE JR., 2010, P.34).

Assim pensando, a sensibilização educativa, artística e ecológica vivenciada entre os alunos enriquece a pesquisa na medida em que o professor ensina e aprende partindo da análise e percepção da própria produção artística e de sua prática pedagógica de forma autônoma, reflexiva, crítica, poética, holística e criativa. Nesta perspectiva,

Educar é um ato de risco no qual tentamos construir um conjunto que é ao mesmo tempo aprendiz e mestre, um nutrindo o outro com desejos, inquietações, irreverências que investigam as relações entre o sujeito e o objeto (ORTHOF in BRITES e TESSLER, 2002, p. 81).

Porém, ser professor na atualidade representa um desafio não somente em relação às condições de trabalho e da precariedade das instituições públicas de ensino; há

também, a desmoralização da classe por parte da sociedade e desvalorização da carreira do magistério pelos órgãos responsáveis, além da diversidade de ideologias e teorias a respeito, que desconhecem a realidade da sala de aula e a prática educativa escolar.

Vivenciamos um momento de incertezas e retrocessos na área da educação e, pelos fatos escolares cotidianos, percebe-se a olhos vistos, a redução dos investimentos na área. É notória a fragilidade das políticas públicas na área educacional e, mais um exemplo desta instabilidade enfatiza-se nas sucessivas trocas de ministros e das equipes de trabalho no MEC, além de uma série de polêmicas envolvendo a pasta.

Educação, arte e meio ambiente; temas que norteiam esta pesquisa, são na atualidade protagonistas em uma série de contradições que evidenciam a ineficiência dos administradores dos órgãos responsáveis que, na maioria das vezes, estão comprometidos com politicagens, interesses

personais e corrupção em relação aos investimentos destinados a essas áreas.

Tendo em vista o panorama nacional, considero-me privilegiado pela oportunidade de desenvolver projetos de vida em comunhão aos projetos pedagógicos e acadêmicos, atuando diretamente em um ambiente que favorece o convívio com a natureza e com indivíduos que carecem de afetos, educação e estímulos para desenvolverem-se plenamente.

Particularmente, considero a relação com o ambiente natural imprescindível no que diz respeito à identidade, revitalização física, reflexão e recolhimento neste momento crítico que atravessamos em relação aos temas abordados na pesquisa e ao cotidiano de modo geral. Apesar das incertezas nas frentes que atuo, considero-me realizado em estar onde estou, fazendo o que faço com responsabilidade e respeito aos alunos e ao meio ambiente, estabelecendo por intermédio da arte/educação um diálogo entre esses jovens e seu entorno imediato.

A priori, as atividades do projeto de microintervenção foram elaboradas para os alunos da turma do nono ano da Escola Armando das Neves, porém, as metodologias flexíveis permitiram sua abrangência, de modo que foi possível vivenciar a atividade com outras turmas na própria escola, bem como, em outras instituições e níveis de ensino, por exemplo, com alunos da educação infantil, bem como, com estudantes do ensino superior na ocasião do estágio docência.

Portanto, mais uma vez, as metodologias de pesquisa artografia e cartografia geram desdobramentos no percurso da pesquisa intervenção e, desta forma, ampliam as possibilidades de articulação e agenciamentos, promovendo atividades outras no plano da experiência. "Considerando que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar, não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade" (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p.18).

O ensino da arte e a educação estética no contexto microssocial e micropolítico é aberto e, é justamente a possibilidade de expansão, interação e colaboração entre uma diversidade de indivíduos que, saberes socioambientais e fazeres artísticos darão sentido a tal experiência, visto que, a "A/r/tografia é: móvel, momentânea, busca a intensidade na transitoriedade" (DIAS, 2008, p. 7).

Primeiramente vou narrar a experiência com os estudantes do nono ano, pois, os dados da pesquisa foram extraídos prioritariamente a partir dessas ações e vivências, até porque, dispomos de tempo hábil para o desenvolvimento do projeto, a partir de uma sucessão de encontros que favoreceram debates e leituras, bem como uma abordagem mais profunda dos temas em questão.

As etapas do projeto de pesquisa desenvolvidas na escola e nas praias ao seu entorno decorreram durante as aulas de artes, entre os meses de maio e novembro do ano de 2018, em dois encontros mensais de noventa minutos,

tratando especificamente dos assuntos, ações e produções pertinentes à microintervenção artística.

A turma do nono ano era composta por treze alunos, dez meninas e três rapazes, com média de quinze anos de idade. Uma turma pequena, formada por jovens conhecidos de anos anteriores, com capacidades, limitações e peculiaridades como qualquer outra turma de nono ano; destaco a amizade e intimidade entre as meninas e o descaso e desinteresse dos meninos pelas atividades propostas. Quase como uma regra, eles andavam isolados das garotas, absorvidos por seus aparelhos celulares, sendo que, dispunham muito interesse e energia pelos esportes, em especial, o futebol.

Apesar disso, de alguma forma, os alunos mantinham-se conectados ao projeto de microintervenção artística, devido aos estímulos e a liberdade para pensar e produzir artefatos, afetos e conhecimentos a partir de caminhadas, contemplação e debates sobre a realidade ambiental que circunda nossa escola.

Portanto, a relação sensível, estésica com a nossa realidade deve constituir o solo no qual podem crescer e melhor se desenvolver as plantas da percepção artística (ou estética) da vida. Um desenvolvimento mais acurado da estesia, portanto, equivale à preparação e à adubação desse solo existencial, afim de que, ao longo do tempo, os caules da arte possam se tornar troncos vigorosos e resistentes às cada vez mais constantes tempestades de anestesia, de mau gosto e de massificação de nossa sociedade contemporânea (DUARTE JR., 2010, p.30).

Como mencionei na abertura do trabalho, entre as décadas de 1990 e 2000, a Escola Armando das Neves teve suas diretrizes pedagógicas direcionadas à prática pesqueira que, de certo modo, contemplavam as questões ambientais nas disciplinas ofertadas aos docentes.

Na atualidade, não dispomos de projetos, ações educativas ou políticas públicas educacionais direcionadas especificamente ao trato com a Laguna dos Patos, sendo que, a escola atende em média duzentos e cinquenta alunos de nível fundamental, em sua maioria, residentes no bairro Navegantes, na comunidade de pescadores Z8. Muitos deles

são oriundos de famílias que mantêm a pesca artesanal como principal fonte de renda. Nesta perspectiva,

Os pescadores artesanais são caracterizados em dois grupos: os "proprietários de parelhas" que são os donos dos meios de produção (barcos e equipamentos) e os "proeiros" que constituem a grande maioria da população pesqueira da área e que são tripulantes dos proprietários com vínculo empregatício instável. A maioria dos pescadores de São Lourenço do Sul mora no bairro Navegantes, onde se concentram entre a Lagoa dos Patos e o arroio São Lourenço (HAMMES, 2010, p. 209).

Com características próprias de uma comunidade pesqueira, o bairro Navegantes é habitado por diferentes núcleos sociais, porém, há um considerável número de famílias em precária situação econômica, social e cultural. Vulneráveis ao ambiente, na maioria dos casos, não dispõem de estrutura, recursos e discernimento suficientes para exercerem suas atividades em equilíbrio com o ecossistema Laguna dos Patos.

As imagens que seguem (Figuras 46 e 47), apresentam a paisagem tradicional e o estilo de vida dos moradores da

comunidade e evidenciam o caráter artesanal da pesca que identifica e singulariza o bairro.

Figura 46: Paisagem , 2015.
Fonte: Arquivo pessoal.





Figura 47: Pescador tecendo a rede, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

O bairro Navegantes dispõe de áreas naturais de banhados, arroios, bem como, a laguna em sua extensão. Ainda podemos contemplar nestas áreas, algumas populações de animais silvestres, bem como, desfrutar das sombras das figueiras centenárias entre outras árvores nativas que caracterizam a paisagem do bairro.

Acredito que, tanto as ações do projeto de revitalização do espaço escolar, quanto às microintervenções artísticas; pelos cuidados que dispensam à escola e seu entorno, venham conferir aos alunos e a comunidade local, percepções em relação às suas potencialidades e do lugar que habitam.

Neste sentido, o projeto de microintervenção tem sua primeira etapa dedicada à preparação e captação de recursos, como as tintas e materiais para pintura, bem como, a coleta das pedras.

As atividades têm início com uma série de caminhadas às margens da Laguna dos Patos, na qual cada aluno coletou, no mínimo, cinco pedrinhas. A partir dessas deambulações, buscamos uma observação atenta aos elementos que compõem a paisagem urbana/natural ao entorno da Escola Armando das Neves.

As pedras que compõem a paisagem lourenciana conferem ao ambiente local, características únicas como podemos conferir no cartão postal da série "RE" (Figura 31),

apresentado na página 83. Catar pequenas pedras neste percurso não é uma tarefa difícil, visto que, principalmente na foz dos arroios São Lourenço e Carahá, esse recurso é abundante.

Através de pedras; elementos peculiares desta paisagem, pintadas com temáticas socioambientais, tenciono de forma criativa sensibilizar os alunos, habitantes e visitantes das praias lourencianas às questões ambientais, sobretudo, as relacionadas ao descarte indevido de resíduos nas praias.

Em síntese, o que se pretende discutir por essa via é o quanto uma educação voltada para o sensível pode, pela recuperação de velhas técnicas populares, contribuir para um melhor aproveitamento daquilo que se tem à volta, com a consequente diminuição desse desmedido desperdício tão corriqueiro em nossa sociedade contemporânea. Saber perceber o mundo ao redor, em termos dos materiais e substâncias que o compõem, coletando-as e trabalhando artesanalmente consiste, com efeito, numa maneira de estabelecer vínculos mais sensíveis com a natureza. Assim, a ecologia, a sensibilidade e a educação revelam o quão interligados podem estar se não forem tomadas como partes

independentes de um conhecimento fragmentário e desvinculado da vida de cada um (DUARTE JR., 2010, p.31).

Neste sentido, durante as caminhadas pela orla das praias (Figura 48), além de catarmos pedras para o trabalho, estabelecemos vínculos sensíveis com o meio natural, pois temos a liberdade de tirar os sapatos para sentir a areia, a água, as pedras, bem como, corremos, subimos nas árvores e fruímos as mais variadas sensações que o ambiente proporciona. Sentir-se a vontade e livre neste ambiente é fundamental para compreendê-lo e amá-lo de modo a sentir-se incumbido em promover sua integridade.



Figura 48: Alunos em caminhada na orla da Laguna dos Patos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Das atividades propostas aos estudantes durante o projeto de pesquisa, as caminhadas na orla da laguna é a preferencial entre eles, pois, representa um momento de prazer e descontração. Esses momentos favorecem minha aproximação aos estudantes e, desta forma crio oportunidades de sensibilizá-los e aproximá-los ainda mais

da natureza e das experiências singulares que dela desencadeiam.

O artista britânico Hamish Fluton denomina-se um “artista andarilho” e a experiência das caminhadas é a sua forma de fazer arte. Identifico nossas deambulações com as ações do artista pelo fato do caminhar ser uma escolha e não uma imposição e, por não antever metas específicas que não seja fazer um percurso com a preocupação de viver a natureza, decifrá-la e defendê-la. Sobre a arte do caminhar, o artista nos diz que, “A minha forma de arte é a viagem a pé na paisagem [...] A única coisa que temos de tomar de uma paisagem são fotografias. A única coisa que temos de deixar nela é o rasto dos passos” (HAMISH in CARERI, 2013, p. 110).

Neste sentido, fotografar, tomar chimarrão, e conversar sobre assuntos cotidianos foram atividades constantes em nossas caminhadas. Durante esse tempo mantivemos um grupo em rede social, onde trocávamos informações, combinávamos nossa programação semanal, bem como, compartilhávamos as fotografias (Figura 49) de nossas

caminhadas, ações e dos artefatos produzidos. Enfim, construímos uma relação de amizade e confiança as quais não havia vivenciado anteriormente entre alunos.

Figura 49: Passeio na orla, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.



A capacidade integradora produzida na caminhada em grupo pode reverberar aspectos afetivos, cognitivos, estéticos, entre outras formas de aproximações dos alunos e o professor que a formatação tradicional da sala de aula não favorece. Juntos percorremos praias, trilhas, becos e vielas: descobrimos lugares e inventamos paisagens.

Sobre essas deambulações, Francesco Careri diz que, “quem perde tempo, ganha espaço” e, complementa compartilhando sua prática docente a partir dos deslocamentos feitos com seus alunos. Ele relata tal experiência singular nos dizendo:

Nos meus cursos de Artes Cívicas, o que procuro transmitir aos estudantes é o prazer de perder-se para conhecer. Não é garantido, mas dá grande satisfação. Levo-os aonde ainda não foram, tiro-lhes o terreno de debaixo dos pés e guio-os em territórios incertos. Normalmente, no início, cresce neles um estado de ânimo de desconfiança, dúvidas sobre aquilo que estão fazendo, medo de estar perdendo o tempo. Mas, ao final, para quem persiste, também cresce o prazer de encontrar novas estradas e novas certezas, provar o gosto de produzir para si um pensamento com seu próprio corpo e um

agir com sua própria mente (CARERI, 2013, p. 171).

A reconstrução de olhares, pensamentos e ações através da contemplação e apreciação do percurso abre caminhos às aproximações entre o grupo e a imersão dos corpos no espaço. “O espaço apresenta-se como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e relações” (CARERI, 2013 p. 78).

A experiência tem caráter estético e socioambiental, porém sua estrutura está baseada em uma unidade cujo objetivo principal é a conscientização e a condição emocional dos participantes e o sentido de integração entre o grupo e o ambiente ao entorno da escola. Essa unidade é dada a partir das reais necessidades de mudanças em nossos comportamentos individuais e nas práticas coletivas, ao invés de meramente vivermos sem reflexões em relação às consequências de nossa existência sobre o planeta.

“O que está em questão é a maneira de viver daqui em diante sobre este planeta, no contexto da aceleração das

mutações técnico-científicas e do considerável crescimento demográfico” (GUATTARI, 2012, p.8). Além disso, precisamos rever nossos conceitos em relação às nossas reais necessidades de consumo e conseqüente descarte de objetos, bem como, nossas formas de atuação em sociedade para seguirmos adiante, de forma consciente e responsável em relação aos recursos naturais em nosso planeta.

Neste momento crítico que atravessamos em relação às políticas públicas educativas, culturais e socioambientais, é imprescindível resistir ao modelo capitalista destrutivo que alimenta a sociedade consumista. Ao atuar como professor de artes numa escola inserida em um contexto excepcional instiga-me a conduzir os alunos por experiências estéticas que possam ampliar suas capacidades sensíveis em relação a si mesmos, aos outros e ao ambiente natural que habitamos.

Para Dewey (2010), a experiência não é isolada do resto das vivências humanas, mas um processo vital e contínuo, na medida em que estreitamos as relações entre

teoria e prática em um ambiente democrático, onde não haja barreiras ao pensamento reflexivo e, ao mesmo tempo, seja capaz de promover outras formas de saberes e fazeres. Segundo ele, a escola tem o papel da socialização como fator determinante para as mudanças e avanços sociais a partir de experiências reais e singulares, através de uma educação física, emocional e intelectual. Neste sentido, segundo o autor,

A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nessa interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente (DEWEY, 2010, p.109).

Na medida em que tomamos consciência do mundo e o compreendemos a partir de nossas próprias experiências, conseguimos dimensionar com mais clareza os significados e o sentido da vida. A partir de experiências pessoais podemos constatar os fenômenos naturais desencadeados das ações

humanas e a possibilidade de transformação da realidade através de interações e de experiências singulares.

O autor poeticamente ilustra uma experiência estética, como um movimento que se desenvolve por intermédio de seu próprio impulso para sua consumação. Tal ilustração remete à materialidade, às metodologias e a própria experiência estética singular ao nosso projeto de pesquisa.

Talvez possamos ter uma ilustração geral, se imaginarmos que uma pedra que rola morro abaixo tem uma experiência. Com certeza, trata-se de uma atividade suficientemente “prática” . A pedra parte de algum lugar e se move com a consistência permitida pelas circunstâncias, para um lugar e um estado em que ficará em repouso – em direção a um fim. Acrescentemos a esses dados externos à guisa de imaginação, a ideia de que a pedra anseia pelo resultado final; de que se interessa pelas coisas que encontra no caminho, pelas condições que aceleram e retardam seu avanço, com respeito à influência delas no final; de que age e se sente em relação a elas conforme a função de obstáculo ou auxílio que lhes atribui; e de que a chegada final ao repouso se relaciona com tudo o que veio antes, como a culminação de um movimento contínuo. Nesse caso, a pedra teria uma experiência, e uma

experiência com qualidade estética (DEWEY, 2010, p.115, 116).

O movimento contínuo e os desdobramentos do projeto de pesquisa evidenciam que a experiência estética percorreu caminhos próprios e influências inimagináveis no decorrer do percurso cartográfico. A trajetória da experiência estética e socioambiental vivenciada no projeto de microintervenção remete ao devir animal², na medida em que, precisamos nos diferenciar de nós mesmos, para que consigamos ter uma experiência estética singular e, a partir daí, ressignificar pensamentos e atitudes em relação ao meio ambiente, tendo como base a solidariedade consigo, com o próximo e com a diversidade de espécies vivas.

“Os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes. (O mesmo se passa

² Devir animal - O devir animal é, entre os devires assinalados por Deleuze e Guattari, aquele que mais se aproxima dos humanos (p.59). O devir-animal é real e define-se pela vizinhança do humano com o animal. [...] O animal existe em nós, não devido a similaridades morfológicas e sim por causa da emissão corpuscular produzida por seu devir. [...] É contagiar-se, tornar-se animal: tecer como aranha, correr como um cavalo, trepar como um gato, uivar como um lobo, latir como um cachorro, brigar como qualquer bicho (p.62) Paola Basso Mena Barreto Gomes – Revista Educação & Realidade.

com a ressingularização das escolas, das prefeituras, do urbanismo etc.)” (GUATTARI, 2012, p.55). Seguindo esse pensamento, apresentei aos educandos, a visão ecosófica difundida por Guattari, a partir de pequenos trechos da obra “As três ecologias” bem como, compartilhei algumas experiências pessoais vividas no período do curso de Mestrado em Artes Visuais, de modo a impulsioná-los aos estudos e pesquisas, neste momento em que convivemos com o desinteresse por parte dos estudantes pelo modelo de ensino vigente e com a falta de esperança por parte dos professores na mudança deste contexto.

Intensifiquei entre os jovens a importância de suas participações no projeto de pesquisa e o significado de nossas ações para o ambiente local e global, bem como, sua relevância em relação à nossa qualidade de vida e dos demais seres vivos do planeta. “É preciso, mais uma vez, invocar a História! No mínimo pelo fato de que corremos o risco de não mais haver história humana se a humanidade não reassumir a si mesma radicalmente” (GUATTARI, 2012, p.

54). Neste sentido, reavivei no imaginário dos alunos, a partir de fotografias, audiovisuais e documentários disponíveis na internet, as causas e consequências ambientais da enxurrada que assolou parte da cidade no ano de 2011, porém, de forma intensa e devastadora no bairro Navegantes.

Apresentei aos estudantes representações de obras de arte contemporâneas produzidas por artistas sensíveis às questões socioambientais, na medida em que, suas biografias e grande parte dessas obras evidenciam o ativismo em relação à causa.

Nesta perspectiva desenvolvemos entre o grupo alguns conceitos relacionados à arte contemporânea a partir de imagens e audiovisuais de intervenções artísticas, performances e demais trabalhos com essa temática, apresentando como exemplo, a obra dos artistas: Paulo Damé, Frans Krajcberg, Robert Smithson, Paulo Bruscky, entre outros.

Dos trabalhos apresentados, o que mais marcou a experiência dos estudantes foi a escultura “Flor do Manguê”

de 1970 (Figura 50) produzida por Frans Krajcberg, na medida em que, eles relacionaram a obra de arte e seu contexto com as figueiras e a laguna, elementos componentes da paisagem local.



Figura 50: Flor do mangue, 1970.

Fonte: Google imagens.

Entre os artistas que trazem a temática ambiental em seus trabalhos, o professor Dr. Paulo Damé, além de ser referência fundamental a esta pesquisa a partir de sua obra "artefato", discorre em sua tese de doutorado sobre encontros e colaboração em arte, com foco na experiência

estética e na interação entre os integrantes do grupo. Sobre essa produção coletiva artística contemporânea ele nos diz que:

Aqui, o trabalho de arte refere-se tanto ao processo como ao objeto realizado. A expressividade do artista é deslocada para uma rede de relações dialógicas entre os participantes, e a ênfase do projeto é colocada nas interações, em vez de somente na experiência do artista e na forma do objeto (DAMÉ, 2018, p. 149).

Neste sentido, dedicamos vários encontros à pintura dos artefatos, nos quais os alunos livremente e de forma colaborativa desenvolveram suas poéticas a partir da temática ambiental. Além da produção em conjunto, fizemos a escolha entre os artefatos e fotografias que compõem o trabalho "Artefatos e afetos" e demais procedimentos em relação à obra que produzi na sala de aula enquanto orientava-os em suas produções artísticas.

Em busca de ressingularização através da arte/educação, a produção artística dos artefatos desenvolveu-se em um ritmo lento, porém, constante onde

cada aluno pôde criar sua poética a partir de técnicas e referências artísticas pessoais. Além disso, as metodologias de ensino adotadas favorecem o ensino/aprendizagem das artes visuais, enriquecendo a experiência dos alunos, suas propriedades sensoriais, formais, técnicas, expressivas, de modo a rebuscarmos, aplicarmos e valorizarmos neste trabalho, os conhecimentos estéticos e artísticos e a linguagem visual adquiridas nos anos anteriores.

A partir desta concepção, considero que a compreensão artística e o senso estético envolvem um processo cognitivo seguido de prazer pela percepção, entendimento ou nova perspectiva a respeito de determinada realidade, portanto, a arte é objeto de conhecimento. As poéticas contemporâneas abrem espaço às relações interpessoais e com o meio ambiente devido seus permanentes processos de reconstrução. Desta forma, o projeto de pesquisa avança através do empenho dos alunos na produção artística e na atuação cidadã nas praças ao entorno da escola; ambiente que favorece a criatividade e o

compartilhamento tanto da arte quanto das experiências estéticas vividas.

Herbert Read, na obra *Educação pela Arte*, traz à luz a tese formulada por Platão, de que a arte deve ser a base para a educação e para o desenvolvimento pessoal através da educação dos sentidos. Para o autor, a experiência artística é basilar por nos proporcionar tomar consciência de que podemos ir além; de que podemos ser mais do que somos, pensamos, sentimos e fazemos e, desta forma, articularmos a harmoniosa conexão do mundo interior com o mundo exterior.

Para Read, a educação pela arte é possível, na medida em que o professor transfigura-se em um mediador entre os alunos e seu ambiente imediato, de modo a não aceitarem passivamente a realidade ambiental do meio em que estão inseridos. Neste sentido,

A eficiência de nossa mediação é, até certo ponto, dependente de nossa capacidade de modificar o meio ambiente. A educação na verdade, é inseparável de nossa política social como um todo. [...] a educação,

fundamentalmente, não é direcionada para o implemento do conhecimento do indivíduo, mas para a criação de bem estar na comunidade. É só na medida em que elevamos o nível geral de saúde, da felicidade, da inventividade e da sabedoria que obtemos nossa tarefa discriminatória (READ, 2001, p.329, 330).

Educar de forma diferenciada e particular, de modo a promover o bem estar dos alunos e da comunidade é um dos objetivos que norteiam este trabalho. Vivemos uma experiência ético/estética construtiva e reveladora de valores subjetivos, cognitivos e afetivos, na medida em que se apresentou uma perspectiva humanista face aos fenômenos da vida cotidiana. Tal experiência implica que os alunos tenham desenvolvido ideias, conceitos, princípios, competências e juízos adquiridos através das caminhadas, debates, leituras, produção e microintervenções artísticas.

A partir da fala de uma das alunas envolvidas no projeto de microintervenção, foi possível constatar que, além de sensibilizada com as questões abordadas na pesquisa, ela consegue compreender os objetivos do trabalho, bem como

formular seus próprios conceitos a partir dessas vivências. A estudante nos diz que,

A natureza é importante, porque a gente tem que ter a certeza que no futuro nossos netos e filhos vão estar numa maravilha de lar. O nosso trabalho é para ver a reação das pessoas; se realmente elas se interessam pela nossa natureza.

Apesar dos discentes estarem imersos aos meios tecnológicos da informação e cientes da problemática ambiental devemos alertá-los de forma incisiva de que essa questão está diretamente relacionada ao aqui e agora e, não a um futuro distante. Em relação ao tempo/espço para a conscientização individual e às práticas coletivas em relação à ecologia, devemos nos atentar que,

O planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de

uma progressiva deterioração (GUATTARI, 2012, p.7).

Para que se fortaleçam as relações interpessoais carecemos reativar antigas concepções e modos de vida em relação ao trato com o planeta, repensar a forma como vemos e tratamos o próximo, principalmente pessoas que desconhecemos e/ou estão distantes, bem como, desviar o foco das relações da competição para a colaboração e, desta forma, realinhar os três princípios ecosóficis.

Neste sentido, a intervenção evidencia no fenômeno artístico a sua função criadora a partir de ideias, experiências estéticas e deslocamentos e, propõe a transformação e reconfiguração do entorno escolar formado por áreas naturais ameaçadas pela ação humana. Porém, somente a (re)ação humana pode reverter essa realidade socioambiental.

Assim, intervir pode ser pensado como a recursiva ativação de uma rede de conversações, ou de acordo com Lévy (1998), de um coletivo inteligente, que não submete nem limita as inteligências individuais, pelo

contrário, abre-lhes novas potências, mobiliza as subjetividades autônomas que o compõem (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIM; 2012, p.138).

A microintervenção artística potencializa a existência dos sujeitos envolvidos a partir da experiência estética, revela à diversidade de sentidos, suscita à expansão da subjetividade e, preconiza reconstruir-se na experiência.

Concluimos nossas ações devolvendo os artefatos às praias ao entorno da escola e, ao mesmo tempo, celebrando e compartilhando as energias, paisagens, conhecimentos e, tudo mais que juntos inventamos e construímos no percurso do projeto de microintervenção artística.

Como última atividade do ano letivo, marcamos um encontro na escola para finalmente, mais uma vez, juntos em caminhada devolvermos os artefatos à orla da Laguna dos Patos. Na ocasião, compartilhei com os alunos as peças do trabalho "Artefatos e afetos" como apresenta a figura 23 na página 68.

A partir do relato de outra estudante, no decorrer da ação interventiva, fica evidente o propósito dos alunos a partir da finalidade de seus artefatos devolvidos às praias ao entorno da escola.

A gente está fazendo este trabalho de largar as pedras nos lugares, pras pessoas "se ligarem" que a gente tem que cuidar da nossa natureza por que sem ela a gente vai viver no lixo, se não cuidarmos vai ter muito esgoto, vai estar muito fedorenta nossa lagoa e a gente não vai poder tomar banho na praia. Por isso que a gente está largando as pedras na praia perto das árvores. Para as pessoas verem que a gente tá tentando fazer algo para conseguir melhorar a nossa natureza. Para as pessoas "se ligarem" que a gente têm que cuidar do que é nosso.

É possível constatar na fala da jovem, a percepção ambiental e a tomada de consciência sobre nossa interconexão entre ecossistemas, bem como, em sua apreensão sobre a escolha de devolver os artefatos nos pés das árvores, para que, ao buscarem sombra, as pessoas possam perceber de onde ela vem e a necessidade de cuidado com as árvores, com a laguna e com os seres que nela habitam, inclusive nós mesmos.

A microintervenção artística produz rupturas nos modos de vida moldados e adaptados ao ambiente poluído e em desequilíbrio como se apresenta. O trabalho atua como frestas por onde as experiências estéticas e as práticas socioambientais possam respirar e dar vida aos sentimentos e emoções, instaurando modos de viver em harmonia com o meio ambiente e, de forma criativa, promover sua ressignificação.

As imagens que seguem apresentam a ação interventiva de devolução dos artefatos à orla da Laguna dos Patos (Figuras 51 a 54).



Figura 51: Artefatos, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 52: Intervenção na praia, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 53: Intervenção na praia, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.





Figura 54: Intervenção na praia, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Um dos objetivos específicos enunciados no projeto de pesquisa relaciona-se à produção audiovisual tanto poética, quanto documental, registrando as atividades desenvolvidas nos processos de microintervenção artística. A produção audiovisual a partir dos aparelhos celulares dos alunos não teve êxito, pois, na maioria dos casos, eles não conseguiram sintetizar suas ideias e concluir os conceitos

formulados através de um relato em vídeo. Além disso, diziam-se incomodados com a exposição de suas imagens ao público e, esse motivo foi suficiente para que eu acatasse a decisão tomada por eles. Quanto a essa negação, segundo Vigotski, é essencial considerar que,

O adolescente formará e utilizará um conceito com muita propriedade numa situação concreta, mas achará estranhamente difícil expressar esse conceito em palavras, e a definição verbal será, na maioria dos casos, muito mais limitada do que seria de se esperar a partir do modo como utilizou o conceito (1998, p. 99).

Nesta perspectiva, considera-se a adolescência como uma etapa preparatória para a vida adulta, na qual os sujeitos em formação confrontam-se com a realidade que os instiga em compreendê-la e, ao mesmo tempo, os impõe posicionamento frente às circunstâncias.

É característico nesta fase do desenvolvimento humano, os jovens produzirem teorias e conceitos que objetivam criticar, transformar e até mesmo rejeitar o mundo

ao seu redor. Esses confrontos pressupõem a construção de instrumentos subjetivos, cognitivos e afetivos, porém, verbalizar essas ideias em construção ainda não é possível, visto que, as representações simbólicas e estéticas dos jovens vão sendo constituídas permanentemente, na medida em que, agem sobre a realidade e recebem as influências do meio. Porém, influências culturais, éticas, estéticas, políticas e ecológicas constituem o sujeito, seja por assimilação dos padrões impostos pela sociedade midiática, ou pela construção sensível, crítica e afetiva mediada pela família e pelos professores...

Em busca de mediação educativa através dos meios tecnológicos e mídias contemporâneas no ensino escolar, por intermédio do uso didático dos aparelhos celulares, tentamos produzir audiovisuais que fomentassem o desenvolvimento de capacidades e habilidades outras entre os alunos, além de enriquecer os dados e o material da pesquisa. Porém, o aparelho celular no contexto da produção de conhecimento, a partir da criação audiovisual e na

articulação entre a experiência estética e as micropolíticas socioambientais não surtiram efeitos positivos.

Como tenho observando nas aulas de artes, o aparato não vem operando de forma a consolidar conhecimentos à ação educativa escolar. Os aparelhos celulares no âmbito da sala de aula no ensino fundamental, não suprem as necessidades dos estudantes, senão em pequenas pesquisas ou para sanar alguma dúvida pontual. Além disso, o equipamento é motivo de dispersão e desvios em um meio vulnerável, onde o controle e orientação do professor são insuficientes frente aos impulsos dos adolescentes ao uso descomedido entre jogos, redes sociais e outros aplicativos disponíveis.

Das fragilidades apontadas no domínio da investigação, que constituíram algumas barreiras para o desenvolvimento do trabalho e a produção de dados para a pesquisa, surgiram a partir dos papéis assumidos em simultâneo – do professor, do artista e do pesquisador somados às questões subjetivas em relação ao atual contexto

da educação nas escolas e nas universidades públicas, bem como das questões socioambientais, artísticas e culturais em nosso país.

[...]

Um dos desdobramentos da intervenção artística deu-se na própria Escola Armando das Neves, pelas ações em desenvolvimento com os estudantes do nono ano terem despertado a curiosidade e interesse por outra turma de alunos. Neste sentido, a experiência estética com os estudantes do sétimo ano foi particularmente significativa, visto que, o interesse pela atividade de microintervenção artística partiu de um desejo coletivo dos próprios alunos. Partindo da iniciativa dos estudantes e dos ensinamentos de Guattari, considero que,

A noção de interesse coletivo deveria ser ampliada a empreendimentos que a curto prazo não trazem “proveito” a ninguém, mas a longo prazo são portadores de enriquecimento processual para o conjunto da humanidade. É o

conjunto do futuro e da pesquisa fundamental e da arte que está aqui em causa (GUATTARI, 2002, p.51).

No atual cenário da educação, em que os estudantes estão desmotivados e desinteressados à ação educativa, é admirável que eles reconheçam suas prioridades e tomem partido em relação às atividades e projetos desenvolvidos no âmbito escolar. Sensibilizados com o projeto de pesquisa e com a microintervenção artística mergulharam na experiência estética. “Todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças, etc” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 19).

No intuito de desenvolver práticas de acompanhamento de processos inventivos e de produção de subjetividades, prontamente atendi aos alunos, porém, propus o exercício de relatarem a experiência em um audiovisual que transcorreu ao final das atividades.

Os discentes que compunham a turma de sétimo ano apresentavam como características, desenvoltura nos trabalhos que apresentavam e, buscavam superar seus próprios limites nas tarefas desempenhadas no âmbito escolar. Em maioria, permanecem na escola e meus alunos na disciplina de artes. Entre os estudantes, estão crianças que acompanho seu desenvolvimento físico e cognitivo desde meu ingresso no educandário e, este tempo foi suficiente para vivenciarmos inúmeras experiências ético/estéticas e construirmos laços afetivos.

Desenvolvemos as atividades do projeto em quatro encontros de noventa minutos que, compreenderam a coleta das pedras, a pintura dos artefatos, a intervenção na praia e a gravação dos depoimentos em audiovisual. A experiência anterior fez com que eu repensasse o uso do aparelho celular na produção audiovisual e, neste caso, pessoalmente produzi e gravei os depoimentos dos alunos na escola.

No audiovisual (em anexo) podemos observar que o grupo de alunos, em outra faixa etária e nível de formação,

conseguem expor com clareza seus pontos de vista em relação ao trabalho que desempenharam.

Um dos alunos dessa turma, com idade de quatorze anos; nasceu e cresceu na comunidade brincando, estudando e desenvolvendo suas atividades na orla da Laguna dos Patos. Vizinho e aluno da Escola Armando das Neves, ele expõe sua relação com o ambiente ao entorno de sua casa e da escola, indicando em sua fala questões históricas, culturais, afetivas e ambientais.

Eu sempre morei na orla da lagoa, sempre morei bem dizer, dentro d'água, sempre tomando banho, pescando, saindo a passeio... e eu não sei o que faria, se não tivesse... eu não consigo me imaginar, morando em uma cidade grande, eu não consigo imaginar eu sem essa lagoa. É muito importante cuidar, por causa dos nossos filhos, da gente, nossos netos e as próximas gerações. Precisamos preservar pra eles, senão eles não vão poder viver o que eu vivi, meu pai viveu, meu avô viveu. Eu quero isso, a gente quer isso; quer preservar para os próximos que viverem aqui desfrutarem da lagoa.

O jovem consegue traçar um paralelo entre sua geração e as gerações que o antecederam, de forma a perceber que o futuro do planeta está comprometido ao sentir "sua lagoa" ameaçada. O fato dos alunos sentirem necessidade de mudanças em seus comportamentos socioambientais significa que já houve um pensamento crítico, de modo a operarem os conceitos formulados no cotidiano.

As atividades desenvolvidas revelam a microintervenção artística como uma experiência que, vai desde o caminhar ao intervir na paisagem como ato estético. As ações revelaram um poder transformador na relação dos alunos entre si, conferindo autoestima ao grupo, bem como, reafirmando os laços entre professor/alunos, o que pessoalmente considero relevante, no sentido de ampliarmos as possibilidades de saberes e fazeres que preconizam as artes visuais contemporâneas e as práticas socioambientais.

O registro da atividade fica por conta dos depoimentos dos estudantes no audiovisual, visto que, a

intensidade das ações não permitiu captura fotográfica do processo de criação e produção artística, a não ser, na caminhada realizada para coleta das pedras, na qual também brincamos e desenhamos na areia da praia (Figuras 55 a 57).



Figura 55: Passeio na orla da lagoa, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 56: Passeio na orla da lagoa, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.





Figura 57: Passeio na orla da laguna, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

Caminhar e brincar pela orla da praia, aliadas a uma atividade diferenciada que valorize a infância, os corpos e suas relações com o espaço natural, reforça entre os estudantes questões de responsabilidade pelo meio ambiente. Neste sentido,

Dessa relação, portanto, emerge em nós um sentimento de instalação no mundo e de compromisso social, não só com o próximo, a

partilhar do mesmo espaço, mas também com o nosso ambiente e as coisas que o preenchem. Passear pela paisagem urbana mostra, pois, fundamental para a constituição de uma realidade estável, sensível e acolhedora, uma realidade com a qual nos identificamos e pela qual nos sentimos um pouco responsável (DUARTE JR., 2010, p. 82)

A educação através de novos modos de percepção e leitura da realidade e por meio de percursos poéticos como forma de apreender a vida cotidiana, busca consolidar afetos, conhecimentos e fazeres na articulação entre as artes visuais contemporâneas e as micropolíticas socioambientais.

Inserindo a arte na vida das crianças e jovens, conforme o enunciado de Read, quando nos diz que, a arte deve ser a base para a educação e, acreditando que o cotidiano possa ser poetizado e ressignificado; eles serão capazes de transformar experiências incipientes em atitudes responsáveis e incorporadas em seus comportamentos.

Segundo Guattari,

A reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Assim, toda

uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para ser forjada passo a passo e, a partir dos meios os mais minúsculos (2012, p.55-56).

Neste sentido, a partir de pequenas ações sensíveis ao contexto cotidiano e significativas ao âmbito escolar e ambiental, tenciono provocar nos estudantes questionamentos às ações ético/estéticas e instiga-los às possíveis relações que possam estabelecer com suas vidas pessoais, bem como, a darem segmento às atividades fora do domínio escolar.

O audiovisual em anexo apresenta em sua abertura uma experiência estética do caminhar que vivenciei no rio Barroão, os depoimentos dos alunos em relação à experiência estética da microintervenção artística, bem como, uma série de fotografias por mim produzidas no período do Mestrado em Artes Visuais, ao som da música Lagoa dos Patos, de autoria dos artistas gaúchos Kleiton e Kledir, composta no ano de 1980, instrumentalizada por Maurício Marques.

A experiência estética a partir da produção audiovisual permitiu aos estudantes ampliarem o pensamento crítico socioambiental e suas experiências pessoais, bem como promoveu novas formas de comunicação e expressão.

Como arte/educador, considero a produção audiovisual a partir dos relatos dos alunos um processo de vivificação, além de ser uma configuração diferenciada para a produção do conhecimento.

Unir em um dispositivo audiovisual as poéticas do caminhar, imagens fotográficas significativas que produzi no interstício do curso de Mestrado, bem como, os depoimentos dos alunos em relação ao trabalho realizado abarcam as formas sensíveis de pesquisar, educar e produzir arte que proponho, além das relações que estabeleço com a poesia de outros artistas gaúchos sensíveis à causa da Laguna dos Patos.

[...]

A Educação de Jovens e Adultos - EJA, como processo educativo tem por objetivo gerar conhecimentos desenvolvendo entre os estudantes atitudes críticas e criativas, bem como, um resgate de saberes, fazeres e experiências vivenciadas fora da sala de aula e do âmbito escolar como componentes de sua bagagem intelectual.

Nesta perspectiva, a EJA ultrapassa os limites da escolarização em um sentido estrito, pois, deve-se respeitar a diversidade do público que compõe essa modalidade de ensino e considerar que, as questões subjetivas, sociais e ambientais destes sujeitos, na maioria dos casos, estão pautadas em tempos/espacos que não o escolar.

Desde minha chegada à Escola Armando das Neves desenvolvo a docência com jovens e adultos e, neste tempo foi possível observar que a maioria dos alunos, por algum motivo particular, não conseguiram acompanhar o ensino regular, ou por se tratarem de alunos extremamente carentes, ou com problemas sociais relacionados ao alcoolismo e a drogadição consigo ou no núcleo familiar,

bem como, déficit de aprendizagem ou alguma especialidade física ou psíquica. Além disso, a modalidade de ensino engloba uma série de sujeitos suscetíveis por carência afetiva, vítimas de violência doméstica e, até mesmo, alunos com incidência à violência.

Reciclar, reaproveitar e reduzir são temas caros aos alunos da Educação de Jovens e Adultos em amplo sentido. A modalidade de ensino, talvez por desenvolver suas atividades com o público adulto, no turno da noite, acaba por ter aulas em tempo reduzido em relação ao ensino regular, dispõe de menos profissionais para atendê-los e dar-lhes suporte psicopedagógico e, cada vez menos, atenção é dispensada a este grupo peculiar de estudantes.

Neste sentido, na medida em que tivemos o trabalho concluído no final do ano letivo 2018, fomos surpreendidos pelo poder público municipal com a notícia de que a modalidade de ensino EJA seria extinta, justificando seu fim ao número reduzido de alunos matriculados não suprirem a oferta de vagas, tornando sua manutenção onerosa aos

cofres públicos. Mais uma vez, vivenciamos as desigualdades da sociedade atual, onde os sujeitos em condições socioeconômicas menos favoráveis são vítimas do sistema capitalista que só consegue vislumbrar números e lucros, desprezando o desenvolvimento humano de indivíduos em vulnerabilidade social.

Porém, antes de recebermos essa triste notícia, tivemos a alegria de desenvolver entre outros trabalhos, o projeto de microintervenção artística por meio das pedras pintadas. Como mencionei, a modalidade EJA desenvolvia as atividades no turno da noite e, em função disso, algumas alterações transcorreram na metodologia. Neste sentido, pedi que os alunos coletassem e trouxessem algumas pedras que encontrassem no caminho para a escola.

A produção artística desenvolveu-se em um ritmo lento, como é característico do grupo de alunos em questão. Porém, o processo criativo e inventivo conduziu a uma produção enriquecedora à educação ambiental no contexto da EJA a partir dos relatos de experiências estéticas e

socioambientais dos estudantes enquanto produziam seus artefatos. Esse modo de apreender o mundo e de aprender a viver de forma holística é possível, pois,

Repensar, por conseguinte, as formas de obtenção do conhecimento e mesmo o entendimento do que seja ele, constitui um desafio da contemporaneidade, imersa nessa crise cujo substrato parece ser mesmo o ato humano de conhecer o mundo, e, a partir daí, nele atuar (DURTE JR., 2010, p. 200).

Tornar operativos conceitos e conhecimentos de vida e de mundo adquiridos e formulados nas vivências em grupo (Figuras 58 e 59), são formas de construção de saberes mais afetivos e, conseqüentemente, mais efetivos do que àqueles produzidos e apresentados em uma formatação mais rígida e em modelos pedagógicos tradicionais.



Figura 58: Alunos EJA produzindo artefatos, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 59: Aluno e seu artefato, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.

A tomada de consciência ecológica, o conhecimento adquirido, a cultura revisitada, a sensibilidade estimulada e a sociabilidade promovida através de agenciamentos ecosófico, geram oportunidades de resgates subjetivos, respeito às diferenças e diversidade de pensamentos.

Além das ações registradas nas imagens, ressignificar o espaço escolar também faz parte do cotidiano

ético/estético dos alunos da EJA. Neste sentido, os artefatos produzidos por esses alunos, pelas propriedades estéticas relacionadas à fauna nativa da região, ficaram em exposição no jardim da escola.

A escola na perspectiva da educação transformadora e emancipatória deve entender que conceitos e conhecimentos ambientais não podem ser conteúdos curriculares transmitidos aos alunos, conforme a pedagogia tradicional (pedagogia da transmissão). A educação crítica e transformadora exige um tratamento mais vivo e dinâmico dos conhecimentos, visto que, é preciso tomar os temas ambientais locais significativos para a análise crítica da realidade socioambiental.

Mas, sobretudo, temos que priorizar as formas de educação emancipatórias em nosso país, se não quisermos sucumbir em meio à poluição, à desumanização e à ignorância.

[...]

Apesar de raras experiências pedagógicas com estudantes do ensino infantil, desenvolver um desdobramento do projeto de pesquisa entre essa modalidade de ensino proporcionou-me momentos inusitados através da reinvenção de mim mesmo e da prática pedagógica, bem como, pela emoção da partilha do conhecimento e pelo afeto recebido das crianças.

A microintervenção com os artefatos nas praias despertou interesse em uma professora de educação infantil atuante na E.M.E.I Recanto Feliz, também inserida em áreas naturais, entre a Laguna dos Patos e o arroio São Lourenço. Professora Carla trabalha e habita no bairro Navegantes e conhece a realidade socioambiental da comunidade e, neste sentido, convidou-me para apresentar o trabalho “Artefatos e afetos” aos seus alunos, bem como, desenvolver uma atividade relacionada ao projeto de pesquisa. Buscando atender esse desejo, aceitei o desafio marcando um encontro com a turma de ensino infantil, formada por treze alunos, com cinco anos de idade.

Recepcionei o grupo na Praia das Mães que particularmente considero uma das mais charmosas praias da orla da Laguna dos Patos.

Em primeira mão, apresentei aos estudantes a obra artística “Artefatos e afetos”, descrevendo o processo de criação artística e a produção fotográfica, bem como, as formas de compartilhamento e exposição do trabalho. Também falei aos alunos sobre as representações nos artefatos referentes às espécies nativas da fauna e flora, bem como, o motivo pelo qual desenvolvi o trabalho.

Como atividade prática, propus a coleta, pintura e devolução de artefatos na praia. Vivenciamos algumas horas de afetos, conhecimentos, compartilhamentos e experiências estéticas. A espontaneidade e energia das crianças torna o ato de ensinar/aprender uma dinâmica que empreende um ritmo acelerado às atividades e demanda espaço amplo e adequado para que possam se desenvolver fisicamente e para que seus sentidos possam ser educados. “Os sentidos das crianças só podem ser educados pela ação, e a ação

exige espaço – não o espaço restrito de uma sala ou de um ginásio, mas o espaço da natureza” (READ, 2001, p.332).

Os resultados dos trabalhos (Figura 60) foram surpreendentes, bem como, o interesse e curiosidade dos alunos tanto às questões socioambientais, quanto à experiência estética da microintervenção artística.



Figura 60: Aluna e seu artefato, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

A educação infantil como primeiro contato das crianças com a vida escolar e em sociedade e, a partir das

primeiras experiências pedagógicas compreendendo o meio ambiente requer um olhar especial, de modo que os alunos sejam orientados através de uma aprendizagem significativa que contribua para o desenvolvimento subjetivo, afetivo, cognitivo e social.

Necessitamos a formação de um sujeito ecológico³, em que a consciência ambiental permeie suas escolhas e a legitimidade à natureza conduza suas ações. No atual contexto socioambiental, nada mais propício do que trabalhar essas questões na educação escolar infantil e, a arte sem dúvidas, desempenha papel fundamental para que se efetive uma educação lúdica que desperte afetos, autonomia, consciência ambiental, criticidade e responsabilidade.

Educar para a vida, para o amor ao próximo e à diversidade da natureza é prioridade no trabalho que desenvolvo e pretendo desenvolver enquanto professor de

³ Segundo a Professora Dra. Isabel de Carvalho, o sujeito ecológico designa um ideal ecológico, uma utopia pessoal e social norteadora das decisões e estilos de vida que adotam, em alguma medida, uma orientação ecológica em suas vidas. Considerando que a subjetividade é um modo de ser no mundo, a noção de sujeito ecológico, é um modo específico de ser no mundo, em outras palavras, é um "jeito ecológico de ser".

artes. Reorientar comportamentos insensíveis e consumistas, resistir aos modelos ditados pela mídia e relegar correntes ideológicas contrárias ao conhecimento e à emancipação dos indivíduos através da educação afetiva, sensível e democrática é a razão do trabalho que desempenho na área da educação. Pois,

Numa sociedade racional, só existe a questão da prioridade, e nenhum serviço nessa sociedade, com exceção dos que fomentam e protegem a própria vida, deveria ter prioridade sobre a educação (READ, 2001, p. 333,335).

Como professor de artes, é emocionante e compensador vislumbrar meus projetos criarem vida através da intervenção dos alunos. Por inúmeras motivações e princípios sinto-me incumbido em promover educação através de ações socioambientais, propulsoras da saúde e da vida. Neste sentido, a pesquisa aponta estas demandas claramente e não pressupõe soluções plausíveis às questões socioambientais e, até mesmo relacionadas à educação, senão por meio da própria educação.

Nossas crianças carecem cada vez mais atenção, por meio de especialistas para educá-los e de escolas adequadas a alunos nessa faixa etária primordial à formação e ao desenvolvimento humano. Neste sentido, como professor sensível às questões socioambientais, concordo com Duarte Jr. em relação à superficialidade das discussões e ações ambientais no âmbito escolar. Acerca desse assunto devemos ir além, pois,

Apenas discussões abstratas acerca do lixo, dos resíduos poluentes, da morte dos rios, dos danos causados às florestas e a extinção de espécies, parecem atingir bem pouco aqueles que não tiveram ainda seus sentidos despertados para o mundo que possuem ao redor. Aprender a entender e a preservar o ambiente, começando pelo seu entorno mais imediato, passa a ser, pois, tarefa de uma educação do sensível, quando não pela necessidade de beleza que, mesmo inerente ao ser humano, precisa ser despertada e cultivada (DUARTE JR., 2010, p.188).

Neste sentido, contemplar a beleza do ambiente natural em que vivemos e inventar formas de cuidá-lo a partir de microintervenções ético/estéticas é possível em

todas as modalidades do ensino formal por intermédio da educação sensível, afetuosa e responsável. As imagens que seguem (Figuras 61 e 62), apresentam os alunos atuando em seu espaço e, ao mesmo tempo brincando, aprendendo e ensinando-me lições imprescindíveis à constituição humana, à formação acadêmica e para a construção dos percursos “cArtograficos” cotidianos.

Figura 61: Microintervenção na praia, 2018.
Fonte: Arquivo pessoal.





Figura 62: Artefatos, afetos e alunos, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal.

[...]

Nos últimos sete anos, eu tive o privilégio de vivenciar inúmeras experiências significativas em uma sala de aula atuando como arte/educador. Conviver com crianças, jovens e adultos e, fazer da arte o instrumento educativo, afetivo e social de sensibilização e transformação de realidades é, na

atualidade, a motivação para prosseguir na missão como professor, artista e pesquisador.

Dos desdobramentos proporcionados pelas “cArtografias”, o estagio docência apresentou-se como uma significativa oportunidade para o compartilhamento de saberes e fazeres na área do ensino da arte e da educação estética.

A pesquisa intervenção, embasada pelas metodologias cartografia e artografia, permitiu através de desdobramentos em sua trajetória, ampliar os horizontes, percepções e experiências estéticas, na medida em que, associa tais metodologias à metáfora do “velejar à deriva”, na qual Francesco Careri sugere perder-se à mercê das correntes, construindo assim, a direção da pesquisa. Em sua poética ele nos diz que,

O ponto é, com efeito, como projetar uma direção, mas com uma ampla disponibilidade à indeterminação e à escuta dos projetos dos outros. Velejar significa construir uma rota e modificá-la continuamente ao ler as crespidades do mar, geralmente procurando zonas onde há rajadas e evitando as de “lhanura”,

encontrando, em suma, no próprio território e em quem o habita as energias que podem levar adiante o projeto indeterminado no seu devir: as pessoas certas, os lugares adequados e as situações em que o projeto possa crescer, modificar-se e tornar-se terreno comum. [...] Então, o que irá velejar será a coerência interna entre as coisas que se encontram e as que se criam, entre aquelas que aconteceriam e as que se faz acontecer, a descoberta contínua de uma ordem escondida que vemos nascer sob os nossos olhos-pés, a possibilidade de construir um sentido e uma história-rota coerente e compartilhada (2013, p.172).

Velejar sob leves rajadas de vento e céu límpido nos permite vislumbrar além e contemplar a paisagem da trajetória. As oportunidades de crescimento pessoal e profissional, bem como os encontros, as experiências, as criações artísticas e demais acontecimentos no período do desenvolvimento do projeto de pesquisa sopraram as velas e mudaram a trajetória do meu velejar.

Neste sentido, para alavancar a produção artística, o desempenho pedagógico e a reflexão sobre a pesquisa em arte/educação, no primeiro semestre do ano de 2018,

desenvolvi estágio docência sob orientação do Professor Dr. Cláudio Tarouco de Azevedo, na disciplina de Estágio Supervisionado II, oferecida aos alunos do sétimo semestre do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - CA/UFPel.

A disciplina concentra atividades práticas e teóricas, porém, não se trata de mera preparação à docência em artes, mas sim, de um processo de formação no qual o sujeito precisa vivenciar a prática docente de modo crítico-reflexivo para se constituir professor. Uma prática recorrente neste período foi o compartilhamento de afetos, experiências, saberes e materiais entre eu, o professor Cláudio e os alunos graduandos, com a intenção de aproximá-los dos conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas, bem como, proporcioná-los segurança em suas experiências na docência durante o estágio.

A reciprocidade das ações, afetos, fazeres e saberes compartilhados constituiu uma etapa fundamental em minha formação docente em artes. A liberdade de expressão artística, as experiências estéticas e as oportunidades de

aprendizado que juntos criamos caracterizam a artografia como uma metodologia que amplia as percepções do professor/artista em seu percurso cartográfico de pesquisa.

As percepções que tive nesta experiência estavam relacionadas ao interesse dos alunos em estratégias e posturas a serem adotadas em sala de aula na relação professor/aluno e o ensino das Artes Visuais. Os discentes planejaram e executaram seus estágios a partir de uma formação que favoreceu a exposição de planejamentos, opiniões, anseios, dúvidas e ideias a partir de microaulas⁴; uma construção coletiva e participativa de saberes.

Desta forma, o estágio docência constituiu uma possibilidade de aliar a pesquisa em artes à produção artística e à docência em artes, tornando-se uma prática educativa relevante tanto no processo de formação dos

⁴ As "microaulas" propostas pelo Prof. Cláudio na disciplina de Estágio Supervisionado II, aos alunos da Licenciatura em Artes Visuais são pequenas mostras sobre os conteúdos a serem trabalhados pelos futuros arte/educadores em suas aulas de artes durante seus estágios nas escolas de ensino médio. As microaulas compreendem atividades teórico/práticas na área de artes visuais e seu objetivo principal é compartilhar saberes e conhecimentos, bem como, elucidar as possíveis dúvidas e anseios em relação a prática docente.

alunos da graduação, quanto em meus processos "cArtográficos". Porém,

Nem todo artista será pesquisador no sentido estrito da palavra, embora a pesquisa em artes pressuponha uma práxis artística. Mas enquanto o artista, que trabalha unicamente em seu atelier, tem a liberdade e o direito de recusar toda e qualquer metodologia e sistematização de ideias, sobretudo em sua forma verbal e/ou escrita, o pesquisador em artes plásticas, ligado em geral a instituições de ensino e/ou pesquisa, tem um compromisso com a produção do saber e o efeito multiplicador de suas reflexões (CATTANI in BRITES e TESSLER, 2002, p.40).

O estágio docência impulsionou a formação como professor, artista visual e pesquisador, pois, a experiência com os alunos de graduação em Licenciatura em Artes, fez com que eu adquirisse uma postura ainda mais madura e responsável como educador, visto que, foi possível observar que o estágio docência é uma relevante atividade aos alunos de Mestrado, no sentido de reduzir a distância entre a teoria e a prática educativa no campo das Artes Visuais nos diversos níveis da educação formal, bem como, reafirma a

responsabilidade assumida enquanto professor desde a educação infantil até o nível superior de ensino.

Durante a experiência busquei oportunidades de provocar e ampliar o debate nas linhas pedagógicas adotadas pelo grupo, bem como, a partir de propostas artísticas, criar espaços para o pensamento e o fazer pedagógico. Além de conhecer as estratégias e metodologias de trabalho dos alunos graduandos, tive a oportunidade de apresentar pesquisas e trabalhos artísticos relevantes desenvolvidos na trajetória acadêmica, as quais me constituíram artista e arte/educador.

Compartilhei algumas experiências na prática docente em Artes Visuais que desenvolvo há sete anos no município de São Lourenço do Sul, na E.M.E.F. Prof. Armando das Neves, bem como, o projeto de pesquisa em desenvolvimento no PPGAV- UFPel. Apresentei e apliquei entre os alunos a proposta de microintervenção artística (Figura 63) a partir de pintura em pedras, ação esta que

possibilitou outros olhares e contribuições para a pesquisa intervenção.



Figura 63: Estágio docência, 2018.

Fonte: Cláudio Tarouco de Azevedo.

Em meu entendimento, o aprimoramento constante da prática pedagógica é capaz de ampliar as relações professor/aluno e, desta forma, promover educação crítica, afetuosa e cidadã.

O estágio docência contribuiu com o olhar do pesquisador, no sentido de que, carecemos cada vez mais, de educadores humanizados e sensíveis à vida como um

todo, pois antes de nossos campos de interesses e ações profissionais, somos humanos imanentes ao outro e à diversidade de espécies vivas do planeta que habitamos.

Assim pensando, a experiência no estágio fortaleceu tanto a minha formação docente, bem como favoreceu a formação dos alunos da graduação, pois o compartilhamento de experiências possibilitaram-nos vivências e percepções em relação às diferentes metodologias abordadas e a diversidade das ações artísticas e culturais capazes de promover educação estética na contemporaneidade.

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra

Drummond

Uma das principais características da contemporaneidade são os impasses sociais provocados pela lógica do capital e do consumo, visto que, ignoram a interdependência entre os homens e os bens naturais, culturais e materiais.

Segundo Guattari, a sociedade contemporânea atravessa uma crise sem precedentes em seus diversos setores, e necessitamos forjar novos paradigmas que serão, de preferência, de inspiração ético-estéticas. Portanto, nós professores não devemos negligenciar a necessidade de despertar nos estudantes a curiosidade e o desejo ao conhecimento, além de promover entre eles, processos

sensíveis e criativos através da participação ativa na construção dos diferentes saberes e da cidadania.

A lógica do domínio humano sobre a natureza prepondera sobre o conhecimento científico desde a modernidade e influencia até nossos dias os currículos escolares. A postura antropocêntrica traz consigo a ideia de um valor utilitário em relação à natureza, na medida em que, queremos explorar, dominar e transformar seus recursos de forma indiscriminada. Acredito que somente ao superarmos a dualidade homem/natureza e, ao nos inserirmos em uma mesma teia de relações e saberes conseguiremos sair da atual crise socioambiental que vivenciamos. Se faz necessário uma compreensão globalizada a respeito dos homens e suas relações com demais elementos e seres da natureza, incorporando-se ao ambiente de forma consciente e responsável em relação aos recursos naturais.

Assim pensando, a partir da produção artística autoral e de estratégias pedagógicas não convencionais às metodologias predominantes, desenvolvi uma dialética entre

o professor e o artista que transpôs o espaço da sala de aula e do atelier e, além disso, promoveu tanto para mim, quanto para os estudantes reflexões em relação ao contexto social, cultural e ecológico da comunidade escolar Armando das Neves, bem como, em relação à arte contemporânea.

Talvez, pelo fato de ter nascido em “outros tempos”, na década dos anos 1970, vivenciei inúmeras experiências estéticas e sensíveis em contato direto com a natureza que transcenderam ao tempo e, até hoje permeiam minha subjetividade. Por estímulos paternos, bem como, pelos princípios franciscanos adquiridos na escola durante a infância, conduzo tanto minha conduta, quanto às escolhas pessoais em consonância e respeito ao meio ambiente.

A relação que estabeleci com as artes teve início em idade tenra, visto que, desenvolvi desde muito cedo desenhos, pinturas e outros objetos artísticos que despertavam a atenção das pessoas próximas, especialmente entre colegas e professores no colégio em que estudava. A criatividade na elaboração das atividades escolares e as

produções artísticas foram os primeiros meios pelo qual fui reconhecido em meus grupos de atuação.

As artes permearam minha juventude e a vida adulta e, em nossos dias a docência em artes proporciona realização pessoal, pelo fato de valer-me da própria produção artística e dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, como instrumento afetivo, social, educativo e ambiental em minhas “cArtografias” cotidianas.

O professor/artista que pessoalmente chamo de “cArtógrafo”, é um pesquisador por meio das experiências estéticas e de vivências no âmbito escolar, bem como, autor criativo do próprio percurso poético. Transita entre seu processo artístico e o ensino/aprendizagem da arte conduzido pela via dos afetos, do diálogo colaborativo e pelo potencial transformador gerado pelas diferenças que confere identidade ao grupo sem desconsiderar as singularidades.

A artografia como método de pesquisa evidenciou a poética visual que desenvolvi e apresentei ao público neste

período e, tais experiências de produção, exposição e repercussão desses trabalhos, proporcionaram-me renovações nas cartografias cotidianas. “Artefatos e afetos” e a série de postais “RE” foram os trabalhos que destacaram-se entre essa produção, devido a interação e compartilhamento dos artefatos e afetos, bem como, dos cartões postais com pessoas queridas que, de alguma forma, sensibilizaram-se e contribuíram para o avanço e êxito do projeto de pesquisa.

As fotografias que produzi nesta etapa de formação, ampliaram o olhar do artista, bem como, serviram como instrumentos pedagógicos e micropolíticos em relação às questões estéticas e socioambientais as quais defendo. Os momentos dedicados ao ato de caminhar pela paisagem natural/urbana da cidade impulsionaram-me à registrá-la e, ao captar imagens através das fotografias, (re)eduquei meus sentidos em relação à observação, percepção, contemplação, paciência, respiração...

Mapear poeticamente meus lugares de afetos e inventar paisagens, além de ampliar o potencial criativo face

à produção artística contemporânea, aproximou meus territórios existenciais e fortaleceu ainda mais minha trajetória pessoal e às memórias afetivas que motivam essa caminhada e levam-me aos constantes deslocamentos entre as cidades de São Lourenço do Sul, Pelotas e Canguçu.

Em meu entendimento, a educação é um caminho iluminado que conduz à inúmeras descobertas e ao conhecimento, além de levar-nos à própria redescoberta ou reinvenção. Prova disso, é a produção artística que apresento neste trabalho, pois, ela configura uma perspectiva micropolítica às questões socioambientais através do olhar sensível de um arte/educador, inserido em uma realidade social na qual a educação sensível vem perdendo espaço para os comportamentos egocêntricos e consumistas.

Assim pensando, a escola enquanto espaço social e educativo tem sua função específica na sociedade, visto que, compreende ao conjunto de concepções e práticas dinamizadas através da ação pedagógica. Porém, na contemporaneidade, por inúmeros motivos (sociais, culturais,

étnicos, geográficos, políticos...), a educação escolar não tem dado conta de suprir as peculiaridades e às necessidades inerentes aos seus atores, como por exemplo, os espaços inadequados à ação pedagógica e a carência em recursos tecnológicos e de materiais didáticos condizentes com as diferentes realidades de nosso país.

O ensino da arte e a educação estética ainda ocupam um papel suplementar nos currículos escolares, visto que, sob o ponto de vista de algumas concepções político/pedagógicas, a escola é o lugar do saber sistematizado, direcionado ao pragmatismo da sociedade contemporânea.

A arte/educação em conjunção com a educação ambiental no processo de ensino e aprendizagem na Escola Armando das Neves é vital para que os estudantes estabeleçam uma melhor relação com seu meio, levando em consideração o impacto das ações locais e sua repercussão em escala global, de modo a tornarem-se mais sensíveis,

críticos, criativos e participativos às realidades do meio em que vivem.

As múltiplas interações nas aulas de artes, durante as caminhadas, na coleta de materiais e nas produções artísticas, reconstróem as relações e o fazer cotidiano em grupo. Neste sentido, o esforço constante esteve em olhar, perceber, escutar e considerar o outro e a natureza, através de atividades transformadoras do meio afetivo, social e cultural.

A caminhada em grupo pela orla da laguna é uma das atividades mais apreciadas pelos jovens, pois, coloca os corpos em evidência. O ato de caminhar, observar e contemplar o ambiente natural são processos enriquecedores que deverão constituir a base da elaboração dos conteúdos artísticos e pedagógicos por mim desenvolvidos na escola, na medida em que, os estudantes expandem o próprio olhar, através do conhecimento do corpo e de seu movimento no espaço, além das relações que

podemos estabelecer com o sentir, perceber, expressar, criar...

Neste sentido, verificou-se que os métodos da cartografia e a artografia, bem como, os referenciais teóricos abordados conferem legitimidade ao projeto de pesquisa proposto, na medida em que proporcionam reflexão, conhecimento, produção e fruição em artes, além de promoverem a ressignificação das subjetividades e do meio natural em que estamos inseridos. Além disso, tais metodologias em consonância, provocaram o artista/professor/pesquisador a reinventar a própria produção artística e sua prática pedagógica no meio do caminho; no processo cotidiano do pesquisar.

Como "cArtógrafo", ao difundir a educação ambiental por intermédio de ações artísticas, reafirmo a dimensão social da escola e da arte na sociedade contemporânea. Mediar a (re)descoberta desse patrimônio natural e, externar as relações entre qualidade de vida e o descarte consciente de resíduos é elementar aos estudantes, na medida em que,

São Lourenço do Sul aspira desenvolvimento econômico a partir de seu potencial turístico.

Nesta perspectiva, foi necessário transgredir alguns padrões existentes já consolidados na comunidade escolar em relação ao descarte do lixo nas praias, conduzindo os discentes pelo caminho das práticas coletivas, da produção e consumo consciente e, consecutivamente, a ressignificação do meio natural.

Os dados obtidos na pesquisa advêm do próprio processo e das ações desenvolvidas ao longo dele, como por exemplo: as caminhadas, a coleta e pintura dos artefatos e a microintervenção artística nas praias, bem como, a poética artística por mim criada neste período.

Ao retomar as questões iniciais desta pesquisa, verificou-se que o projeto de microintervenção foi significativo aos estudantes envolvidos, na medida em que, as ações vivenciadas objetivam à ressignificação das subjetividades e do cotidiano, pelo simples fato de harmonizarmos a vida pessoal à natureza, por intermédio da

ecosofia. Através das atitudes e dos relatos dos docentes, foi possível perceber que as ações desenvolvidas lhes foram significativas, visto que, as interações às atividades do projeto foram constantes e aprofundadas no que tange suas capacidades de sensibilização, reflexão e ressignificação do cotidiano.

Os resultados das ações pedagógicas apresentaram dinâmicas inclusivas de caráter socioambiental, que possibilitaram aos alunos e demais envolvidos no projeto reverem e/ou reverterem seus processos de alienação subjetiva, proporcionando o pensamento libertador capaz de instaurar, portanto, revoluções transformadoras. Temos na escola o locus fundamental de sensibilização para as ações socioambientais, com probabilidades dos estudantes darem sequência a esses processos de transformações fora do âmbito escolar.

A relevância de nossas ações são potencialmente positivas aos olhos da comunidade escolar, mas sobretudo, no cotidiano dos jovens docentes, residentes nesta área

natural ameaçada pela crescente urbanização, turismo desordenado e a poluição doméstica, bem como, ao desmatamento, a caça e a pesca predatórias dentre outras ações e suas consequências socioambientais. Penso que a microintervenção artística nas praias ao entorno da escola tenha sensibilizado também, uma parcela da comunidade local e usuários desses espaços naturais, de modo a provocar-lhes um novo olhar e atitudes outras frente à imensa fonte de vida que é a Laguna dos Patos.

Meu aprendizado a partir deste projeto de pesquisa firma-se em ações reflexivas e conscientes da necessidade de ser um constante pesquisador em meu cotidiano, para que possa assegurar aos meus alunos conhecimentos e fazeres artísticos voltados às suas realidades e ao mundo a que pertencem, de forma a tornarem-se participantes ativos nas questões socioambientais.

Nesta perspectiva, acredito que serão capazes de promover as transformações que desejamos em nossa sociedade, com possibilidades de novos caminhos a partir da

reflexão crítica sobre os modos de ver, pensar e agir em relação a si mesmos, ao outro e a seu meio.

No entanto, a complexidade do sistema atual evidencia uma progressiva crise cultural, política, econômica e socioambiental, tanto em nível nacional, quanto em proporções globais e, essa instabilidade imprimiu certa consternação a este trabalho. Na atualidade criar e produzir arte, promover a educação e defender as questões ambientais tornaram-se um desafio frente aos impasses políticos e ideológicos imbricados a esses temas.

Ao tratar das questões socioambientais, é impossível não evocar os sucessivos crimes ambientais causados por grandes empresas nas cidades mineiras de Mariana e Brumadinho. As terras das Minas Gerais foram levadas à exaustão através da exploração dos recursos minerais, por meio da ação irresponsável, gananciosa e destrutiva em relação à sociedade e ao meio ambiente.

O projeto de destruição socioambiental causado em Minas Gerais não foi suficiente, visto que, tais empresas

pretendem instalarem-se e explorar os recursos minerais de nossa região, mais precisamente na bacia hidrográfica do Rio Camaquã, formada por vinte e oito municípios gaúchos e, considerado um volumoso afluente da Laguna dos Patos.

A foz do Rio Camaquã situa-se no limite entre os municípios de Camaquã e São Lourenço do Sul e, caso tal empreendimento vier a tornar-se operante, será uma catástrofe ambiental anunciada e com precedentes; o decreto de morte da Laguna dos Patos, do bioma pampa e da região sul do Rio Grande do Sul, que já vem subsistindo com o desmatamento deliberado para a implantação de monoculturas desenvolvidas por meio de agrotóxicos nocivos à todas as formas de vida.

O dia 10 de agosto ficou marcado na história recente da Amazônia, do Brasil e do mundo como o "Dia do Fogo", quando produtores rurais e mineradores da região norte do país teriam iniciado um movimento conjunto para incendiar grandes áreas da floresta amazônica, amparados pela política econômica atual que estimula a abertura de áreas

protegidas da floresta para exploração do agronegócio e da mineração. Os principais impactos socioambientais das queimadas criminosas na floresta amazônica são a perda da biodiversidade, a alta emissão de carbono na atmosfera, dificuldades na recuperação da flora e as alterações no regime de chuvas em todo o planeta.

Além das questões socioambientais, a violência cotidiana é o reflexo de uma sociedade doente que convive com atos de racismo, homofobia, xenofobia, feminicídios, intolerância religiosa, entre outras formas de opressão praticados e difundidos nos diferentes níveis sociais e setores institucionais da nossa sociedade.

No Brasil, a própria vida humana tornou-se vulnerável no jogo do poder social e político. Como exemplo, trago o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco, símbolo de todas as formas de resistência dos negros, índios, pobres, homossexuais e demais minorias que sofrem injustiças cotidianamente e, chegam a pagar com suas próprias vidas pelo fato de discordarem e oporem-se às condições sociais

impostas e defendidas a qualquer preço pelo opressor sistema vigente.

A legalização do armamento da população brasileira tende a aumentar ainda mais os índices de violência e, não será diferente no âmbito escolar. Exemplo disso, foi o ataque criminoso ao educandário Raul Brasil em Suzano, no estado de São Paulo que, evidenciou a vulnerabilidade dos jovens à violência armada e a insegurança dos espaços educativos, bem como, a precariedade do sistema atual ao promulgar essa inconsequente legislação.

Para agravar tal situação, os cortes nos investimentos desde a educação básica às pesquisas de mestrado e doutorado apontam para uma naturalização da ignorância e, consecutivamente a incidência da criminalidade e demais problemas sociais dela decorrentes, dado que, a educação emancipatória e para todos parece não ser mais prioridade em nosso país na atualidade.

Destaco aqui, que mantenho relação como aluno do curso de Mestrado em Artes Visuais desde o ano 2015 e,

durante este período, não obtive fomentos intitucionais como por exemplo, bolsa de estudos ou outra forma de custear as despesas em meus deslocamentos diários ou em materiais didáticos e artísticos. Da mesma forma, não contei com incentivos para inscrições, translados e alimentação em exposições nas quais mostrei meus trabalhos artísticos, nem nos seminários em que apresentei o projeto de pesquisa desenvolvido no PPGAV/UFPeL.

Nesta sentido, trago esse trabalho despretençioso, apresentado a partir de uma linguagem simples, tal qual, simples é a casa que habito, a sala de aula que atuo, bem como, a minha vida pessoal. Tal simplicidade levou-me a idealizar, no ano de 2016, o atual projeto de pesquisa que preconiza o ensino da arte e a ressignificação do ambiente através de experiências estéticas investigativas em relação às potencialidades objetivas e subjetivas da arte.

Minhas “cArtografias” cotidianas proporcionaram-me encontros inusitados e experiências estéticas singulares, porém, foi no encontro comigo mesmo; por meio da própria

poética artística e da docência afetuosa e responsável, que pude dimensionar a relevância micropolítica desta pesquisa perante o contexto socioambiental em que vivemos. A partir desta realidade, sinto-me agradecido e, ao mesmo tempo responsável por coadjuvar na construção de olhares sensíveis ao mundo contemporâneo, que ora se apresenta pesado, frio e duro tal como as pedras que encontramos no meio do caminho.

Referências

ALVES, R. **Ao professor, com o meu carinho**. São Paulo: Verus, 2004.

DIAS, B. **Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes**. UDESC, 2008. In: Anais do XVII CONFAEB Florianópolis. Acessado em 01 de setembro de 2018. Disponível em: <www.aesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>.

BARRETO, P. **Devir-animal e educação**. Porto Alegre: Revista Educação & Realidade/UFRGS, 2002.

BENJAMIN, W. **Textos de Walter Benjamin**. São Paulo: Abril, 1975.

BOURRIAUD, N. **Estética relacional**. São Paulo: Martins, 2009.

BRITES, B.; TESSLER, E. **O Meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G.Gilli, 2013.

CARVALHO, I. **Sujeito ecológico: a dimensão subjetiva da ecologia**. São Paulo: Cortez, 2010.

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea**. São Paulo: Martins, 2005.

DAMÉ, P. **Artefato**. In.: 14 na rua - arte pra todos. Brasil Telecom, 2000.

DAMÉ, P. **Casa Redonda**. Florianópolis: UDESC, 2018.

DEBRAY, R. **Vida e morte da imagem**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

DEFESA CIVIL. Defesa Civil atua no resgate de vítimas da enxurrada em São Lourenço do Sul. **Portal do Estado do Rio Grande do Sul**, 2011. Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/defesa-civil-atua-no-resgate-de-vitimas-da-enxurrada-em-sao-lourenco-do-sul>>. Acesso em 01/06/2019.

DEWAY, J. **A arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DRUMMOND, C. **Alguma Poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

DUARTE JR. J.F. **A montanha e o videogame**: escritos sobre educação. São Paulo: Papyrus, 2010.

DUARTE JR. J.F. **O sentido dos sentidos**: a educação do sensível. Curitiba: Criar, 2010.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.

EPICURO. **Antologia de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)

FERREIRA, G; COTRIN, C. **Escritos de Artistas**: Anos 60/70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FONSECA T.; NASCIMENTO M.; MARASCHIN C.; **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

FREIRE, C. **Arte Conceitual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FREIRE, C. **Práticas do Processo**: Arte Conceitual no Museu. São Paulo: Iluminuras, 1999.

FREIRE, P. **A Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMBRICH, E. **A História da arte**. Rio de Janeiro: LTC. 2012.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Capinas SP: Papyrus, 2012.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GUATTARI, F.; DELEUZE G. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora 34 (volume 1), 1995.

HAMMES, E. **São Lourenço do Sul**: radiografia de um município – das origens ao ano 2000. São Leopoldo: Zeus (volume 1), 2010a.

_____. **São Lourenço do Sul**: radiografia de um município – das origens ao ano 2000. São Leopoldo: Zeus (volume 2), 2010b.

_____. **São Lourenço do Sul**: radiografia de um município – das origens ao ano 2000. São Leopoldo: Zeus (volume 3), 2010c.

_____. **São Lourenço do Sul**: radiografia de um município – das origens ao ano 2000. São Leopoldo: Zeus (volume 4), 2010d.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HERNANDEZ, F. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IABELBERG, R. **Para Gostar de Aprender Arte**: sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KAPROW, A. A educação do não-artista I, in **Revista Malasares**. nº 3, maio/junho, 1971.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE Lei 9.759/99
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>.
Acessado em 15 de maio de 2019.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

READ, H. **A Educação pela Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALL-E. Direção: Andrew Stanton, Produção: Jim Morris, 1 DVD (98 min) Disney/Pixar, 2008.